

**ezio**

**flavio bazzo**

**manifesto**

**aperto**

**à**

**estupidez**

**humana**



Este livro foi escrito e publicado pela primeira vez em castelhano, na Cidade do México, no ano de 1979. Hoje, traduzido ao português pelo autor.

Dele não há nenhum direito autoral. Abominamos a palavra COPIRRAITE. Portanto, as edições “piratas” e as denominadas “cinco estrelas”, estejam à vontade. A mim dá no mesmo vê-lo nas estantes da Academia de Letras ou nas mãos de algum mendigo solenemente entronado em sua latrina.

As ilustrações contidas nele foram retiradas dos Arquivos da Revista Víbora.

O nome Lilith, escolhido para esta editora, é o nome da primeira mulher de Adão, daquela que, antes de Eva, povoou os sonhos e os delírios dos homens. Rebelde, lúcida, cigana e demoníaca, negou-se a subserviência que lhe esperava e retirou-se do cenário “divino” para presidir o palácio de “Satã”, desse camarada que, depois de tudo, é o único que ainda merece nossa admiração.

Impresso no Brasil  
Verão de 1987

A  
ESTUPIDEZ  
É  
UMA  
ENFERMIDADE  
DO  
CARÁTER  
E  
PORTANTO... ALGO  
PASSÍVEL  
DE  
MUDANÇAS  
E  
ATÉ  
MESMO  
DE  
CURA

[ . . .patíbulo, calabouço e masmorra prosperam sempre à  
sombra de uma fé., dessa necessidade de acreditar em algo  
que infestou o espírito para sempre. . .]

E. M. Cioran

A  
ESTUPIDEZ  
É  
UMA  
ENFERMIDADE  
DO  
CARÁTER  
E  
PORTANTO... ALGO  
PASSÍVEL  
DE  
MUDANÇAS  
E  
ATÉ  
MESMO  
DE  
CURA

[ . . .patíbulo, calabouço e masmorra prosperam sempre à  
sombra de uma fé., dessa necessidade de acreditar em algo  
que infestou o espírito para sempre. . .]

E. M. Cioran

## PRIMEIRA PARTE

*“Um manifesto é uma comunicação feita ao mundo inteiro, na qual não existe outra pretensão a não ser a de descobrir o meio de curar a sífilis política, astronômica, artística, parlamentar, agrônômica e literária. Pode ser doce, bonachão ou agressivo, tanto faz. O certo é que tem sempre razão, que é sempre vigoroso, forte e lógico...”*

Tristan Tzara

Ora, ora, então acreditavas passar despercebido por outros vinte séculos, populacho? Acreditavas que as massas fossem formadas unicamente por fantoches e tontos como tu? Que todos teus crimes, teus delírios, megalomanias e arbitrariedades seguiriam repousando intactas no fundo de teu covil? Que engano! Outra vez te equivocaste! Tua vida é um monstruoso e trágico equívoco. . .

Tenho cem páginas em branco sobre minha mesa nesta noite de primavera, e nelas imprimirei o grito de todos aqueles que vitimaste, e terás que tragá-lo ou, num último gesto de ignomínia, retirar-te de uma vez por todas da história.

Conheço a relatividade de tua culpa e por estares demasiadamente longe da vida real, não há lei ou gesto que te possa executar, pois guilhotinar-te agora seria um crime, outro ato de barbárie e demonstração de não entender nada de tua posição miserável diante do mundo. Sempre tivestes “razões”, “motivos” e estupidez suficiente para fazer o que fazes e, principalmente, para inventar o sistema opressor que, quando não foi engendrado por ti, o foi por teus bisavôs ou outros ancestrais longínquos, indivíduos de vida débil, de corpo enfermo e de pensamentos sempre impregnados de um chauvinismo crônico.

Nunca avançaste um passo além de tua casa, além de teu escritório, de tua igreja ou de teu grupo neurótico de amigos, de mulheres submissas, escravas e dependentes que jamais puderam ou quiseram tomar uma posição libertária diante da escravidão vergonhosa sob a qual rastejam há séculos.

Tu, com toda essa coreografia de demente, jamais visitaste uma prisão, um manicômio ou um sanatório de velhos, e por isso não sabes nada de ti, nem daqueles que por ti pagam com a vida. Nunca pensaste na prostituição das mulheres da rua, das elites sociais ou da tua própria mulher, e estás sempre pronto para “viabilizar” outras maneiras de prostituir e de viciar os aspectos mais naturais da vida, sem suspeitar que amanhã, indiscutivelmente, serás vítima de teus próprios crimes, vítima de tuas próprias vítimas. . .

Tu, tecnocrata arrogante, nunca deixaste escapar uma palavra de solidariedade para com o mendigo que cruza cambaleante por teu caminho e és invariavelmente o mesmo, aqui ou em outra parte do mundo, com teu porte de macho-doméstico, as roupas da moda pagas em prestações absurdas ou à vista com os 10% que embolsas nas negociatas do Estado.

Sempre tu, vil chefezinho, embarcado em teu sorriso falso, rebaixando-te aos superiores ou a quem possa recomendar-te amanhã. Nunca observaste a natureza a teu redor, nem nunca te atreveste a duvidar, investigar, questionar ou repudiar valores que escravizam e reprimem a milhares de seres como tu. Nunca respeitaste verdadeiramente um homem ou uma mulher e quando juras que o fazes, é porque confundes respeito com indiferença.

Ah, populacho dominador, autoritário e impotente! Sempre teu perfil a colorir o tape das novelas, a ante-sala das embaixadas, os salões do vaticano e as privadas dos bordéis. Sempre tu a conduzir as rédeas das reitorias, do poder oligárquico dos Estados (não existe Estado que não seja opressor e autoritário) e da comédia humana. Sempre teus gestos ambivalentes e reprimidos a manipular talheres de ouro que custaram a vida e a miséria de gerações e gerações de trabalhadores e ingênuas senhoras que, sem suspeitar jamais de tua chacalice, geraram filhos para o escravismo e para a frente de batalhas infames. . .

Te entendo, populacho! Te entendo e te compreendo, precisamente quando vejo que retornas cansado e com o símbolo do abutre impresso no peito. Para ti a filosofia é inútil e quando em público, recitas algum axioma ou algum postulado, o fazes sempre para camuflar tua chaga incurável de populacho e para dissimular o grito de tuas origens que te chamam. . .

Te observo e vejo que comes com fúria, que limpas os dentes como um macaco e que sentas na varanda de tua casa para saudar doutores, políticos, secretárias, comerciantes, ladrões e outros representantes dessa comédia vergonhosa a que chamas SOCIEDADE.

Te sigo pela multidão desvairada e vais sempre espelhando-te nas vitrines, passando a mão pela bunda, cuidando para não sujar os sapatos e competindo até mesmo com os delinqüentes famintos da rua, que lambem as rodas de teu carro em troca de alguns cruzadinhos mijados. Conheço tua neurose obsessiva por dentro e entendendo tua necessidade doentia de ser admirado por todas as mulheres e invejado por todos os homens. Queres que os gerentes levistem e tirem o chapéu quando entras apressado com uma pasta sob o braço, como se todos devessem saber que transportas o saldo de teus roubos, sem nunca te permitires pensar que nem todos são aves de rapina como tu.

Em tua casa te embriagas com uma semana de férias, desfilas de uma janela a outra dentro de um pijama de presidiário e exiges que teus filhos tenham medo de ti, que tua companheira seja tua escrava e que teus vizinhos suportem teus gritos em silêncio. A poesia te repugna, a música te é indiferente, a arte te parece “coisas” de vagabundos e as viagens as fazes sempre cercado por cicerones e só visitas monumentos históricos, túmulos de heróis, museus ou cabarés famosos e, assim mesmo, somente quando estas visitas te puderem dar status, caso contrário, ficas enclausurado no trigésimo andar do Sheraton,

assistindo a filmezinhas americanos e roubando cinzeiros ou outras porcarias que já foram feitas e destinadas para hienas como tu.

Da paixão, fizeste um ato exclusivista onde tudo termina numa triste e precoce ejaculada. Tua ciência são as ordens que recebes e teu engrandecimento tem sempre a influência e o cheiro da bolsa de valores. Por ironia, quanto mais dinheiro acumulas, mais pobre te tornas, e cada vez mais te pareces com aqueles miseráveis de quem queres, a todo preço, fugir e diferenciar-te. Ah, mas é tão pouco o que te separa deles! Tão pouco que acaba resumindo-se no dinheiro que conseguiste, na projeção delirante que povoa teus sonhos e na tua presença inconfundível nos teatros de luxo ou nas sociedades herméticas.

Pobre populacho! Pobre caipira enganado! Pobre manipulador de dados e de sentimentos!. . . Fumas com gestos que não são teus, consumes uma MODA planejada e executada por uma rede de “viados internacionais” e repetes compulsivamente uma frase francesa com a intenção de ir galgando um lugar na Academia de Letras de teu país ou continente. Tua filha já fala idiomas, já pode executar Liszt (porque tu a obrigaste) e já foi apresentada ao noivo, rico e licenciado, só que é impotente e viciado em heroína. . . apesar de que não te preocupas com essas coisas, com essas “bobagens” sociais; principalmente, é claro, quando existe muito dinheiro em jogo, quando a herança do noivo virá solidificar teu capital e quando as “pequenas incompatibilidades matrimoniais” podem ser comprimidas entre as paredes da alcova matrimonial.

Em nada te preocupa a realização sexual de teus filhos e muito menos a de teus netos, uma vez que viveste a tua própria de modo enrustido e que foste um ideólogo dos mais ilustres no processo de educar para a ausência de sexualidade ou mesmo para a anti-sexualidade. Também, porque tua filha não teria outra alternativa a não ser de cair nos braços do populacho, já que é o populacho quem descreve e prescreve todos os “avanços” e todos os passos que as massas, cegas e enganadas, devem dar.

Ah, populacho! Percebo clara e cientificamente que em ti tudo foi estruturado sobre os pilares do medo e que é por isso que já na adolescência penduras no peito uma cruz, uma figa ou uma foto de teu mestre. É por isso que necessitas identificar-te com um time de futebol, com um artista de novela ou mesmo com um esturador anônimo. . . e engordas como um suíno e fazes questão de cultivar tua mediocridade mais desprezível e de ser um bestalhão que apoiará uma por uma todas as ditaduras que se instalarem no mundo. Em ti não existe nenhum desejo de pensar, nem mesmo admites a hipótese de ir além dos limites que te foram DEMARCADOS pelos dementes que te antecederam. Por incrível que pareça, para ti os símbolos são mais importantes que as coisas que simbolizam e os fantasmas de “outros mundos” te fazem defecar na rua ou sentir-te um Superman numa casa de umbanda.

Não tenho dúvidas de que és um Dobermann acorrentado e que quando deixas escapar algum latido, não o fazes por convicção, nem por nada, mas única e exclusivamente por submissão e por medo. Acotovelas-te nas universidades com outros membros da grande multidão de estudantes e estás sempre buscando erudição, nunca sabedoria. Nunca te preocupaste em descobrir as causas de tua miséria e da miséria de todas as gerações que te antecederam e preferes

discursar horas a fio sobre besteiras que já foram ditas, discutidas e superadas há séculos, ainda pelos primeiros descendentes dos gorilas.

A primeira vez que falamos, dizias ser Marxista e veneravas a Marx. Um pouco mais tarde, dizias ser Leninista e oravas a Lênin no saguão de tua casa e um pouco mais tarde, no dia de tua formatura, até um cego podia perceber que estavas apaixonado pelas teorias de Mussolini e que teus cabelos se punha em pé só de pensar nos projetos e nas diretrizes “honrosas” do imperialismo.

Sobes as rampas dos jornais para ser fotografado e quando suspeitas que teu gesto de vilania. Finges beijá-la, mas tens cuidado para não sujar o paletó e os bigodes naquele rosto esquelético e desnutrido, naqueles dentes podres e naquela mísera migalha do espetáculo humano. A imprensa não percebe, teus guarda-costas não percebem, o bispo não percebe, a multidão frenética não percebe. . . tu mesmo não percebes nada de teu gesto feudal e vais assim, pelos dias afora, acreditando piamente nesse filantropismo asqueroso. . .

Estás triste e deprimido em tua casa, quase apto a pôr fim à tua vida, mas basta que alguém bata à porta, para que apareças perfumado e com um sorriso de Monge Zen, por que tua especialidade é simular, representar, fazer de conta neste palco sem categoria que tu e que os de tua laia engendraram.

Mesmo passando a maior parte de tua vida mergulhado num poço de depressão, de inutilidade e de constrangimento, estás sempre tentando demonstrar discernimento, convicção e liberdade. . . mas lá no fundo, nos porões de tua história, sabes que não passas de um hipócrita e um canalha de segunda categoria. Persegues as filhas dos outros como se tivesses direito de copular com elas; enquanto que as tuas, mesmo quando conseguem gozar e ter prazer fora do matrimônio, são expulsas de casa e acusadas de libertinas ou putas, por ti.

Ontem, fizeste um escândalo e agrediste uma velha alemã, por que dizias: “é uma velha agiota e ladra!”. Hoje, alguns anos depois, emprestas dinheiro a 15% ao mês, compras jóias de famílias desempregadas e falsificas alimentos. Gostas de lançar os olhos para além das persianas das casas vizinhas e de levantar as orelhas para ouvir as intimidades dos outros, como se tu e tua mulher vivessem em permanente “lua-de-mel” e como se o que os mantém lado a lado não fosse única e exclusivamente o ódio, por um lado, e a impossibilidade de viver separados, por outro.

É interessante e patológico teu projeto de ser o mais rico, o mais famoso, o de renome e, para tal, mentes, roubas e escarras na face do mundo. Invades os cofres públicos, falsificas dados científicos, determinas leis econômicas selvagens sobre a comunidade, essa comunidade ingênua e estúpida que te deu poder absoluto sobre ela e, se for preciso, ainda tens o poder de criar outros sistemas repressivos, corpos paramilitares, de acionar a polícia-médica sobre as pessoas e de cavar um poço profundo para enterrar aqueles que considera impertinentes. Só que tem uma coisa: nos teatros tu aplaudes de pé, mesmo quando não entendeste uma palavra, uma nota, uma sátira. . . porque sabes que teus padrinhos e tua classe estão presentes, que te observam e que te julgam pelos aplausos e pelo estado de sua casimira importada.

Passas a vida inteira induzindo teus filhos, amigos e serviçais ao matrimônio, não porque acreditas que ele seja algo natural e saudável dentro de nossa cultura, mas unicamente porque não queres ficar só na armadilha em que

caíste e porque a liberdade dos outros te amplia a certeza de ser um escravo. Depois os incentivas a viajar para a Europa, a comprar uma casa de campo, a dar o dízimo, a pertencer à máfia, a seduzir adolescentes e a sonegar impostos; tudo dentro de um quadro visivelmente patológico.

A enfermidade é tua companheira de sempre, necessitas dela como do ar que respiras e é sob seus açoites que desenvolves tuas metas, teus objetivos e teus delírios. . . através do que, se pode facilmente entender as razões e a magnitude de tuas taras sociais e de todas as barbaridades que institucionalizas. És o cliente número um do populacho médico e comes até excrementos quando este os recomenda, porque para ti a medicina é a última palavra em tudo, desde o aleitamento materno, até as pontes de safena e os preservativos de borracha. Por debaixo de tua roupagem de “delicadeza” e através de teu caráter de escravo, conseguiste fazer da medicina e de todos os abusos que nela são cometidos, uma espécie de xamanismo moderno, onde a palavra do feiticeiro é inquestionável. Ah, populacho! às vezes é quase desesperador constatar que tu, através de tua mediocridade crônica, foste conquistando tudo no mundo a ponto de hoje até os meios de comunicação estarem sob teu domínio. Em tiragens cada vez mais faraônicas, teus jornais invadem os pontos mais longínquos das nações e dedicam-se quase que exclusivamente a tagarelar sobre crimes, oscilações da bolsa, bacanaizinhos culturais ou diplomáticos, enfim, em uma palavra, sobre a PROSTITUIÇÃO SOCIAL. Adquiriste, ninguém sabe como, o direito de vomitar indiscriminadamente sobre as massas, sem preocupar-te com as conseqüências íntimas e pessoais de teus vômitos sobre aqueles que não pediram e nem desejam ver-te acenando do balcão de teu palácio. Adquiriste a liberdade de “afogar” a vida em assaltos, demagogias comerciais, histerismos políticos e informações ridículas e estúpidas como tu mesmo. . . sem que, para isso, pelo menos imediatamente, tenha que prestar contas ao povo e à história.

E amanhã, vais outra vez ao teatro, com tua voz reprimida, com teu passo de asno domado e te confundes com outros pederastas ou homossexuais como tu e, enquanto seduzes garotos e garotas “indefesas”, acreditas estar fazendo a mais louvável das REVOLUÇÕES SÓCIO-SEXUAIS do século. As ruas, as escolas, as igrejas e os clubes, assim como os chamados centros científicos que proliferam com o a lepra na atualidade, estão cheios de pessoas covardes, mentirosas, hipócritas e suas que não merecem nem mesmo um olhar, uma palavra, um voto de confiança. Homens de tua índole proliferam como as ratazanas e são, todos sabemos, os hospedeiros diretos da decadência!

Estou cansado de saber que tu, quando pertences a algum tipo de “aristocracia”, és sempre um aristocrata de nascimento ou de dinheiro, jamais um aristocrata de “espírito”. Nenhuma das denominadas aristocracias, até hoje, passou de delírio racial, de crise esquizofrênica ou de manifestações fascistas de alguns grupos que, apoiados em pistoleiros de aluguel ou em exércitos, defenderam essa patologia. Tu e todos os que te cercam, quando assumem esses ares de “aristocratas”, deveriam olharem-se num espelho ou, pelo menos, visitarem a jaula dos gorilas do Zôo, o que seria suficiente para entenderem que essa “aristocraciazinha” é algo tão besta e tão canibal que não caberá em nenhuma sociedade futura. . . Agora, uma coisa é certa: neste mundinho de répteis, todos teus planos foram convertidos em LEI. Aqui, tua voz foi ouvida, teus

projetos levados a cabo até as últimas conseqüências, tuas paranóias foram transformadas em CONSTITUIÇÕES e teus distúrbios intestinais considerados males universais pela ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Aqui, neste planetinha ridículo, tuas “leis pessoais” foram convertidas em “leis sociais” e a bandeira que projetaste, balança soberbamente ao vento contínuo da falsidade humana. Tu, com teus laçaios, conseguis-te confundir-te a ti mesmo, inutilizar o solo, retardar velhos e crianças, esquizofrenizar a juventude e esquematizar uma rota suicida para a vida. Conseguiste criar os ESTADOS, os países, o FMI e todas as demais instituições internacionais que, por debaixo dos panos, têm um papel INTERVENCIONISTA, uma função de repassar e de impor ideologias macabras sobre povos mais indefesos; ideologias estas, sempre contra o prazer, contra EROS e contra a vida.

Tu, populacho, através de teus gestos diplomáticos e de tuas tabelas estatísticas, conseguiste disseminar dezenas de patologias entre os homens e entre as mulheres, isolar os átomos e engendrar bombas, matar através da acupuntura, da cicuta e de todos os demais sistemas “farmacológicos”. Conseguiste violar o mundo dos “loucos”, legalizar hospitais psiquiátricos e casas de prostituição com as mesmas facilidades com que anteriormente havia legalizado as imobiliárias, os bancos, os postos de sangue e o mais vil de todos os crimes: *o aluguel de uma casa*. . .

Todos acreditam em teus “acidentes”, em teus “enfartes” e em teus inesperados achaques mentais. . . mas os mais lúcidos não caem nessa tua mentira infame, porque te percebem planejando covardemente tua própria morte. Como os coelhos australianos, morres psicicamente muito antes de tua morte física e eu, não faço outra coisa mais que espiar. Não tenho absolutamente nada a ver com esse banditismo oficializado nem com essa palhaçada social infame. . . e apenas te observo, avalio a magnitude de teu desespero e a profundidade das raízes de tua covardia. Em um outro momento chego a chorar com teu pranto; em outro, a gargalhar com tua gargalhada maníaca. Pela mesma razão pela qual me impedes de viver, eu te impeço de morrer! Permanecerás sensível e vivo até que seja consumido esse carvão úmido e essa arrogância nefasta que em ti habita!

Ah, ralé humana! Que infelicidade contemporanizar-te!

Quantas vezes te surpreendi humilhando, mentindo e roubando a seres mais simples e mais pobres do que tu, e tuas mãos eram ágeis, teus olhos estavam entorpecidos e toda tua coreografia levava visível a marca registrada da corrupção social. Quantas vezes assisti tuas conferências, teus discursos, tuas Aulas Magnas, ou mesmo tuas ninharias promíscuas ou teus gozos masoquistas. . . e sempre te apresentavas com essa mesmíssima cara de ovelha saciada. Quantas vezes te encontrei alcoolizado, aplicando-te heroína na veia dos pés, comendo peyote ou entupindo o esôfago com barbitúricos. . . e sempre dizias as mesmas coisas, recitava um fragmento dos Evangelhos, uma frase de Rajneesh, um dogma de Stalin ou então inventadas aventuras eróticas que nem mesmo o velho Casanova chegou a realizar.

Quantas vezes encontrei teus filhos desamparados, carcomidos pela tristeza e com marcas de tortura pelo corpo que, quando não foram deixadas pr ti,

levavam teu aval. Teus filhos são literalmente aniquilados pela tua barbárie e pela barbárie do sistema que legalizaste. Ninguém tem dúvida de que és um reprodutor de 5.<sup>a</sup> categoria ou uma mulherzinha que geneticamente odeia crianças. Antes de engravidar uma mulher ou antes de permitir que te engravidem, deverias dar provas de que sob essa tua pele “ariana”, “africana” ou “hebréia” não se oculta um asno desvairado, desses que passa a vida no trabalho e que interna seus filhos em escolas-prisões ou em cárceres religiosos, cuja função é dismantelar a vida das crianças, tornando-as submissas, passivas e covardes diante da sociedade. Antes de converter tua ejaculada numa tragédia humana ou tua ovulação num desastre ecológico deverias mostrar tua capacidade de discernimento diante da vida e de serenidade diante da morte. Deverias dizer o que comes e o que bebes. . . o que sonhas. . . o que planejas para acelerar a liberdade futura de todas as crianças. . .

Nem suspeitas que para conhecer-te estive durante muito tempo sujeito às tuas idéias, que convivi pacientemente a teu lado, que assisti a tuas conversas e aos teus planos sem nunca perder de vista o grau de tua debilidade mental. Acompanhei-te por estradas diversas, olhando pasmado para teus gestos, escutando com atenção tuas mentiras infames e investigando rigorosamente teu ciclo vegetativo. Algumas vezes atrevi-me a comentar sobre teus braços rígidos, sobre a nítida repressão de tua coluna dorsal, de teus conceitos autoritários sobre a sexualidade humana e sobre o porvir dos homens. . . e tu reagias imediatamente com uma resposta evasiva e desviavas o discurso para outro lado, acusando-me de ter inveja de teu “êxito” profissional ou de ser um esquerdista imaturo, conforme a teoria de Lênin. Também dizias que a estética e o corpo eram para ti absoluta e simplesmente uma merda. . . pobre populacho!

## SEGUNDA PARTE

*“ . . .sim, não existe construção possível a não ser na base do desespero individual e na base de sua superação: os esforços empreendidos para mascarar esse desespero e manipulá-lo sob uma nova embalagem bastariam para o provar.”*

Raoul Vaneigem

Passei noites inteiras ouvindo-te desabafar sobre a arte, sobre tuas exposições internacionais, sobre tuas histórias de amor ocorridas acidentalmente e sempre sob os olhos ditatoriais de teus bisavôs ou de teus padrastos, todos exploradores de indígenas indefesos ou escravagistas brutais que fizeram dos negros uma classe oprimida e que queriam ver-te estampado nos jornais como um representante artístico de seus crimes. E tu só sabias falar de Shakespeare, de Beethoven, de Van Gogh. . . sem suspeitar que se eles estivessem vivos, seguramente se levantariam em armas para impedir que a burguesia, essa classezinha ridícula, sustentasse seus delírios sobre seus nomes. Tu jamais poderás acreditar no que aqueles homens, cujos nomes pronunciavas esnobemente, tiveram um desprezo absoluto por tua classe, que os personagens de Shakespeare retrataram toda tua imbecilidade, que a música de Beethoven foi um protesto contra tua existência e que Van Gogh cortou-se uma orelha para fazer-te entender que tu e tua camarilha administravam um sistema retrógrado e vil.

Ah, populacho! Te vi engravatado no parlamento inglês e levantavas os braços, gritavas e respaldavas leis que, anos depois, iriam justificar os crimes das Malvinas, exatamente como haviam justificado os crimes cometidos na Índia, na África e em outros países onde tuas garras alcançaram. Depois, um pouco depois, seguias gritando “Vivas” diante do espetáculo medieval da “troca de armas”, como se aqueles soldados idiotas fossem para ti os defensores do povo e da humanidade. Em outro momento estavas sujo e embriagado num trem que ia de Viena a Istambul e, por uma poltrona, esbofeteaste uma mulher desconhecida que, fosse o que fosse, não era digna da barbárie de tuas patadas. Numa ilha grega deslizavas sorratamente de barraca em barraca vendendo narcótico, heroína e LSD à multidão de jovens errantes que, por terem entendido o significado de suas famílias, das religiões e as intenções não expressas dos governos, perambulavam de um extremo a outro do mundo, deixando lacrado nas

paredes da história seus protestos. E não me venhas com o discurso reacionário de quem ganha três mil dólares por mês, dizer que foi apenas um modismo da juventude parisiense, que apenas os muros de Paris registraram tal “rebelião”, que foi algo místico que estava determinado para ocorrer em 1968, que no México a repressão policial foi justa, etc, etc. Por favor, não me venhas outra vez com esses argumentos infames, porque conheço a etiologia dessa farsa e sei muito bem sobre que pilares está sustentada.

Em Ibiza e Formentera, também estavas presente e saltavas para dentro de casas alheias com uma metralhadora em punho, gritando chavões franquistas para amedrontar e reprimir jovens indefesos que não faziam mais que pintar e compor para o deleite futuro de teus filhos. Jamais tiveste sensibilidade para ouvir a melodia daqueles violinos que eram exercitados junto ao aparente sono do Mediterrâneo e só sabias investigar, correr atrás do cheiro de 10 miligramas de heroína ou de algumas migalhas de maconha, mesmo quando teus “chefes” se embriagavam todos os dias, quando tua mãe só conseguia dormir com barbitúricos e tu mesmo, cão de fila, necessitavas dar uma aspirada em cocaína para cometer teus crimes. Desperta, pobre palhaço, marionete de governos de latifundiários, desperta antes que uma “ordem superior” determine o teu próprio aniquilamento.

Um dia, burlando teus esquemas de censura, publiquei em teu jornal um artigo sobre a inexistência de um de teus mitos máximos, fato este já consumado e demonstrado por dezenas de pesquisadores respeitáveis. No outro dia, quando te deste conta, caíste de joelhos diante da máfia religiosa que te mantém no poder, choraste sob o chicote de tua “santa-esposa” e, publicamente, pediste perdão ao populacho demente que exigiu, de ti e de todos os repórteres, explicações imediatas e medidas drásticas. Toda a cidade, esse aglomerado de babacas, levantou-se em armas a teu favor e se escandalizou com o artigo que sustentava, simplesmente, que tudo o que dizia respeito àquele mito, não passava de uma lenda sem sentido, uma novela inventada por ignorantes e por ortodoxos que viviam em condições esquizofrenizantes. Ah! Jamais poderá admitir que alguém, mas inteligente e mais estudioso que tu, questione tuas crenças; porque sabes que toda tua vida está apoiada sobre mentiras, palhaçadas e neuroses incuráveis e que um simples sopro é suficiente para reduzir-te a um espectro acabado. Desafiei-te para um diálogo aberto sobre a questão, mas tu não participaste a ninguém meu desafio e preferiste continuar publicando cartinhas dementes de fanáticos como tu, que não haviam sequer entendido o elementar do artigo. Tudo cooperou para que a visão de vários leitores sobre aquilo, que teus lacaios chamam de religiosidade, se tornasse mais clara a ponto de hoje, mais do que nunca, entenderem a profundidade dessa enfermidade, desse delírio, dessa lepra administrada sistematicamente sobre a humanidade, desde o berço até a tumba(1). Confirmei também, depois dessa desprezível palhaçada, que tu e toda essa cambada de chefezinhos eunucos são, literalmente, “tigres de papel”, para plagiar MAO TSÉ TUNG. Fantoches que só assustam a crianças pré-escolares ou

a funcionariuzinhos dementes que se cagam de medo que tu ou outras forças ocultas os joguem no olho da rua. Se não fosse por isso, acredito que mais de um desses trabalhadores já teria te apunhalado pelas costas ou, pelo menos, desarticulado teus molares. Jamais enfrentaste alguém cara a cara e, se alguma vez simulaste fazê-lo, foi porque antes havias orientado o franco atirador que, por detrás das cortinas, esperava pela tua senha. Tua conta bancária e tua coluna social diária são os elementos mágicos de tua megalomania e dão-te a ilusão de ser impune, principalmente numa sociedade de parasitas, otários e novos ricos, que simbolizam o que de mais calamitoso existe em nossa era.

Ah, populacho, sempre dominante e herdeiro de todo o patrimônio humano! Sempre tu a desvalorizar a vida ou a pendurar-te numa corda! Um dia o mundo poderá saber a causa de teus medos e o quanto isso é responsável pela administração sistemática da opressão e da repressão sobre os povos e então, talvez, possas deixar de comer tuas próprias mãos e teus próprios pensamentos que, segundo tu, estão constantemente convidando-te para o auto-aniquilamento.

Observo que dás ordens e és uma mulher gorducha, com marcas de reumatismo pelas pernas e de tristeza pela cara. Teus olhinhos tremulam e saltitam de um lado ao outro de tuas têmporas como tentando adivinhar o caminho mais curto que te pode levar ao terreno das vantagens pessoais. Vives aferrada às instituições públicas como um parasita às tetas de uma vaca selvagem e já empregaste teus netos, tios, irmãos, primos, amantes e afilhados, todos, de maneira ilegal e corrupta, com salários vinte vezes superiores aos dos trabalhadores que labutam pela tua sobrevivência, pelo teu alimento e pelas peças supérfluas que levas dependuradas em tua ornamentária. Estou sentado bem atrás de tua poltrona, sentindo teu cheiro de suor e acompanhando teus gestos. . . e não posso conceber que tu, com essas características de chimpanzé, possas ter, sob tuas ordens, cinqüenta ou quinhentos jovens saudáveis e cheios de possibilidades político-sociais que são radicalmente antagônicos a ti e a teu modo de pensar, como se eles representassem a EROS e tu a THANATOS.

Vejo tua foto nos jornais de todo o país e te representas como terapeuta clínico, como cientista, como educador, como filantropo ou como iluminado e depois leio tuas declarações estupendas, sempre roubadas de pesquisadores de renome e penso: até onde isso é um crime e uma canalhice praticados contra os ingênuos e ignorantes segmentos da sociedade? Mas não posso fazer nada, ninguém pode fazer absolutamente nada, porque, como já sabes, as grades massas e os teus clientes pensam exatamente como tu; tu e eles formam uma só chaga indivisível e alimentam-se mutuamente, concretizando com isso a maior e a mais gigantesca de todas as farsas. Uma simbiose de simuladores como a história jamais conheceu. Inclusive, acredito que os farsantes de tua laia são até indispensáveis neste contexto maníaco-depressivo em que vivemos, e que tuas mentiras místicas ou científicas são o bálsamo para essas multidões

(1) “. . . Busquei em vão nos Evangelhos um traço simpático e concluí que nele não existe absolutamente nada que seja livre, franco, leal. No Novo Testamento, só existem instintos maus e tudo é covardia, olhos fechados e auto-engano. Qualquer tipo de literatura se torna honesta depois de ler-se o Novo Testamento; por exemplo, li com prazer, imediatamente depois de São Paulo, esse encantador e cínico que se chama Petrônio. . . imortalmente saudável, imortalmente alegre e afortunado. . . Em todo o Novo Testamento existe apenas uma figura honorável: Pilatos, o governador romano. Pilatos não poderia haver levado a sério uma disputa de judeus. Um judeu a mais ou a menos, que importância teria? A nobre ironia de um romano, ante o qual se fez um descarado abuso da palavra verdade, enriqueceu o Novo Testamento com a única frase que possui valor escrito e bem delimitado que é sua crítica e até seu aniquilamento: que é a verdade?”

Nietzsche F. *El Anticristo*. México, ed. Libros Económicos, pp. 93-94.

envergonhadas que, desde que perdemos o rabo, são massacradas, enganadas e aniquiladas. Rio quando apareces na TV, um paletó comprado em prestações, os olhos cravados na objetiva do repórter com a intenção de transmitir aos teus “discípulos” uma imagem de iluminado e, ao mesmo tempo, sem te dares conta, apertas os maxilares para não deixar escapar um grito de desespero e de pânico. Rio em segredo, certo de que não suportarás esta comédia por muito tempo e porque sei até onde teu discurso se contrapõe à tua prática. És capaz de dar uma parte de tua vida para ocupar um cargo de chefia, para poder dar ordens, correr de um lado ao outro da fábrica, vigiando e punindo trabalhadores. És capaz de não dormir em paz no dia em que não agredires nem prejudicares um de teus subalternos, porque teus acessos de “poder” estão basicamente sustentados na debilidade e na vulnerabilidade dos que te cercam. Entre seu discurso de líder sindical ou de fanático religioso e tua prática cotidiana existe um abismo vergonhoso que te transforma num verdadeiro palhaço, vil e demente parasita que julga tudo e todos a partir de tua própria enfermidade.

Ah populacho! Estive durante quinze anos viajando pelos labirintos de tuas cidades, vestindo tua roupa, hibernando diante de tuas novelas, rezando para teu “deus”, fingindo ter epilepsia em teus terreiros de macumba, relacionando-me intimamente com tuas filhas e mantendo-me sério e sóbrio diante de teus achaques de grandeza e de messianismo. . . mas nunca me enganaste. Sempre pude ver-te além das máscaras, além de teu sobrenome, além das escravas que tua mãe, cem anos depois da chamada Lei Áurea, ainda mantém segregadas em tua casa, além de teus gestos “finos” e estereotipados e de tuas dissimulações de pedante e de teórico insuportável. Tu e toda tua laia de professores, padres, políticos, místicos e pais de família, se fossem submetidos a um julgamento real, estariam abaixo, muito abaixo das putas, dos delinqüentes e dos cachorros famintos das ruas. E é por isso, exatamente por isso que quero mijar a cores sobre teu nome, sobre teus títulos, armas e desejos criminosos!

As vezes que submeti-me a tuas vontades e a tuas orientações, foi quando pude descobrir que és carente em tudo, que tua mãe foi uma pobre desgraçada, teu pai um brutamente desvairado e que, esses dois personagens juntos, te embebedaram com ordinárias façanhas matrimoniais. Qualquer um que te acompanhe por algumas horas descobre logo que nunca tiveste afeto, nem segurança, nem alegria e muito menos um GRANDE DESEJO. Por seres neto, sobrinho e filho de populacho, sempre foste indesejado, repudiado e trucidado psicologicamente e, provavelmente, serás sempre populacho. . .

É curioso, mas sempre que queres cativar alguém, o cobre de elogios, dormes com ele, passas para sua religião ou para seu partido, por mais estúpidos e absurdos que sejam. Já pude ver-te, em um mesmo dia, fazendo a apologia de São Francisco de Assis e a de Stalin! Ou então, a de Emma Goldman e a de Messalina. Para ti tudo é igual, uma vez que possas esconder tuas chagas, discursar em rodas de café, violar tua aluna ou tua paciente e embriagar-te às escondidas. Conheço-te por dentro, ladrão de bibliotecas, tecnocrata autoritário, mecanicozinho que rouba seus clientes ou delinqüentezinho que veste hoje as fraldas e as ideologias de Krishna ou de Rajneesh(2) e que ontem vestiu os

casacões de couro da GESTAPO ou as botas altas dos MERCENÁRIOS que, no silêncio das noites, degolaram crianças angolanas, vietnamitas e incas! Sei as razões de teus disfarces e as seitas pelas quais ainda passarás, cumprindo com todos os postulados das mesmas. . . Enfim, entendo porque a história faz de ti uma verdadeira marionete, um boneco de mamulengo manipulado pelas mãos ágeis de algum outro farsante. E não tenho motivos para negar que esse é meu gozo, que gozo ao ver-te atacado pelas próprias víboras que engendraste.

Um dia, também, descobrirás que todas as mulheres dos prostíbulos (que não são diferentes de tua esposa) foram escravizadas por teu domínio econômico e por tua sexualidade reprimida e poderás conscientizar-te de que, depois de séculos de ESCRAVISMO–SEXO–CULTURAL, elas inventaram uma linguagem especial e uma estratégia sutil que te reduz, invariavelmente, a um imbecil e a um babaca que tem dinheiro, influências, uma impotência crônica e nada mais. Todo esse teu falso pudor e essa falsa moral cristã que apregoas serão estremecidos pela descoberta de que para as mulheres, inclusive para as que não são frígidas, não passas de um porco em cio, de um ejaculador precoce que, apoiado por outros como tu, detém o poder, a política, a ciência e as leis.

Depois que soubeste o que penso de ti, de teu trabalho, de tuas façanhas e de teus sonhos, te inflamaste de ódio e permanentemente fantasias destruir-me. . . só que tua vida não vai além de fantasias. . . por enquanto sei que posso dormir seguro e longe de teu braço assassino.

Mesmo sabendo de tudo isso, sempre te suportei em silêncio, a ti que és um comerciante, um industrial, um travesti, um “FILHO DE MARIA”, um primo de Jeová ou um torturador de presos políticos. A ti que te fazes chamar “doutor”, que acreditas ser “nobre”, que te orgulhas por ser neto e uma família de colonizadores e a ti que és um GAY enrustido: sempre te suportei em silêncio, porque sei o tipo de areia onde estão sustentados teus pilares, porque sei que nunca entendeste uma linha da Desobediência Civil, de Thoreau; que jamais estudaste palavras de Zaratustra e que nunca leste uma peça de Ibsen ou um parágrafo de Cioran. Sempre suportei-te em silêncio porque sei o quanto temas a solidão, a verdade, as coisas mais simples da vida, o abraço de uma criança que te aborda num beco ou numa prisão de menores e mesmo a paixão natural de uma mulher enamorada. Tenho pena porque corres pela rua com ares de debilóide, as calças suadas na bunda, os cabelos grisalhos, as unhas bem feitas e com um punhado de contratos e de seguros de vida sob o braço. Depois gaguejas diante de um gerente ou de um policial e, no outro dia, peidas num ônibus lotado ou tentas ver as calcinhas de uma doméstica. Tenho pena de ti quando te vejo inquieto numa fila à espera de

(2) “. . . a história não é mais que um desfile de falsos absolutos, uma sucessão de templos levantados a pretextos, uma prostituição do espírito diante do improvável. Inclusive quando o homem se afasta da religião permanece sujeito a ela, esgotando-se na luta para inventar simulacros de deuses, os adota depois febrilmente. sua necessidade de mitologia e de ficção triunfa sobre a evidência e o ridículo. Sua capacidade de adorar é responsável por todos seus crimes; aquele que ama indevidamente a um deus obriga outros a amá-lo ou os extermina quando estes se recusam. As épocas de fervor religioso-místico são sempre saturadas de façanhas sanguinárias. Santa Tereza não poderia haver deixado de ser contemporânea dos “autos-de-fé” e Lutero das matanças de camponeses. Nas crises místicas, os gemidos das vítimas são paralelos aos gemidos de êxtase. . . Patíbulos, calabouços e masmorras prosperam sempre à sobra de uma fé, dessa necessidade de acreditar em algo que infestou o espírito dos homens para sempre. Os verdadeiros criminosos são aqueles que estabelecem uma ortodoxia sobre o plano religioso ou político, os que distinguem o “fiel” e o “crítico”. A sociedade atual é um inferno de salvadores, bestas enfermas que se dizem iluminadas e até aptas para curar. . .” E. M. CIORAN

um número, de um carnet, de uma gratificação ou, quem sabe, da ficha que permitirá o internamento de tua filha ou de teu filho num desses manicômios ditos judiciários. Ah, gostaria que conhecesses a farsa que significa o que hoje se respeita como ciência e a armadilha que representa o que hoje se entende por SOCIEDADE. . . tua incompreensão e tua preguiça me encham de ódio.

Te odeio também quando queres fazer-te passar por gênio ou quando me cumprimentas encolhido, perfumado e com roupas de palhaço. Te odeio quando queres exhibir-me tuas riquezas, tuas fortunas ou teus objetos de ouro, porque imediatamente penso nas cifras e nos dados estatísticos que revelam a quantidade de famintos, de miseráveis e de trabalhadores que pagaram por eles. E não adianta jurar-me que foram comprados com o suor de teu rosto, porque sei que teu rosto suou apenas por “outras razões” porque entendo que a riqueza e o supérfluo só podem ser adquiridos através do roubo, da fraude, dos desvios de verbas públicas, dos 10% recebidos sob os panos de tua prefeitura, de tua secretaria ou de teu cartório. Um dia, esses ladrões oficiais terão que ocultar suas riquezas, porque todos saberão que a riqueza não é viável pelas vias laborais e que todo homem rico de hoje foi um ladrão e um farsante ontem. Provocas asco quando massacras os mais débeis, quando torturas teus filhos ou roubas com um sorriso religioso nos lábios. É odioso ver-te embriagado, supostamente para comemorar um avanço revolucionário, como foi no caso da derrubada de Somoza; porque hoje, alguns anos depois, encontro-te fazendo a contrarrevolução em troca de um apartamento em Miami ou de cinco mil dólares ao mês que a CIA deposita em tua conta no Texas. E o recado é também para ti, delinqüentezinho de 5.<sup>a</sup> categoria que, ao invés de, pelo menos, ir roubar as grandes mansões, os bancos, as multinacionais, a zona luxuosa da cidade; preferes esperar de tocaia pelos teus companheiros de miséria, sem saberes, evidentemente, que estás, outra vez, servindo de laçao a um sistema que te considera uma merda. Entendo, entendo que o estado de alienação em que vives não te permite questionar essa gigantesca instituição que se chama ESTADO e que é por isso que só sabes gritar por ELEIÇÕES DIRETAS, pelo FASCISMO, PELA CONSTITUINTE, pelo COMUNISMO ou pela revolução SIONISTA. Te vi várias vezes e em diversos países do mundo, sempre gritando pela liberdade de votar, pelo direito ao povo, pela democracia das urnas, etc., etc; e ao mesmo tempo em que te observava, ia pensando nas palavras de Bellegarrigue, que proclamava: “. . . *por meio do voto o eleitor diz ao candidato: dou-lhe minha liberdade sem restrições nem reservas, ponho à sua disposição minha inteligência, meus meios de ação, meus créditos, minha atividade e toda minha fortuna; cedo-lhe meus direitos de soberania. Bem como e por extensão, também os direitos e a soberania de meus filhos, parentes e concidadãos, tanto ativos, como inertes. Tudo isto lhes entrego para que usem como lhes pareça melhor, seu humor é minha única garantia. E não importa que o candidato seja um ou outro, comunista ou fascista, republicano ou democrata; o homem que se faz eleger é meu amo e eu sou uma coisa sua. Com o que, fica claro que o voto é, por um lado, uma farsa; e por outro, uma maldade ou, para dizer mais claramente, uma exploração. Quando pedes liberdade ao governo, a estupidez de teu pedido demonstra imediatamente a este que tu não tens nenhum conhecimento de teus direitos. Teu pedido é um ato de subalterno e uma declaração de inferioridade. Ao constatar sua superioridade, o governo aproveita-*

*se de tua ignorância e comporta-se a teu respeito como deve comportar-se com um cego, porque realmente estás cego. . . Para ser livre só é necessário querer. A liberdade, que estupidamente aprendemos a esperar como um DOM dos homens, está em nós; nós somos a LIBERDADE e portanto, para obtê-la, não são necessários nem os fuzis nem as barricadas, a agitação, os votos, as facções, etc., já que tudo isso não passa de histerias. E como a liberdade é honesta, só se pode alcançá-la com reserva, serenidade e decência.”*

Ah, populacho! Inúmeras vezes o mundo tem proclamado contra ti parte do ódio milenar que foste depositando no coração dos homens libertários e, assim, como não tens nenhum preconceito contra a burrice, é justo que o mundo não tenha nenhum contra o ódio e, depois de tudo, talvez só o ódio poderá conduzir-te outra vez para o lugar de onde migraste.

Vives permanentemente fingindo viver em harmonia e em “lua de mel” com tua esposa, submissa e escrava de teus temores, mas no fundo sabes muito bem que tu e ela estão ligados apenas pela simbiose, pela competição e, inclusive, por um forte laço de violência. sabes que a odeias, e muito mais, que és odiado por ela; mas a suportas, porque queres exhibi-la, usá-la, aniquilá-la e porque, de nenhuma maneira, queres dar chances para que a sociedade te rotule como solteirão, solitário, viado ou eremita. É bom que saiba, populacho: casado, solteiro, bicha, viúvo, ou o que quer que seja, estás condenado a ser para sempre um estereótipo perfeito da mediocridade, uma criança dependente, frágil e perdida. . .

Agora, uma coisa é certa: estou perdendo meu tempo no teclado desta velha Olivetti. Por quê? Ora, por quê? Porque sei que para ti, nada disso que escrevo tem valor, tudo não passa de um “despeito literário” que, evidentemente, em nada alterará tua marcha, nem tua demência precoce. Te esqueces rapidamente das barbaridades que praticas e sou capaz de apostar que em tua mente, já não existe mais o mínimo vestígio dos acontecimentos desencadeados por ti e que levaram SACCO e VANZETTI à cadeira elétrica. Ou estou enganado? Lembras-te desses dois homens corajosos que levaste sujamente para a morte? Desses dois italianos que, instintivamente perceberam a dimensão de tuas alianças imperialistas e que dedicaram contra elas a própria vida? Ah, jamais chegarás aos pés de um SACCO e nunca terá o valor de um VANZETTI, porque és um covarde e estás cego para os atos mais espontâneos da vida. Tu, homenzinho alienado, politicozinho cruel, jamais poderá entender as palavras de SACCO a seus verdugos um pouco antes de receber no corpo a voltagem da morte: “morrerei porque sou um militante anarquista, e é verdade, o sou. Mas estou tão convicto de estar certo que se me pudessem matar duas vezes e eu pudesse nascer duas vezes mais, voltaria a viver como vivi até agora. . .” Tu, jamais, terá a valentia de, diante de um juiz como Thayer, dizer o que disse VANZETTI: “. . .você nos vê, juiz Thayer, faz sete anos que estamos encarcerados. O que sofreremos nestes sete anos nenhuma língua humana pode contá-lo, entretanto, você vê: não tremo diante de você! Você vê: olho-o diretamente nos olhos e não me ruborizo, não mudo de cor, não me envergonho, nem sinto medo! . .” E estes homens foram assassinados inocentemente por bastardos como tu, por teu silêncio e com tua conivência. Foram assassinados por

indivíduos que jamais tiveram o prazer de mergulhar na vida e que vivem simbioticamente sob a tirania de quatro enfermidades seculares: a FAMÍLIA, a ESCOLA, a IGREJA e o ESTADO.

[A FAMÍLIA] “Por falta de deuses tivemos que inventar abstrações potentes; nenhuma delas mais poderosamente destrutiva que a família.” (D. Cooper).

[A ESCOLA] “As escolas são lugares nefastos para as crianças! A educação é algo que uma pessoa consegue por si mesma e não algo que lhe outorga ou põe à sua disposição outra pessoa. A criança que se educa a si mesma (e se ela não o faz, ninguém o fará) deve gozar de liberdade, igual ao adulto, para decidir quando, em que medida e de que forma deve utilizar qualquer dos recursos que lhe oferece a escola. Existe um número infinito de vias para a educação; cada criança deveria sentir-se livre para eleger, encontrar e construir a sua.” (J. Holt).

[A RELIGIÃO] “Eis aqui a fonte de tudo o que vos propõe como santo e mais sagrado em tudo o que se lhes obriga chamar piedosamente religião. Eis aqui a fonte e a origem de todas essas pretendidas “santas” e “divinas” leis que se lhes obriga a observar como procedentes de deus. A religião é a fonte e a origem de todas essas pomposas e ridículas cerimônias que nossos sacerdotes simulam fazer, a fonte e a origem de todos os falsos mistérios e de todas as solenidades e dos cultos divinos. Eis aqui a origem de todos esses soberbos títulos de SENHOR, PRÍNCIPE, REI, MONARCA, etc., em virtude dos quais, e sob o pretexto de governá-los, vos oprimem como tiranos. Em virtude dos quais, sob o pretexto do bem e da necessidade pública, vos roubam tudo o que possuis de belo e melhor, e ainda, em virtude dos quais, sob o pretexto de possuir sua autoridade de alguma outra autoridade suprema, fazem-se obedecer, temer e respeitar a si mesmos como se fossem deuses. Enfim, eis aqui a fonte e a origem de todos esses nomes de NOBRE e de NOBREZA, de CONDE, DUQUE e de MARQUÊS, dos quais a terra está cheia. Todas as religiões não são mais do que erros, ilusões e imposições fanáticas!” (J. Meslier).

[O ESTADO] É o conjunto de todas instituições políticas, legislativas, jurídicas, militares e financeiras, etc., por meio das quais se rouba do povo a gerência de seus próprios assuntos, a direção de sua própria segurança confiando-as a alguns que, eleitos pelo povo ou pela força, acham-se no direito de legislar sobre tudo e para todos, e de forçar-lhes o povo a respeitá-los valendo-se do apoio que lhes presta o poder de todos. Em todos os tempos e em todos os lugares, qualquer que seja o nome que tome o governo; qualquer que seja sua origem e sua organização, sua função é sempre oprimir, explorar e violentar as massas, para defender os opressores e exploradores. Seus órgãos principais, característicos e indispensáveis são a polícia e o cobrador de impostos, o soldado e o carcereiro, aos quais se une espontaneamente o mercador de mentiras,

sacerdote ou professor, pago e protegido pelo governo para educar os espíritos e torná-los dóceis e submissos ao governo!” (E. Malatesta)

Enquanto não entendas o núcleo, o coração e a origem destas instituições, as razões pelas quais foram criadas e as razões pelas quais foram tornando-se verdadeiras fortalezas para a imbecilização do mundo; enquanto não entendas isto, populacho, estarás pedalando no vazio como um urso de circo. Enquanto não adquiras emocionalmente as condições para afastar-te desses quatro monstros sociais, de nada te servirão os alimentos naturais, as férias no Caribe, as terapias lacanianas, a música de Albinoni ou as raízes de Ginseng! Enquanto sigas reproduzindo o ciclo irracional desses quatro morcegos noturnos, tua vida seguirá sendo um mergulho no nada e seguirás deparando-te em cada esquina com teus fantasmas.

Ah, populacho, enquanto quebras as janelas de tua casa e tentas jogar-te do quinto andar numa crise maníaca, tento entender-te. Talvez chegue a amar-te um dia, depois que tu mesmo deixardes de odiar-te. Sim, sei que poderei amar-te um dia, apesar de não esquecer que me negaste abrigo e comida quando, com fome, me atrevi a bater em tua porta. Quando faminto, ensopado pela neve e em um continente estranho, solicitei tua ajuda. . . Como por fatalidade, és o mesmo, o mesmíssimo canalha em todos os cantos do mundo. Nas ruas de Amsterdã, em um hotel de Marrakesh, em uma prisão de San Salvador de Jujui, no interior do nordeste, nas salas do Vaticano, nos meretrícios espanhóis, nas universidades e nos campings de vagabundos; sempre tu, com teus jogos falsos, com teu papo furado e com tuas artimanhas para dar o cu ou para conseguir uma vagina. Sempre essa mesma cara de oligofrênico a simular al

de vezes praticando Yoga, Cooper, Esgrima ou Meditação Transcendental, para falar apenas dos costumes pequenos-burgueses de nossa década; e sempre os praticava como um macaco ou como um fanático. . . sempre como populacho! E te escandalizaste no dia em que leste numa revista: “. . . a única ginástica necessária ao homem é a ginástica livre, dos movimentos do amor. Todas as outras, das mais sofisticadas às mais medíocres, são necessárias apenas para os eremitas ou para aqueles que crêem que o SEXO os conduzirá ao purgatório.”

Não consegues aprofundar-te em nada, és tão superficial como o brilho do mar e, no simbolismo de Jung, habitas o litoral da ilha: qualquer alteração das águas é suficiente para despedaçar-te. Costumas fazer com teus semelhantes o mesmo que os Dinkas fazem com o hipopótamo abatido; porque necessita sempre jogar com os dois lados: beijar teu deus e abraçar teu diabo. És o mais vil dos dualistas, escravo absoluto do BEM e do MAL, corrupto e sentimental e, por isso, estás atolado num pantanal de crenças bestiais e de sonhos mórbidos.

Quando diminuo o passo, numa tentativa de ouvir-te, minha alma indomável te fulmina com as palavras de MEFISTÓFELES: “Tu, galanteadorzinho de merda, ‘sensível e ultrasensível’, uma simples piranha te desfaz! És filho da zombaria, feito de lama e de fogo!”

Ontem, estive diante de ti e tremias os dedos, limpavas freqüentemente a garganta e acendias obsessivamente outro cigarro como se eu pudesse derreter-te com um toque ou com um olhar. Teu medo me entristece e já percebi que quando mais autêntico e natural me apresento diante de ti, mais me temes. Falas em disparada, contas-me tua vida, tua dor, teus desejos insatisfeitos, e não tens tempo nem interesse em ouvir-me, em relaxar teu corpo e muito menos em olhar-me nos olhos. Por quê? Por que te deixar levar assim nesse descabido passo de ave ferida? Ah, às vezes tenho por ti um afeto desmedido, como se te houvesse acompanhado pelos milênios afora e assistido a todos teus desencantos perante a vida. Às vezes sinto que posso te dar um abraço de paz e de confiança, mesmo sabendo que não saberias interpretar nada corretamente e que me trairias logo depois, porque te orientas por uma bússola do século XIII e porque carregas em ti uma contradição dilaceradora!

Noites! Madrugadas! Manhãs claras de sol morno! Amores em nossas memórias sedentas! Crepúsculos lentos e cheiro de ciprestes. . . Ah, tudo isso parece escapar pelas brechas irremediáveis de teu caráter. No fundo, ages como um rei, um rei com muitos escravos que foi sendo aprisionado no fundo de seu castelo, cuja obscuridade o foi cegando, tornando-o insensível e estúpido.

Quase todos os dias, dissimuladamente, me interrogas sobre a vida, sobre o matrimônio(4), sobre a revolução, sobre a alma humana, sobre os filhos, sobre o trabalho e sobre a sexualidade; para depois, como um mercenário, como um morto que ainda caminha, como um espectro da verdadeira condição humana, concluir que sou um vagabundo, um libertino e um anarquista endemoniado. Para ti e para todos teus cúmplices, ter a liberdade de gritar durante o orgasmo é perversão e ter a espontaneidade de dormir com a mulher que me atrai é um ato

(3) “. . . a tolerância com a imbecilização sistemática de crianças e adultos pela publicidade e propaganda, a libertação do espírito destrutivo ao volante dos automóveis, o recrutamento e treinamento de forças militares especiais, a importante e benevolente tolerância com a fraude declarada no comércio, no desperdício, na obsolescência planejada, não são distorções e aberrações, constituem a própria essência de um sistema que fomenta a tolerância como meio de perpetuar a luta pela vida e suprimir as alternativas. As autoridades em educação, moral e psicologia vociferam contra a delinquência juvenil; vociferam menos, porém, contra a orgulhosa apresentação, em palavras, atos e imagens de foguetes cada vez mais poderosos, mísseis, bombas – e delinquência adulta de toda uma civilização.” (H. MARCUSE)

infame. Não se submeter emocionalmente nem fisicamente a um trabalho alienado e inútil é para ti o símbolo máximo da vagabundagem. Não admitir tuas leis escravagistas, teu Estado opressor e tua política obscurantista é, para ti, representar o ANARQUISMO na América e, por fim, não rastejar aos pés de teu “deus” idiota e impossível, é estar tomado pelos fluídos malévolos do demônio. Ah, populacho! Pobre débil mental! Pensas assim porque estás completamente intoxicado pelas fezes da vida. Entre ti e um asno poucas são as diferenças, se respeitamos o ATEÍSMO natural dos eqüinos e a obsessão religiosa dos homo-sapiens.

Estive propositalmente entre teus filhos e entre tuas filhas por todos os lados dos continentes, sobre tapetes luxuosos de palácios e por debaixo da imundície de mansardas infectas e posso te assegurar sem temor de errar: TEUS FILHOS ALIMENTAM POR TI UM ÓDIO IRREPARÁVEL. Tu, farsante, já os repudiaste ainda no útero e só os geraste para adquirir segurança, para dar mostras de tua “virilidade” ou “fecundidade”, sem lembrar-te que os porcos e os lobos também podem ter filhos. Tuas vaidades foram além da vida(5) e agora deliras com uma eternidade fantasma, com um deus todo poderoso, com muitos quilos de ouro e com um cargo de chefia no Estado, através do qual possas manipular trinta ou cinqüenta escravos a tua volta.

Pobre populacho! Sacrificas a vida real, os fatos do cotidiano pela busca de um mundo quimérico que, segundo tu, se oculta por detrás das estrelas e que foi “intuído” por débeis mentais durante a crise de suas enfermidades. Levanta-te, populacho! Liberta-te de todas essas armadilhas que te aniquilam e eleva-te pelos ares como um águia. Caminha descalço pelos caminhos do mundo, diagnosticando a febre dos povos, a noturna melancolia de um bairro de negros e o desperdício brutal acumulado aos pés da história. Olha por primeira vez os olhos dos que atravessam teu caminho e mantém-te desperto no último trem que rasga o continente de Viena a Istambul. Desperta desse sono cancerígeno em que mergulhaste e descobrirás que a vida te espera de pernas abertas, sempre com a inocência de um coelho selvagem. É chegado o momento de gritar basta, de dizer NÃO a todas as palhaçadas sociais e de deixar teu corpo correr solto pelos caminhos que não há. . . só então poderás ter outra visão e outra concepção do mundo, das coisas e de ti mesmo. Lança teu olhar para além dos arames farpados e acreditar mais em teu coração que em teus olhos. Acredita mais em teu mundo primitivo que na palavra e na demagogia de teus mestres e não te submetas a dogmas de eunucos, nem às imposições repressivas daqueles que nunca mergulharam pela beleza, nem pelo encanto da vida!!!

Quando proclamo tudo isso, tu me ironizas e me acusas de romântico sonhador, ao mesmo tempo em que queres saber o resultado de uma corrida de cavalos, a situação da bolsa de valores ou o horário da missa dominical. Então,

(4) “. . . A instituição do matrimônio converte a mulher em um parasita e a obriga a depender completamente de outra pessoa. A incapacidade para a luta pela vida, aniquila sua consciência social, paralisa sua imaginação e lhe impõe, depois, graciosamente, sua proteção, o que, em realidade, é uma ratoeira, uma paródia do caráter humano” (E. GOLDMAN)

(5) “De todas as paixões, a que mais se esconde é a vaidade: e se esconde de tal forma que a si mesma se oculta, e ignora. Ainda as ações mais pias nascem muitas vezes de uma vaidade mística que quem a tem, não a conhece nem distingue: a satisfação própria, que a alma recebe, é como um espelho em que nos vemos superiores aos demais homens pelo bem que obramos, e nisso consiste a vaidade de obrar bem.” (M. AIRES RAMOS)

sem grandes esperanças, retiro-me cabisbaixo e envergonhado, tentando violar e profanar tua história secular e aceitar-te para sempre como populacho. (6)

## TERCEIRA PARTE

*“ . . . criaremos um DADÁ cotidiano, uma antiestética da vida de todos os dias. O que está além da beleza será inventado pelo ato revolucionário, criado por gestos sutis, teus olhos cruzando-se com os meus na rua e vendo-nos, pela primeira vez, a imagem de uma garota chinesa agachando-se para amarrar o cordão do sapato, com a ponta de sua cabeleira negra acariciando a calçada, e será criado pelo descobrimento da disciplina não ordenada ou de uma autêntica loucura!!”*

(D. Cooper)

Durante algum tempo tua filha e teu amante fizeram amor e o faziam pura e simplesmente para gozar, para mergulhar no prazer e na luxúria de seus corpos, mas tu, quando descobriste, tiveste uma crise histórico-religiosa. Não podias admitir que alguém, e principalmente tua filha, fizesse uso dos genitais a não ser para reproduzir ou para mijar, porque acreditas que todos os seres do mundo possuem uma sexualidade nula como a tua e porque acreditas que todos teus contemporâneos devem ser rígidos e impotentes como tu. Nunca pudeste ver a sexualidade como algo natural, como uma fonte de prazer e de alegria, como uma necessidade fundamental de um organismo tão complexo como o é o corpo humano, porque quando eras criança foste surpreendido masturbando-te e alguém, tão ignorante como tu, jurou que se voltasses a tocar o pau, o cortaria literalmente com uma tesoura. O que hoje acreditas ser tua “concepção”, “filosofia” ou “educação” sexual, não passam de cicatrizes neuróticas de tua infância e adolescência, marcas traumáticas que se confundiram dentro de ti e que hoje te fragmentam perante os desejos naturais de teus filhos e perante teus próprios desejos. Já pensaste alguma vez sobre a ambivalência dos teus valores morais e dos teus desejos mais ou menos pervertidos. Já tentaste pensar sobre as razões que te levam a reprimir brutalmente a sexualidade de teus filhos, de teus alunos e de teus fiéis??? Ah, populacho, um dia descobrirás que estás cometendo um ato vil e cruel, como se estivesses impedindo uma criança de ouvir, com argumentos de que poderia ouvir COISAS PERNICIOSAS, que só poderá ouvir depois do matrimônio, junto com o cônjuge e sob bênção de deus. Ora, que babaquice é essa, populacho? Enfim, teu coração petrificado não pôde admitir que tua filha gozasse fora do matrimônio, nem que estudasse NIETZSCHE, nem que ouvisse Piazzola dentro daquelas noites outonais.

E isso não foi tudo, populacho, populacho, porque logo depois, tiveste uma briga também com teu filho e o internaste numa clínica psiquiátrica, dizendo,

covardemente, que ele havia penetrado no mundo da loucura. Mas, eu sei o tipo de loucura a que te referes. Para ti, todos os que não se submetem a tuas palhaçadas religiosas e sociais são dignos de internamento; e os psiquiatras, com uma formação acadêmica digna de pena, são teus cúmplices para o que der e vier, basta que tenhas os “cruzadinhos” necessários para pagar a hospitalização, não é verdade CHEFEZINHO DE FAMÍLIA? BUROCRATAZINHO ULCERADO? CHACAREIRO DE MERDA que comprou sua chácara com fundos públicos e que inclusive a emprestou a grupos paramilitares para a tortura. . . Não é verdade o que eu digo? Por acaso já visitaste o manicômio onde internaste teu filho? Por acaso já dialogaste com tua filha sobre sua afetividade, sobre seus desejos e necessidades? E por acaso já viste onde tua mulher vai procurar as aventuras que tu não podes dar? Abre esses olhos de múmia e questiona essa baboseira infame que defendes e se não vês remédio para teus males, pelo menos deixa que teus filhos escapem da ratoeira onde caíste. Lembra-te de que as crianças não são propriedade de ninguém, não pertence a ninguém, nem a seus pais, nem à sociedade e que só pertence a sua própria liberdade futura. . .

Vejo que discursas em rodas de café e que te diriges sarcástico para uma menina que passa e olhas diretamente para seus genitais e fazes força para ser reconhecido pelo grupo como “macho”. Jamais te passou pela cabeça alguma dúvida com respeito a esse teu comportamento? Acreditas realmente que o fazes por TESÃO, ou porque sabes que teus genitais estão, há muito, atrofiados e que só consegues te relacionar com prostitutas, essas mulheres dotadas de uma paciência infinita que te suportam secularmente sem reclamar, sem vomitar, sem enfiar-te um punhal no ventre? Tu o fazes, realmente, por que tens uma atração natural pelas mulheres; ou por que tens medo que tuas experiências homossexuais do ginásio ou do quartel venham à tona e te comprometam diante da hipocrisia social? Às vezes é bom pensar, simplesmente pensar, para saber o motivo de tuas taras ou mesmo para interromper processos que te levarão, mais cedo ou mais tarde, a uma situação insustentável.

Te entendo pequeno SIONISTA disfarçado, mesmo quando te escondes por debaixo de uma falsa democracia e quando te aproveitas da ignorância coletiva para fazer-te passar por coisas que tu próprio detestas. Sei o que existe por debaixo de tuas palavras, de teus espantos repentinos, de teu aparente “bom-senso” e de tua amizade simulada. Já te vi correndo na penumbra da noite para delatar um de teus companheiros, para comprar a casa de uma família necessitada ou para violar uma adolescente. E no outro dia, aparecias no teu posto de trabalho com as mãos limpas e com a bíblia debaixo do braço.

Acompanhei uma por uma de tuas simulações AMOROSAS, mulherzinha de família, e conheço teus argumentos permanentemente reiterados contra a vida, contra a sexualidade, contra teus filhos, contra tudo aquilo que não seja conivente com tuas descabidas concepções religiosas. Ainda não te cansaste de simular “enamoramentos”, “paixões” e “orgasmos”, sempre que vislumbras a possibilidade de enganchar teu braço num otário que deverá suportaste ao INFINITUM. Sei perfeitamente bem o que queres dizer com tua frase célebre: SEXO NÃO É TUDO NA VIDA!, e sei também o que buscas com tuas enxaquecas diárias e com tua verborréia masoquista. Não és tão “misteriosa” como pensas, não enganas tão

facilmente como a turba em cio parece crer e nem és tão santa como os séculos medievos pregaram.

Assisti várias vezes, e com muito interesse, a forma como recebias as crianças na porta da escola, como abraçavas teus clientes nos centros de prostituição de Barcelona e como seduzias políticos e empresários nos labirintos do Senado ou do Ministério, onde circulas como uma dama respeitável, e é curioso perceber que és a mesma, exatamente a mesma, em todas as situações.

Muitos foram os homens que te quiseram como amante, mas para isso, tiveram que suportaste como mãe, como cozinheira, como parideira e como neurótica obsessiva. . . arrumando teus jarrinhos, limpando vinte vezes por dia o umbral das portas e vasculhando as paredes, noite e dia, em busca de um ovinho de barata. Mantinha-te elegante e sedutora quando ainda era solteira, porque tuas tias, comadres e avós insistiam que esta era uma estratégia eficaz para levar um “macho” ao matrimônio, mas depois de casada, em desrespeito absoluto contra ti mesma, engordas como uma zebra e deixas tuas ancas de avolumarem de maneira assombrosa. Só pensas em fofocar (E A FOFOCA TEM UMA RELAÇÃO ENORME COM A ENFERMIDADE MENTAL), em competir com as vizinhas, em transmitir tua religião e tua moral a teus filhinhos e a evitar, a qualquer preço, teu divórcio. Não passas de um verdadeiro parasita! A simbiose é para ti a antítese do suicídio! E logo tu, logo tu a quem cabe apoiar os primeiros passos dos bebês e os primeiros afetos das crianças! QUE IRONIA! QUE CANHALICE!

Em teu cofre dormitam moedas e riquezas alheias que, por ironia, te transformam em servo e em escravo. Todas as vezes que as tocas, teus dedos tremulam, tua voz se transforma e teu olhar se torna assustador. Às vezes penso que só te restam duas opções: tornar-te um libertino desprezível ou um tirano insuportável. De moedas é a tua moral! De remordimentos é a tua história! e de mentiras é a tua existência. A “altitude” ilusória que atinges é sempre catastrófica, teu êxito é sempre simulado e tua aparência de gigante nunca foi mais que a sombra de um anão pretensioso e vil. Na escuridão da noite, tentando camuflar teu fracasso, rastejas montanha abaixo, sem ar e sem forças, expressando todos os sintomas de quem comeu PEYOTE estragado no deserto. Te vejo pedindo ajuda a teus santos e feiticeiros, deuses e messias que, apesar de terem demonstrado, durante milênios, total e absoluta indiferença para com teus gritos de abandono, seguem sendo para ti os criadores e controladores de tudo, desde o peido de uma baleia até o balbuciar de uma criança oligofrênica.

Talvez uma das características que mais justificam um estudo minucioso sobre tua existência seja o teu interesse quase patológico por dinheiro, por poder e por coisas relacionadas com o OCULTISMO. Por outro lado, queres estar sempre em rebanhos, ocultar tuas negociatas e distorcer a essência límpida das coisas até o ponto de convertê-las numa banal máscara de barro. Não, eu não me iludo com mudanças mágicas, sei até onde és inflexível e até onde chegam as raízes de tuas convicções. Tenho absoluta certeza de que assinarias outra vez a TROTSKI; que queimarias outras mil vezes a GIORDANO BRUNO, que derramarias NAPALM sobre outros Vietnames, que consolidarias a contrarrevolução em qualquer país que não compactue com suas psicoses

imperialistas, que manterias a fome, as enfermidades e a miséria entre milhares e milhares de crianças do Terceiro Mundo, que não “descobrirás” os medicamentos para combater o “CÂNCER”, porque ele tornou-te para ti um negócio lucrativo, e o mesmo se pode dizer a respeito da miopia, dos anticoncepcionais e até mesmo de um simples resfriado. . . e sei também, que, depois de tudo isso, ainda receberás o Prêmio Nobel da Paz, o Prêmio Nobel de Medicina, o Prêmio Nobel dos Direitos Humanos!!! Bah, que saco! Que canalhice domina todos os setores do conhecimento humano! Que vergonha não poder interromper esse festival de agiotismo, essa lepra social que se propaga com a velocidade da luz. . .

Como dizia, não tenho ilusões a respeito de teu futuro, principalmente quando entendo a dimensão histórica de teus valores, políticos e sociais, de tua moralidade castradora e de tua ética judaico-cristã. Também não tenho esperanças de poder me relacionar contigo, porque entre nós dois se abriu um abismo profundo. Eu sou o vagabundo que relaxa ao sol da primavera, tu és o senhor que passa cercado e protegido por escravos ou o comerciante que vende pão bromatado e carne podre aos próprios vizinhos. Eu como e durmo quando tenho fome e sono, tu tens fome quando não comes e só consegues dormir com DIAZEPAN. Eu vivo, tu existes!

Ah, populacho! Nunca fizeste uma mulher chegar ao orgasmo e tua falsa

Simulaste centenas de reformas, mas nunca deixaste de ser um “hipizinho” alienado, um místico oriental, um discípulo de Mussolini, um orientador de noivos, ou um agente secreto que, quando não está delatando, corre aos estádios lotados para aplaudir a outros selvagens que, como tu, possuem um Q.I. abaixo de 80.

Quando muito, consegues chegar a ser um intelectual e, então, logo te tornas míope, pedante e obcecado por livros. Entre tua teoria e tua prática sempre houve um abismo dantesco. Escutas as mentiras mais degradantes e movimentas afirmativamente a cabeça e abres teu sorriso hipócrita ao mesmo tempo em que deixas teus filhos serem domesticados em escolinhas-prisões por professores incompetentes e neuróticos. Foste-te tornando “super-organizado”, um escravo público, e não sabes viver além dos postulados e das regras através dos quais inviabilizas toda e qualquer manifestação de tua loucura primal. O dinheiro é teu deus e teu querubim assexuado, sem ele tu não saberias viver um só dia e te implantarias uma bala no cérebro. Aliás, tua vida é uma constante AUTODESTRUÇÃO, um massacre bestial contra tudo o que representa a vida.

Às vezes dirijo-me a ti espontaneamente e quase nunca me entendes, e quase sempre estás com medo, cercado por defesas, angústias e culpas mefistotélicas. Então, comesças a brincar com os dedos, acendes outro cigarro e jamais relaxas o corpo e te “deixas” acontecer livremente. Tua voz muda, inventas sempre um motivo para fugir, sofres e te consideras um ser decadente. . . tudo isso por absolutamente nada! Quando chego em tua casa, queres de imediato que eu coma, beba ou ligue a radiola, para que assim não necessitemos dizer nada, discutir nada, criar nada. Ou então tomas a palavra para relatar tuas “bravuras” e tuas “conquistas” sexuais, tuas heranças, tuas enfermidades e tuas valentias, que por mais atento que se possa estar, é impossível assistí-las. Não paras de falar durante horas, deixas escapar, prolixamente, os discursos mais caóticos e não tens o mínimo interesse em ouvir, nem te interessam as vivências alheias, uma vez que te consideras o centro da ilha terrestre.

Convenço-me cada vez mais de que fazes parte de uma classe exploradora, dominante e universal, e que, com teu dinheiro, procura cercar-te de intelectuais, religiosos e de políticos, na esperança de soterrar definitivamente tuas origens. Convenço-me cada vez mais, de que são poucos os homens e as mulheres que não pertencem à tua classe e que somos poucos os que te surpreendem articulando contra o mundo façanhas macabras e por isso, cabe a nós a vergonhosa e incômoda dissecação de teu cadáver.

Acreditas te haver tornado importante porque visitaste um Templo Budista, porque seqüestraste um Embaixador, porque denunciaste um Líder Tupamaru, porque ingressaste na Maçonaria ou porque conseguiste investir alguns milhões de dólares na bolsa. . . mas em todos teus gestos, deixas escapar um ódio mortal contra ti mesmo, uma cicatriz dolorosa de culpabilidades injustificadas e uma tristeza sem remédio! E então? E então, Mister Populacho? Não é necessário repertir-te que antes de amar aos demais é necessário amar-se a si mesmo, não é verdade? E que não existe esse amorzinho babaca que tentas inculcar na cabeça de teus filhos, de teus alunos e de tuas beatas religiosas(7).

Ontem, estavas comandando uma reunião de cientistas e podia-se perceber claramente que nenhuma de tuas palavras, de tuas afirmações ou de tuas insinuações fluíam de ti livremente, com imparcialidade e simplicidade. Estás sempre lutando para conservar valores tradicionais, para manter uma certa “estabilidade social”, para perpetuar a mediocridade e o engano. Tens uma visão curta, dirigida e fundamentalmente deficiente a ponto de agitar-te quando alguém da platéia te sugere ou te demonstra uma concepção nova. Reages, inconscientemente, contra todo o tipo de novo, mesmo tendo consciência de que tudo o que, em termos de CIÊNCIAS HUMANAS, se fez até hoje, não passa de uma falácia vergonhosa. Não acreditas? Está bem, está bem, mas não me venhas com aquela velha lenga-lenga de que sociologicamente estamos “super-evoluídos”, que poeticamente se produziu nos últimos 2000 anos, que as religiões conseguiram iluminar nossos corações perversos nas últimas décadas, que o “Papa tal” derramou mais milagres neste século que no século de Messalina, que o racismo começa a ser superado, que o Terceiro Milênio será um mar de rosas e que o mundo voltará a ser um tabernáculo sagrado, etc., etc. Por favor, esse papo não. Não me venhas outra vez com esse papo oligofrênico, porque agora pedirei que o demonstre pública e cientificamente, e farei questão de lembrar-te que as outras vezes em que afirmaste tamanha balela, ou estavas rodopiando em uma casa de macumba, alcoolizado num bar de luxo, ou prestando serviços a instituições que se beneficiam às custas de manobras insólitas.

E também não adianta esfregar-me na cara os 80 volumes de Lênin, as 5 mil páginas de Freud, os diários de Darwin ou as Obras Completas de Rajneesh! Não pense que tudo pode ser respondido com uma poesia de Borges ou com uma nota póstuma de Pedro Nava; quero ver tuas teses demonstradas na rua, nas favelas, nas mansões, nos manicômios e nas casas de “meretrício”. A vida não pode ser impressa em documentos, por mais caprichadas que sejam as edições e por mais eruditos que sejam seus escribas. Podes ler 20 mil páginas sobre as taras de um mercenário e não saberás como lidar com elas quando estiveres diante dele. Estudarás mil vezes as regras e os postulados marxistas e te surpreenderás, assim mesmo, atuando com todas as sutilezas ou com todas as grossuras do fascismo. . . Digo isso para dizer-te que, intelectualmente, podes ser UM, mas que emocionalmente és OUTRO, porque ages e julgas motivado por afetos remotos e não por valores intelectuais presentes. REACIONÁRIO? BURGUEÊS? HEGELIANO? FILHO DA PUTA? Talvez um pouco de tudo isso, porque não sou responsável por uma história que não fiz e muito menos por um futuro que não depende apenas de mim. E é aqui, talvez, que o pensamento de R. Laing se faz pertinente, quando assegura que somos todos assassinos e prostitutas, independente da classe, religião ou sociedade a que pertencemos. Agora, não pense que esse estado de degenerescência seja inato ao homem, ou que a anedota do pecado venial seja suficientemente cínica para o explicar. Não, não houve nenhum determinismo sobrenatural, nenhum extraterrestre interessado em foder com a humanidade; tudo o que vês, medes e

(7) “. . . se avançarmos no suplício de todos os dias, é porque nada detém essa marcha, com exceção de nossas dores; as dores dos outros nos parecem explicáveis e susceptíveis de serem superadas. Acreditamos que sofrem porque não possuem vontade suficiente, valor ou lucidez. Cada sofrimento, salvo o nosso, nos parece legítima ou ridiculamente inteligível, sem o qual, o luto seria a única constante na versatilidade de nossos sentimentos. Mas não usamos o luto a não ser por nós mesmos. Se pudéssemos compreender e amar a infinidade de agonias que se arrasta a nossa volta, todas as vidas que são mortes ocultas, necessitaríamos tantos corações quanto seres que sofrem. E se tivéssemos uma memória milagrosamente atual que guardasse presente a totalidade de nossas penas passadas, sucumbiríamos sob tal carga. A vida só é possível pelas deficiências de nossa imaginação e de nossa memória. . .” E. M. CIORAN.

constatas a cada passo foi determinado pela imbecilidade milenária de nossos antepassados e pela perpetuação dessa imbecilidade pelos nossos contemporâneos. . . E não penses que alimento em minhas críticas alguma espécie de obsessão pela “normalidade”; que tenho ideais metahumanos; que difundo sutilmente uma regra moralista baseada no liberalismo, etc., porque não haveria engano maior! Não pretendo traçar nenhum cronograma para a vida de ninguém, e muito menos estabelecer “certezas” e “verdades” para incutir na cabeça dos menos avisados. Simplesmente, se queres saber, estou dando vasão a meus pequenos e gigantescos questionamentos e avançando madrugada a dentro, numa tentativa **de** catarse panfletária porque tenho consciência de que a literatura é antes de tudo uma técnica e uma obsessão, mesmo quanto tu gostas de dizer que “escrever é uma arte” e que a arte está vinculada à SANTÍSSIMA TRINDADE. . . e porque não tenho simpatia nem pelo tecnicismo nem pela obsessividade. NÃO CREIO NAS LETRAS! A não ser quando elas são usadas para abrir os ouvidos, os olhos e a consciência da humanidade. Mil vezes um simples panfleto que uma obra literária que consumiu a vida e os testículos de seu autor e que serve apenas para fazer passar o tempo. . . fazer rir ou chorar a uma burguesia histórica que não consegue dormir sem deglutir um texto, uma página ou um capítulo. . .

Imagino-te terminando de ler o último parágrafo e respiras fundo com vontade de ver-me boiando na correnteza do rio Amazonas, ou então, tentando imaginar como sou, por onde passei e onde está ancorado meu barco. . . e sei de antemão que não descobrirás quase nada, porque mesmo quando estive a teu lado, nunca me viste como sou, mas sempre como desejas que eu seja. Esse tipo de cegueira te acompanha desde os tempos de TROIA, desde a invasão da BAÍA DOS PORCOS até teu último discurso político ontem. Porque não sacrifico minhas manhãs nem minhas noites por nenhum tipo de trabalho alienado, me acusas de SUBVERTER a ordem social e de disseminar teorias anarquistas entre a juventude. Porque não tenho estômago para suportar tuas ridiculices religiosas, aumentas tuas técnicas de condicionamento e inventas “cursilhos” e “encontros” que, no fundo, são verdadeiras variantes dos cursilhos e dos encontros que realizavas durante os “saudosos” dias da INQUISIÇÃO. Porque dispenso tua companhia, me dedicas um ódio mortal e baixas os olhos quando me vês. No fundo, no fundo, religiozinho de merda, pensas até que eu tenho um pacto com o DIABO, que meu nome é um disfarce ou um pseudônimo de FAUSTO e que posso te botar fogo na bunda quando e como quiser. Confesso que se pudesse já o teria feito há muito. . .

Ah, admito que às vezes te idealizo vivendo em outro ritmo! Albergando outras concepções em tua memória, outra visão familiar, religiosa, estatal, escolar e ecológica do mundo, e me pergunto: por que não te emancipas perante essas enfermidades sociais? Por acaso ainda não descobriste que todas as ideologias são inócuas quando o SER não se emancipa perante si mesmo e que até agora procuraste viver como um mágico? Sim, agora descubro algo que ainda não havia entendido: tua grande fantasia é a de chegar a ser um mágico. Transformar pedras em pães; peixes em baleias; papel em diamantes, como comentam os

fanáticos discípulos de N. C. Queres ser um mágico a todo custo, porque tua vida se sustenta sobre as distorções fantasiosas de uma pré-genitalidade proibida. Não sabes atuar pelas vias naturais da vida e fizeste do dinheiro e dos títulos teus elementos alquímicos, através dos quais manipulas tudo ao bel prazer. Mas, na vida prática, no duro contato com o cotidiano, assemelhas-te aos carteiros do Kenia que, para iniciarem a marcha, necessitam de uns quatro ou cinco chicotaços.

Parece mentira, mas uma rápida revisão histórica deixa claro que socialmente, foste proibindo tudo aquilo que te ameaçava, tudo aquilo que não entendias e que não te sentias apto para realizar. Em síntese, teus chamados “códigos de moral”, “mandamentos” etc., não passam de invenções baseadas em tuas próprias neuroses e nada mais.

Em uma estrada de Marrocos te vi aos gritos ensinando o Alcorão; em minha infância, te vi centena de vezes abrindo a Bíblia na mesma página e simulando as mesmas palhaçadas apocalípticas; em Munich, tua filha tentou seduzir-me para o mundo dos Hare-Krishnas; em um beco de Viena, estavas outra vez, agora com uma cartola preta na cabeça, falando em hebreu e dizendo que o Talmud era o único livro sagrado; no México, passaste horas e horas fazendo-me a apologia do peyote; em Barcelona, colocaste anúncios nos jornais convidando pessoas para estudar Nietzsche, mas no fundo, o que querias, era constituir um grupo para o swing e ver tua mulher ser “trepada” por outro; no Brasil, te encontrei várias vezes queimando fumo, jogando água benta pelos cantos de tua casa e usando um talismã na calcinha para não engravidar ou, então, recitando o I CHING como um papagaio e afirmando que os chineses administravam seus arrozais e seus samurais através dele; que uma Humeboshi é capaz de salvar o mundo e que as raízes de Ginseng levam em sua casca partículas divinas. Que novelista cômico serás no futuro! Que capacidade fabulosa para inventar babaquices e basta uma semana de desemprego para que ingresse em outra comunidade e passes a delirar pelos novos códigos ou costumes que te são impostos como condição inquestionável. E não querias justificar-te, primeiro, porque não tenho nada a ver com tua vida, e segundo, porque já te vi em cinco ou seis igrejas diferentes e correndo vergonhosamente atrás de outros misticozinhos pedantes e analfabetos como tu.

Quando, por milagre, não és religioso, veja que fatalidade, és mussolinista, maoísta, revendedor de automóveis ou marxista. . . sempre a mesma visão míope e limitada do TODO, porque não sabes ser algo em liberdade. (\*)

Mesmo quando simulas uma cortesia jesuítica, sei muito bem o que pensas quando te apresento a mulher com quem vivo, quando jogas uma moeda a um mendigo cego ou quando atribues o CAOS do mundo a um determinismo cósmico. Tal determinismo, tem sido tua última invenção “científica” para escamotear as verdadeiras causas de tua miséria e de tua covardia.

Ontem te vi organizando uma Feira de Antiguidades e senti vontade de vomitar sobre aquelas porcarias que expunhas à venda. Não entendo como alguém pode tocar nessas quinquilharias imundas sem sentir o estômago contrair-se! Cruzinhas de ouro que pertenceram a velhotas esclerosadas do tempo do tempo do Império, licoreiros antigos, anéis de defuntos, pratas escurecidas pelo

suor e pela mão hábil dos vendedores, quadros pintados por vigaristas, relógios fedorentos, cristaleiras mal assombradas, castiçais de velório, enfim, organizaste um “necrotério” acreditando que estavas montando uma “Galeria de Artes”. E o mais interessantes é que os burgueses desfilavam com suas esposas e com suas barrigas pendentes, simulando um certo fascínio por aquelas porcarias funerárias, sem saber, evidentemente, das motivações inconscientes que os levam a tal. Estive durante horas caminhando a teu lado nesse ambiente mórbido e mal cheiroso, ouvindo tuas críticas, teus espasmos e a facilidade com que te convences que tal ou qual cinzeiro pertenceu à Napoleão e que tal ou qual calcinha foi propriedade de Cleópatra. Tu de confundias entre a multidão cega e burra e ias fantasiada com roupas ridículas que a moda parisiense criou apenas para satirizar-te, para dar ênfase a teu estômago dilatado e a tuas ancas de rinoceronte. Te acompanho de um lado a outro, e te surpreendo quando perfumas a ponta das orelhas para disfarçar o cheiro do esperma que te escorre pelas pernas. . . fruto da rotineira cópula dominical. Compras e vendes com o mesmo cerimonial, e ridicularizas o “ancião” que te acompanha, mesmo sabendo que é a ele que deves toda a tua vida de atriz, meretriz ou imperatriz. Velhotes que sabes e soubeste como domar e em que parte de seus corpos está a chave para teus empregos, para tuas viagens e tuas vaidades. . . velhotes com quem trepas apenas por obrigação, por pena ou para que te comprem um novo “jogo de sala”, sabendo que já estão com um pé na cova e que amanhã te deixarão em paz, viúva, livre e com uma vaga garantida em qualquer bordel da nação. Ah, populacho! Ah, burguesia decadente! Raça de impostores falsos e burros contemporâneos! O que me espanta não é propriamente tua burrice, tua macaquice acentuada, nem a repressão que teu corpo exterioriza, mas saber que estás no PODER, que minaste todas as vias de liberação dos indivíduos e que és tu quem define o que é BOM ou RUIM para o país; o que se imprime ou não se imprime; o que é NORMAL e o que é PATOLÓGICO. Tua inteligência e tua lucidez são inversamente proporcionais ao capital que conseguiste acumular e chego mesmo a pensar que a vida para ti resume-se exclusivamente em comer. . . o que resultará, evidentemente, nessa barriga flácida, nessas nádegas de chimpanzé e no quadro clínico que te caracteriza. O que me assusta realmente, é saber o quanto difícil será livrar a sociedade de teus conceitos, de tua presença e de todos os patéticos valores que institucionalizaste. Talvez serão necessários outros MIL ANOS para que tu mesmo te elimines ou para que as comunidades percebam que tua presença é tão indesejável como o é a peste.

Como dizia, sei as razões de tua tosse repentina, de tua ida ao banheiro, de tua posição de LOTUS e de teu perfume francês. Conheço o conteúdo de tuas reuniões secretas, o significado de tuas palmadinhas nos ombros ou mesmo de tua presença numa manifestação popular.

Brincas com teus filhos e os respeita, sempre quando sabes que alguém te está observando; mas quando chegas em tua casa os abandona no berço, os agrides e te arrependes freqüentemente de havê-los gerado. Quando não és diretamente um torturador de crianças, colaboras nessa covardia com tua convivência, com teu silêncio e com tua crença de que todas elas são uns “demoninhos desvairados”. Não, não queira disfarçar, pois os jornais já noticiaram diversas vezes tua violência e as câmeras chegaram a mostrar teu braço, armado

de um chicote, caindo sadicamente sobre pré-escolares, ginásianos e adolescentes. . . e além disso, já me confessaste que para ti, como para o velho STALIN, uma morte é uma tragédia, mas milhares de mortes apenas um dado estatístico.

Pelo que te conheço, tenho certeza de que amanhã serás capaz de reconstruir DACHAU e AUSCHWITZ (8), enviar outro Cortez à América, aniquilar outra vez o Paraguai, enviar teus filhos descalços para as Malvinas e sufocar outra vez movimentos como os de Kronstad. Não te contentaste com os trens carregados de cadáveres, com as mulheres violadas, com as crianças mortas de fome, com os CIGANOS e os judeus feito cobaias. . . Para ti esses “dejetos humanos” não significavam nada, absolutamente nada a mais que a etiqueta que os identificava: negro; judeu; livre pensador; homem de valor; ser que captou o verdadeiro sentido da vida; etc.

Mas a história parece não servir para nada e todos os acontecimentos “perversos” que ilustraram teus dias dormem esquecidos em teu inconsciente de besouro. Continuas publicando livros sobre a DEMOCRACIA, sobre o COMUNISMO, sobre o MOVIMENTO LATERAL DA ANTENA DOS ESCORPIÕES, sobre a LIBIDO DOS LAGARTOS DA UCRÂNIA, sobre A BONDADE ABSOLUTA DE DEUS, sobre mil e uma idiotices, pensando mais em tua performance L I T E R Á R I A que no conteúdo disseminado através dela. Como em questões psicanalíticas se propugna pela volta a FREUD e em questões políticas, a volta aos GREGOS; talvez fosse interessante, no que diz respeito à literatura, voltar a MARINETTI. Evidentemente, conheço tuas reservas intelectuais com relação a esse personagem e sei que simularás um escândalo e que repetirás outras mil vezes a historietta da Segunda Associazione degli Arditi, que gritarás aos quatro ventos que Marinetti foi preso junto com Mussolini, Bolzon e Vecchi. . . Em uma palavra: resistirás outra vez a inovações, porque tua essência está cristalizada e impregnada de pânico. Mesmo assim, e conhecendo a parcialidade de tuas interpretações, quero, neste momento, independente de tua disponibilidade ou não, contrapor a teu espírito acadêmico alguns chicotaços futuristas. Veja o que proclama, em termos gerais, o ilustre Filippo Tommaso Marinetti:

1. É NECESSÁRIO DESTRUIR A SINTAXE DISPONDO OS SUBSTANTIVOS AO AZAR, TAL COMO NASCEM.
2. OS VERBOS DEVEM SER USADOS NO INFINITIVO, PARA QUE SE ADAPTEM ELASTICAMENTE AO SUBSTANTIVO E NÃO FIQUEM SUBMETIDOS AO eu DO ESCRITOR QUE OBSERVA OU QUE IMAGINA. O INFINITIVO DO VERBO PODE DAR O SENTIDO DE CONTINUIDADE DA VIDA E A ELASTICIDADE DA INTUIÇÃO QUE A PERCEBE.

3. DEVE-SE ABOLIR O ADJETIVO, PARA QUE O SUBSTANTIVO DESPIDO CONSERVE SUA COR ESSENCIAL. O ADJETIVO TENDO EM SI MESMO UM CARÁTER ALUSIVO, É INCOMPATÍVEL COM NOSSA VISÃO DINÂMICA, UMA VEZ QUE PRESSUPÕE UMA PAUSA E UMA MEDITAÇÃO.
4. DEVE-SE ABOLIR O ADVÉRBIO, VELHA CORRENTE QUE MANTÉM UNIDAS AS PALAVRAS. O ADVÉRBIO CONSERVA NA FRASE UMA ENFADONHA UNIDADE DE TOM.
5. CADA SUBSTANTIVO DEVE TER SEU PARCEIRO, OU SEJA, CADA SUBSTANTIVO DEVE PRECEDER, SEM CONJUNÇÃO, O SUBSTANTIVO AO QUAL ESTÁ LIGADO POR ANALOGIA. EXEMPLO: homem-torpedeiro; mulher-golfo; populacho-ressaca. DO MESMO MODO QUE A VELOCIDADE AÉREA MULTIPLICOU NOSSO CONHECIMENTO DO MUNDO, A PERCEPÇÃO POR ANALOGIA SE FAZ CADA DIA MAIS NATURAL PARA O HOMEM. É NECESSÁRIO SUPRIMIR O “como”, o “qual”, o “assim”, o “parecido a”. OU ENTÃO, É NECESSÁRIO FUNDIR DIRETAMENTE O OBJETO COM A IMAGEM QUE EVOCA, DANDO A IMAGEM PRETENDIDA MEDIANTE UMA PALAVRA ESSENCIAL.
6. ABOLIR TAMBÉM A PONTUAÇÃO. UMA VEZ QUE SE ABOLIU OS ADJETIVOS, OS ADVÉRBIOS E AS CONJUNÇÕES, A PONTUAÇÃO PERDE O SENTIDO, NA CONTINUIDADE VARIADA DE UM ESTILO vivo QUE SE CRIA POR SI MESMO; NAS PAUTAS ABSURDAS DOS PONTOS E DAS VÍRGULAS. PARA ACENTUAR CERTOS MOVIMENTOS E INDICAR SUAS DIREÇÕES SE EMPREGARIAM SÍMBOLOS MATEMÁTICOS COMO: ( + ), ( - ), ( = ), E SÍMBOLOS MUSICAIS.
7. DESTRUIR NA LITERATURA O eu, OU SEJA, TODA A PSICOLOGIA. O HOMEM COMPLETAMENTE OBSESSADO PELA BIBLIOTECA E PELO MUSEU, SUBMETIDO PELA LÓGICA E A UMA SABEDORIA ESPANTOSAS, JÁ NÃO OFERECE NENHUM INTERESSE. PORTANTO DEVEMOS ABOLI-LO DA LITERATURA E FINALMENTE SUBSTITUÍ-LO PELA MATÉRIA, DA QUAL SE DEVE CAPTAR A ESSÊNCIA A GOLPES DE INTUIÇÃO, COISA QUE JAMAIS PODERÃO FAZER OS FÍSICOS NEM OS QUÍMICOS. ENFIM, SUBSTITUIR A PSICOLOGIA DO

## HOMEM JÁ ESGOTADO,PELA OBSESSÃO LÍRICA DA MATÉRIA ( \*).

(\*) F. T. Marinetti. *Manifiestos y Textos Futuristas*, Ediciones del Cotal S.A Barcelona, Espanha, 1978.

(8) “. . . foi formada uma banda musical no campo de concentração. A maioria dos músicos eram ciganos. Era assustador ver e ouvir os ciganos tocarem suas marchas ao mesmo tempo em que prisioneiros cansados levavam seus camaradas mortos ou moribundos ao campo, ou escutar sua música acompanhando as chicotadas que se davam nos prisioneiros. também lembro-me de uma noite de fim de ano. . .: de repente o som de um violino cigano deslizou para fora de um dos barracões mais afastados como se estivesse chegando de tempos e de climas mais felizes, melodias da estepe húngara, melodias de Viena e Budapeste, canções de casa(. . .). Mais tarde, Boger e outros recorreram aos barracões e arrastaram para fora as crianças ciganas que aí haviam se escondido. As crianças foram levadas a Boger que as agarrava pelos pés e as amassava contra a parede”. B. NAUMANN, AUSCHWITZ, Pall Mall Press, 1966, London.

Posso imaginar teu sorriso, velhotezinho da Academia Internacional de Letras ou jornalista–revisor, mas sei muito bem a função implícita dele e que não passa de uma defesa neurótica contra tudo o que venha questionar uma vírgula de teus “sólidos” e “inquestionáveis” conhecimentos.

Ah, populacho! Apesar de todas as indicações levarem-me a pensar e a concluir que tua única e verdadeira paixão está voltada para a escravidão e que todas tuas células nascem e se desenvolvem nessa mesma direção, resisto em fechar a questão sob essa perspectiva. Apesar de tudo estar bastante claro a teu respeito, luto diariamente com os demônios niilistas que dissertam sobre as bases e sobre as falácias de teu caráter, porque pretendo seguir delineando os pilares de outra utopia. . . Porém, quando as manchetes afirmam que 87% dos paulistas e 95% dos norteamericanos acreditam e vivem em função de um “deus”, de um “ser” sobrenatural que, de alguma maneira, controlaria e vigiaria desde o movimento da bílis de um lambari até a circunferência da mais longínqua galáxia. . . ah, então renovo minha consciência de que não tenho absolutamente nada a fazer neste ninhozinho de VÍBORAS místicas e que a batalha está perdida com antecedência. Quando me deparo com dados como estes, descubro outra vez que não passo de um OTÁRIO Nietzscheano, de um chimpanzé libertário ou de um espinheiro que insiste em crescer sob o ardente sol do Saara. E, se a “esperança” dos religiosos e dos chamados “teístas”, de que um dia esse mundo de escravos e de ladrões venha a ser um pequeno paraíso habitado por “almas puras”, chegue a se concretizar, através da oração, da penitência, da negação do corpo, da autonomia e do prazer; então, nesse dia me retirarei soberbamente da existência, porque prefiro mil vezes mergulhar no NADA, que conviver com essa corja de eunucos e de patifes masoquistas que cumpliciam-se com a inércia para negar o único tempo e a única alternativa: a TERRA, pensando, com isso, conquistar no REINO DOS CÉUS ou no ÉDEN que se oculta por detrás das estrelas, um lugar seguro, aquele lugar onde poderão, por fim, desempenhar o ofício tão desejado, o de SERVOS DO SENHOR! (9)

Em nosso SER não existe lugar para “senhores” nem para a servidão, porque não viemos ao mundo para cumprir com palavras, nem com mandamentos de charlatães que nem sequer conhecemos, mas sim para inventar nossas próprias palavras e criar nossos próprios mandamentos. E se para isso temos que pagar o mais alto dos tributos, eis-nos aqui dispostos a tudo. . . a tudo para que os povos, um dia, possam determinar sua própria história, delinear suas próprias aventuras, o ritmo e a magnitude de seus sonhos, de seus desejos e de suas peripécias.

Já sei, já sei que argumentarás contra meus conceitos “anti-religiosos” e “anti-sociais”, apoiando-te nos dogmas místico-delirantes de Rodhan, de Santo Agostinho ou das últimas Encíclicas. . . pobre fanático! Pobre homem do Gênesis, das parábolas, dos simbolismos, e descendente retardado de ADÃO e EVA, esses dois tarados que, por um lado, presentearam os seres com a beleza da sexualidade e da desobediência e que por outro, infestaram o planeta para sempre. . . Ah, qualquer homem que tenha um Q.I. superior a 80, interessa-se mais por uma manada de búfalos ou por uma vara de porcos que por pessoas como tu, com essa tua auréola de “santidade” e esse cheiro de mausoléus. . .

As vezes em que te encontro discursando ou pregando histericamente nas praças ou nos bosques públicos, implorando para que votem no teu partido ou para que “abram as portas do coração” para teu mestre, estaciono a teu lado e abro completamente os olhos para ver teus gestos, tuas contrações faciais, ao mesmo tempo em que escuto atentamente as barbaridades que juras ser VERDADE e os desejos secretos que deixas escapar junto com tuas palavras. . . Sempre acabo confirmando o que todos dizem de ti e solidificando cada vez mais minha misantropia e minha decisão de jamais contemporanizar-te outra vez, nem no “paraíso”, nem no “inferno”. Para o lugar que por acaso migre essa tua almazinha de símio, jamais porei os pés, porque tenho certeza que o transformarás num lugar tão medíocre e tão vulgar como este. E não adianta escrever na tua COLUNA-SOCIAL que foi publicado um livro “perverso”, que o autor pretende sabotar todos os valores e projetos cristãos do mundo, ou que o autor mexe com forças satânicas, que é protegido por EXÚ. . . por LÚCIFER ou por KADHAFI. Não, não adianta delirar outra vez, velhotezinho influente, porque agora as coisas tomaram outro rumo e poderás deparar-te com uma dramática surpresa. E também não adianta correr em defesa de tua concubina beata ou cumpliciarte com a alta cúpula religiosa que sustenta teu jornal, porque todos já sabemos o que o fascismo argentino fez em nome do cristianismo, da “tradição cristã” e dos velhos dogmas escolásticos. . . Ah, populacho! Pelo menos agora retires essa máscara de parasita e assumas que os cemitérios clandestinos, as torturas, o genocídio e o infanticídio latinoamericano dos últimos séculos foram também obra tua, cristãozinho de gabinete, fanático e interesseiro, vil explorador de sentimentos e de debilidades. . . Quando despertarás para a realidade do mundo e usarás essa “máquina abjeta” de informação para transformar os “amigos

(9) “. . . o mundo sofreu imensamente pelo fato de acreditar que J. Cristo morreu para salvá-lo – haveria sido muito melhor se pudéssemos vê-lo historicamente tendo um orgasmo para salvar-se a si mesmo. A crucificação não foi nenhum orgasmo, pelo contrário, na estrutura do poder da igreja emergente, significou a introdução histórica da submissão aos interesses da sociedade feudal” (COOPER). “Religião, sexo e sofrimento constituem provavelmente a mais constante trindade das experiências humanas. O crucifixo, o corpo de um homem torturado, pregado numa cruz de madeira” (M. WEST). “Um corpo magro, esvaindo-se em sangue, semi nu, maltratado pelo populacho em fúria, pregado em dois paus sobrepostos. . . eis aí o símbolo máximo de uma religião sadomasoquista que pretende, depois de tudo, fazer-se passar por ética, saudável e a favor da vida” (E. F. BAZZO).

de Deus” em amigos dos homens; os crentes fanáticos, em pensadores; os beatos, em trabalhadores; os que sonham com outro mundo, em exploradores e conquistadores deste; e os místico, que segundo eles mesmos são metade animal e metade anjos, em homens plenos??? (FEUERBACH) Não, populacho, não posso ou não quero entender como a chamada TEO-LOGIA ainda não cedeu lugar à ANTROPO-LOGIA. . .

Aos domingos circulas pelas ruas de Paris ou de São Paulo a procura de selos usados e com tuas lentes de aumento mergulhas em papéis velhos como uma traça. COLECIONADOR! Este é o título mais nobre que mereces, já que sabemos que todo colecionador é relativamente um bocó, um obsessivo, um pateta que estagnou na ribalta da história e um agiota frustrado. E quando não procuras por antiguidades, então caminhas pretensiosamente pelos corredores escuros do LOUVRE e depois te retiras com reproduções de Van Gogh ou de Dali sob o braço, para que a ralé que te cerca possa confundir-te com um homem culto, emancipado e sensível. Quando os pintores ainda estão vivos, és o primeiro a acusá-los de esquizofrênicos e de afeminados, mas logo depois de suas mortes (quase sempre prematuras e por tua causa) és o primeiro a chegar engravatado e com um talão de cheques aos locais do leilão, exibindo essa tua carinha de demente precoce. Ontem compraste uma cueca de Charles Chaplin por um valor que seria suficiente para instalar saneamento básico em toda a periferia de tua cidade. . . e amanhã, tenho certeza, comprarás um pentelho do Presidente dos Estados Unidos por uma fortuna semelhante. Que asco! Compras tudo, exhibes tudo, e como Tertuliano resmungas: “CREIO PORQUE É ABSURDO!”

Abres clínicas, hospitais, laboratórios, representações, etc., e com teu bisturi realizas cirurgias absurdas e desnecessárias com um único objetivo: ENRIQUECER. E depois roubas de teus pacientes, a casa, os filhos, os livros ou a própria mulher para saldar teu trabalho, (trabalho?). Qualquer revolução social decente que por acaso venha concretizar-se um dia, deverá destruir completa e sumariamente essa máfia de branco, essa medicinazinha incompetente, reacionária e criminoso, símbolo do fascismo e da imbecilidade social. Nenhuma dúvida: essa feitiçaria moderna deverá ser varrida de nosso cotidiano, porque até hoje não aprendeu o que é um organismo vivo, o que é a saúde e muito menos o que é a vida. Tudo o que pretende ser verdadeiro nessa profissão, foi fundamentado em cadáveres, em organismos já destituídos da chispa vital e fisiologicamente inexistentes. Ah! medicozinho feudal que, sem ter consciência, envergonhas ao velho Hipócrates. Medicozinho aborteiro clandestino, que usas de tua clandestinidade para “COMER” tuas pacientes e do sofrimento humano para acumular fortunas! E o mais interessante é que sempre estás amparado pela maior das farsas, aquela farsa que em todo o mundo é conhecida pelo nome de ÉTICA. Que é a ética além do véu cinza que cobre e disfarça teus atos de corrupção e de incompetência? E toda tua classe se une em volta dela e todos protegem-se mutuamente ao estilo do que ocorria em Chicago com os discípulos de AL CAPONE. Mas, mesmo assim, licenciado em medicina, tens todas as portas desse teatro abertas para ti e para tua laia. A ignorância do povo chegou a tal ponto, que estás sempre recebendo aplausos, elogios, complementações salariais e convites para copular com mulheres que pensam como tu e que são o resultado de anos de massacre. Evidentemente, não recusas

nada: em primeiro lugar, porque és uma criança semi-burguesa com sonhos monárquicos; e, em segundo, porque tens a impressão de que ninguém te conhece no íntimo, de que ninguém “saca” o que se esconde por detrás dessa mistura de vigário, farmacêutico e macumbeiro que encarnas. E realmente tens razão, pois somos poucos os que te entendemos os gestos, as mentiras e os atos de vilania.

Ah, populacho! Saberias dizer-me por que carregas tanto canibalismo e tanto medo dentro de ti? Saberias dizer-me por que dizes “sim” eternamente, mesmo quando sentes no teu íntimo ânsias de vômito e repugnância? Por que segues compulsoriamente convertendo o movimento de teu braço que ia agredir, em um movimento de carícia, mesmo sabendo que isso te levará ao infarto, ao colapso e à morte prematura? Por que não te atreves a golpear de uma vez por todas tua caixa de valores e rever essa tua vidinha cíclica que te assemelha a teus bisavôs e que assemelhará teus bisnetos a ti? Por que, mesmo sabendo onde dorme o monstro, não te atreves a ir a seu encontro e arrancar-lhe o coração? Por que te conformas com a penitenciária onde habitas, mesmo sabendo que fora de seus muros o sol, as ervas, os leões, e todas as pestes deste mundo se encontram ao alcance de quem as necessite??? Começo a suspeitar que, como o fascismo, também a covardia tornou-se em ti algo celular, sanguíneo, visceral, quase genético. . .

Abriste uma chaga profunda no peito dos negros, queres exterminar os ciganos, negas um território aos palestinos, induzes e manténs milhares de vidas no abismo da fome, da burocracia, da escravidão e da miséria absoluta; ao mesmo tempo em que dizes que o mar te pertence, que os peixes são teus, que o espaço é mais aberto para ti do que para as aves, que teus filhos deverão ser o que tu não pudeste, que tua mulher deve ser fiel, ou que teu esposo deve converter-se em um macho-doméstico, com todas as miserabilidades que isso significa. . . e então, sinceramente, não posso entender-te. Não consigo ir além, transpassar a barreira que existe entre o primitivo e o paranóico, entre o troglodita enrustido que representas e o robot socializado que encarnas. Só sei que o tempo, a história e as políticas maniqueístas administradas sobre teus frágeis neurônios foram ESQUIZO-FRENIZANDO-TE, carregando de ambivalência teus desejos, causando ruptura em tuas convicções, dividindo teu cotidiano, contrapondo tuas paixões e, claro, convertendo-te num iceberg em chamas.

Sem poder alterar uma vírgula das regras desse manicômio social, armei-me de uma bússola e pus-me a vagar pela longínqua via dos continentes, sempre iludido de que um dia encontraria homens e mulheres razoáveis, libertos, lúcidos, práticos e ateus naturais. Sempre fantasiei deparar-me com alguém que estivesse além do charlatanismo bestial, da moral mórbida, da covardia mística, e da peste acadêmica que hoje prolifera como a lepra entre os povos. . . mas o que encontrei, com poucas exceções, nunca foi mais do que pequenos negadores da vida, eruditos impotentes, mocinhos transviados ou velhotes pederastas, mocinhas

reprimidas e quarentonas dispostas a trepar contrafobicamente. Diziam-me que os exilados eram homens prudentes, perigosos e até mesmo de gênio. . . e eu os encontrei milhares de vezes pela rua Pigalle, pela Zona Rosa ou pelo Barrio Chino, correndo atônitos atrás de uma puta senegalesa ou atrás de um traficante de dólares. . . e às vezes levavam sob o braço o LIVRO VERMELHO de Mao, a cartilha da Maçonaria ou os Protocolos dos Sábios de Sion. Li uma centena de livros sobre revoluções sociais, sobre partidos, ideologias, regimes, etc., e comparando os gráficos naquilo que diz respeito aos prisioneiros políticos, aos famintos, alienados e indivíduos estupidificados, tudo era igual, independente do Partido e dos Palhaços que estavam no comando. A burguesia industrial sempre vivendo em simbiose com a burguesia latifundiária e os trabalhadores, camponeses e proletários, sempre sendo usados como buchas de canhão e como clientes passivos de voto. Lá, bem no último degrau do parlamento, sempre os mesmos “coronéis” brandindo o bastão da ORDEM, e da LIDERANÇA. Velhos profissionais da política, quase todos com um passado delinqüente, corrupto e suspeito do qual ninguém ousa falar, porque a história foi gerando medo no peito dos bem comportados e corretos eleitores. Quem fala demais morre pela boca!, diz um ditado mafioso; e tu, quando não te cagas de medo de desafiar aqueles que te massacram há séculos, fazes tudo para chegar a ocupar um lugar entre eles. Estas são as duas razões fundamentais de tua inércia e de tua tolerância.

Repatriaste-me várias vezes, quando descobriste que não carregava os bolsos cheios de dólares, que estava fazendo o amor com tuas mulheres, que estava dormindo ao sol de tua pátria, que estava escrevendo sobre tua estupidez crônica e sobre tua burocracia miserável. Teus olhos inflamavam-se de ódio sempre que constatavas que, mesmo comendo uma vez ao dia, eu estava sempre com interesse pelo mundo, com a percepção inalterada e com uma saúde perfeita. Sentias ódio de mim, sempre que minha liberdade passava a ser o símbolo de tua escravidão, sempre que me encontravas diante de um jardim com todo o tempo disponível para assistir o despertar das flores, a festa dos pássaros e a marcha irracional de teu povo.

Estive atento ao ESTADO DO VATICANO e tu estavas lá aos milhares e, em teu semblante, sempre a luta inútil para conceber um DEUS INCONCEBÍVEL. Diante do ouro, da riqueza e do luxo daqueles padres e do PAPA, te ajoelhavas covarde, submisso e humilde como um carneiro, levando no peito, para completar o quadro macabro, uma cruz de prata com Cristo pregado e torturado. Não tens vergonha de ser um pária? Não tens culpa por introjetar em teus filhos essa doutrina servil, esse rosário de remordimentos idiotas? Não consegues entender que tu, mesmo sendo um debilóide, possues mais valor que um asno? PARADOXOS! PARADOXOS! PARADOXOS! És o mais banal dos paradoxos.

Ontem, li minuciosamente teu tratado sobre o ATEÍSMO e, apesar de toda tua erudição franciscana, demonstras estar com a mente completamente bloqueada, domesticada e dirigida unicamente pela FÉ, o que te leva a simular que estás fazendo CIÊNCIA e trabalhando pela VERDADE. . . quando no fundo, o

que estás fazendo, é apenas repetir e reproduzir uma “filosofia” doentia e desvairada que fundamenta seus valores no ALÉM, no NADA, no DELÍRIO. Sem apoiar-te em algo que esteja além de ti e além das estrelas, não podes tolerar as contradições da existência. E, então, vais inventando deuses, messias e salvadores pelos séculos afora, como se, com isso, teus sessenta ou setenta anos passassem mais tranquilos, mais rápidos e com menos incertezas. . . Vens repetindo, desde longos anos, a mesma lenga-lenga divina, as mesmas burrices ideológicas, os mesmos brutalizados gritos de abandono e de desamparo e, por não entenderes uma migalha do universo, passa um terço de tua vida de joelhos, forjando a existência de um ser imaginário e pagando as prestações de tua sepultura.

Ah, quando descobrirás que tu mesmo és teu DEUS: Que teu deus é teu braço que luta, teu SEXO que te renova, tua FOME que te impulsiona para a vida, tua CRIATIVIDADE que te envaidece e tuas mãos, de homem ou de mulher, que abrem as cortinas azuis numa manhã ensolarada de março? Quando poderás interromper esse discurso obsessivo que te mantém rodopiando no mesmo lugar como uma barata envenenada e repetindo chavões histéricos sobre o “PRINCÍPIO” e o “FIM DOS TEMPOS”???

Ainda não descobriste que és o PRINCÍPIO e o FIM de tudo! Que tudo começou com teu nascimento e que tudo terminará com tua morte. Que de ti dependem os dias, os anos e as futuras besteiras que os homens elevarão ao nível do SAGRADO. Ainda não entendeste que em ti dorme o absoluto e o relativismo das coisas e que é chegada a hora de ajustar contas com teus próprios critérios, com tuas próprias omissões e com tuas descaradas covardias. Tenta abandonar-te à margem da vergonha em que vives e acredita mais em ti do que nos fragmentos paranóicos que te foram inculcados na cabeça, ainda quando não tinhas condições para optar. Tenta observar os crentes a tua volta e perceberás que estão sempre suspirando, com os olhos vermelhos voltados para os CÉUS, as mãos juntas e uma expressão estóica e miserável no rosto, implorando perdão por pecados jamais praticados. A quem, a quem deves respeito e satisfação de teus atos a não ser a TI MESMO? E, se ainda não sabes a origem e o significado da vida, mergulha fundo na própria vida que o descobrirás, mas não te acomodes com essa cara de JECA TATU e com essa voz débil de condenado. Vai deitar-te em uma pedra na selva e escuta o som inquebrantável das águas, a inconstância dos ventos e a respiração SIBILINA de uma jararaca que quer envenenar-te. Vai e pisa com cuidado nas ervas verdes dos bosques e deixa que os cipós e os espinhos penetrem por primeira vez nesta tua carne anêmica e virgem. . . Abre-te por primeira vez para as vozes do mundo, populacho!, porque ali está teu DEUS, teu DIABO e TU mesmo. Ali está a TRILOGIA tão misteriosa e tão enigmática: TU-DEUS-DIABO, num movimento intermitente de papéis e de privilégios dos quais, descobrirás logo depois, apenas TU és real; enquanto que os outros comparsas não passam de espectros vazios e de sombras móveis na longínqua NOITE DOS HOMENS...

Ah, populacho! Se pudesses acionar a bateria de tuas verdadeiras emoções, levantar as pálpebras, dar um basta a teus desastres e levantar o queixo em direção vertical para que vejas as estrelas, essas estrelas libidinosas que, enquanto tu rastejas como um verme, dançam e flertam profanamente no espaço. Se pudesses ver as mãos ágeis de tua mulher colhendo o mel dos tempos; a valentia do vagabundo que gargalha sob a árvore do futuro ou o pintinho de teus filhos que quer mijar a cores sobre as LEIS e os TRATADOS do mundo! Se pudesses interromper o ciclo de teus tormentos, a marcha cruel desencadeada sobre teus frágeis sentimentos e a ganância de teus sonhos que te aniquilam! Mas parece que não podes. É como se um gigantesco “ponto negro” tivesse se estruturado sobre tua vida e tivesse provocado em ti uma cegueira sem remédio. Já não podes tocar a essência simples e prática da vida e, quando por ventura o logras, ela te foge por entre os dedos como uma gota de néctar no deserto. REBELA-TE, POPULACHO! DEIXA ESCAPAR ESSE GRITO ENGASGADO NA GARGANTA! ASSUME O COMANDO DE TUA ÚNICA E INQUESTIONÁVEL NAVE! DINAMITA ESSE CALABUÇO EMOCIONAL, ESSA ÉTICA ESQUIZÓIDE. . . E VERÁS QUE TEU CORPO EXECUTARÁ OS PASSOS DE UM DANÇARINO SOBRE AS ESTRELAS, E QUE TUA CONSCIÊNCIA DESARMARÁ GRANDE PARTE DAS ARMADILHAS QUE, PARA OLIGOFRENIZAR-TE, FORAM POSTAS EM TEU CAMINHO.

## QUARTA PARTE

*“ . . . certos organismos nascem destinados a tornarem-se presas das drogas. Exigem um dispositivo de correção sem o qual não são capazes de entrar em contato com o exterior. Flutuam, vegetam entre o cão e o lobo. O mundo continua a ser para eles um fantasma até que alguma substância venha dar-lhe corpo. É possível que estes infelizes passem toda a vida sem jamais acharem remédio. É possível também que o remédio que descobrem os mate. . . ”*

Jean Cocteau

Vamos, populacho! Encara de frente teus temores e conscientiza-te de que estás infinitamente longe de tua condição natural e que, por mais que reclames, resmungues e esperneies, jamais poderá regressar a ela pelo caminho que buscas. É fácil entender que a natureza só te permitirá regressar a ela e a seu mundo, depois de haver-te massacrado e atormentado um pouco. . . Mas, convenhamos, TU O MERECE!

Desperta! É chegado o momento de ir além do coletivo e de rever teu caráter pessoal, tuas paixões, teus sonhos, tuas artimanhas afetivas, sexuais e comerciais. Já passou o tempo de criar sua filha para ser uma VIRGEM, uma frígida, uma hipócrita e cínica com tudo o que se refere ao sexo e ao orgasmo. Por dezenas de anos as mulheres passaram renegando, amaldiçoando e temendo a própria VAGINA e entendendo o convite amoroso de um homem como sendo uma agressão, um desrespeito e até uma vilania. Por dezenas de anos as mulheres passaram fingindo GOZAR, fingindo DESEJAR, fingindo uma FIDELIDADE espartana. . . exatamente como suas inimigas mortais: as putas profissionais, sem contudo, perceberem que o conteúdo de suas vidas, era essencialmente o mesmo: Putas de bordéis e putas do lar. . . vítimas de uma educação anti-sexual, rígida e incompatível com o próprio corpo.

Por isso é que agora, quando queremos revolucionar as escolas, criar saudavelmente nossos filhos e proclamar o Amor e a Vida, é necessário criar ou inventar outra MULHER, outra MÃE, outra AMANTE, outra PROFESSORA, outra PROSTITUTA, até. Não mais bonecas de porcelana, não mais múmias embalsamadas, não mais deusas sedutoras, não mais escravas dependentes, não mais castradoras, não mais secretárias servis. . . não mais os rastos dessa mulherzinha ridícula que, de uma maneira ou de outra, cooperou com a instauração da farsa social. É necessário inventar outra, simplesmente uma MULHER, uma mulher que goze, que lute, que invente, que espante o melancólico

eco do passado e que esteja disposta a dinamitar as estrelas. . . se necessário. Epa! Epa! Calma populacho. Não pense que essa crítica à mulher nasce das mesmas fontes que a tua: a MISOGINIA. Nada disso. Da mesma maneira que necessitamos inventar outra mulher, também necessitamos inventar outro HOMEM. Qualquer anseio de revolução social leva em si a inquestionável necessidade de engendrar outro HOMEM, outro PAI, outro AMANTE, outro PROFESSOR, outro DON JUAN. Até a mais medíocre das revoluções do futuro terá, como premissa fundamental, o aniquilamento desse homenzinho servil medroso, incompetente, babaca, copulador obsessivo, dependente da mãe, do chefe, do bispo e de todos os que sustentam uma migalha de poder. Disso não há dúvida e, muito menos, de que a união (o matrimônio) desses dois indivíduos alienados cria uma situação caótica e bestial como nenhuma outra.

Por isso, sempre que deparares com os verdugos da rua e sentires o ímpeto de destruí-los, não te reprimas, vai em frente, mas lembrando sempre que é dentro de ti, onde militam os verdugos mais nefastos e onde se deve iniciar o PRIMEIRO ATO REVOLUCIONÁRIO, porque enquanto EMOCIONALMENTE ages, sentes e vives como um opressor, de nada adiantará que INTELECTUALMENTE te entregues à luta para banir a opressão da sociedade. E não penses que estou pura e simplesmente fazendo apologia do individualismo, não. Apenas quero ressaltar a contradição implícita entre teu discurso em plenário e tua vida cotidiana.

Por incrível que pareça, vejo-te sempre votando a favor da educação massificada, sempre a favor dos mentirosos, da medicina sintomática, do aculturamento indígena, da criação de seitas e de fanatismos macabros. E as veias de teu pescoço engrossam quando tomar a palavra e transpiras em fúria, convicto de que teus dogmas são verdades absolutas. Incorporaste em ti todas as falácias sociais e agora não podes discernir, nem ver as diferenças que existem entre um grilo e um elefante.

Fizeste da fome um motivo empresarial; da cegueira, um motivo para vender óculos; do câncer, uma razão para recomendes cobalto, cirurgias e medicamentos inócuos; da educação, um trampolim para traficar ideologias; da religião, um pavor metafísico; do Direito e da Justiça, balelas políticas. Fizeste da vida um teatro de quinta categoria. . . e tu o sabes ou, pelo menos, o suspeitas. Mas permaneces retraído, oculto e despachando em teu escritório como se não tivesses nada que ver com esse abominável espetáculo. Permaneces alheio desde a mais simples até a mais vil das explorações humanas. Nenhum camponês famigerado e escravizado pelo teu espírito de latifundiário te provocou, até hoje, a mínima chispa de consciência. Visitas burocraticamente os presídios abarrotados, como se estivesses visitando um mosteiro de beneditinos ou de budas. Autorizas o assassinato de teus inimigos, o exílio de teus opositores e a marginalização daqueles que entendem tudo o que existe por debaixo dos bastidores, como se pertencesse a uma casta extraterrestre e tivesses sido mandado a este mundo por um DINOSSAURO SACRADO.

Até quando delirarás, populacho? ( \*) Até quando seguirás ziguezagueando entre a infâmia e a megalomania, entre o bem e o mal, entre a onipotência e a certeza de não valer absolutamente nada? Ah, talvez amanhã já possas entender que a ALEGRIA e o GOZO de viver só poderão ser alcançados depois de que tenhas desenvolvido teus conhecimentos e teus sentimentos pessoais. Depois de teres entendido que, através de exercícios corporais compulsivos, pode-se conseguir corpos atléticos e de gigantes; mas que só através de exercícios e de movimentos livres e prazerosos se chegará à beleza. E tu és bonito em teu íntimo. Sem a beleza, ninguém sobrevive a esse manicômio. Sem a beleza, a raiva predomina e se propaga por sobre teus gestos; a guerra se oficializa nas tuas metas políticas; a luz de teu candeeiro se submerge nas cinzas e teu braço cai como maldição sobre a criança que te pede um beijo, uma certeza, uma espada na batalha. A beleza também recruta para si a saúde e, juntas, criam o homem de amanhã, longe do medo cruel e da vilania shakesperiana que até hoje povoaram tuas entranhas.

Levanta-te, companheiro! Ergue esse punho em direção às estrelas e deixa sair esse protesto sufocado, essa rebeldia milenária que te acanha. Nunca te ocorreu perguntar com Schiller: “qual a razão para que sejamos ainda tão bárbaros?”. Bárbaros que despertam apavorados pela magnitude do sonho e que avançam dia após dia pela rota dos prisioneiros. Medo, auto-desprezo e culpa. . . estes são os fantasmas que enlouquecem tua “alma” e tu, caro contemporâneo, defecas nas calças quando te deparas com um deles.

Um dia, acampej a teu lado, numa floresta encantadora, e me olhaste com ódio, porque querias o rio, as árvores e toda a natureza para ti, mesmo sabendo que eles não são propriedade de ninguém. Pessoas como tu acabam transformando-se irremediavelmente em grandes assassinos, em grandes latifundiários ou em fanáticos religiosos.

De noite, quando a lua subia rápida por sobre as cataratas ruidosas, podia-se ouvir tua voz autoritária distribuindo ordens a teus filhos e a tua mulher, como se eles a ti pertencessem e como se tivesses direitos absolutos sobre eles. Meio alcoolizado, davas rédeas à comédia, aumentavas a voz para que teus vizinhos te ouvissem e tentavas fazer-te passar por um verdadeiro Casanova. Mas te conheço muito bem, populacho! Sei que não mudaste em nada, que inventas toda essa baboseira ridícula para dissimular, que nunca tiveste afeto materno, que tens medo de ser percebido como impotente, homossexual e classe média desprezível e que te foste especializar em ginecologia, unicamente para ter acesso, senão como amante, pelo menos como profissional, às mulheres.

Depois que o porre aumenta, vens falar-me com esse olhar fugidio, e discursas sobre temas que só interessam a pessoas como tu, como tua família, como teus parceiros de futebol e de igreja. Te escuto como quem elabora a

(\*) “. . . aquilo fôra para mim desilusório. Vi-me a mim mesmo arrastando-me pelo deserto do além, como um peregrino morto de cansaço, carregado com os inúmeros livros inúteis que havia escrito, como todos os artigos e opúsculos que havia publicado, seguido de um exército de leitores que se viram obrigados a tragar tudo aquilo. Meu Deus! E além disso, ali estavam também Adão e a maçã e toda a restante culpa hereditária. Tinha de purgar tudo aquilo e só então, poder-se-ia levantar a questão se, após tudo aquilo, havia algo pessoal, algo próprio que considerar, ou se todos os meus atos e suas conseqüências não seriam mais que espumas boiando no mar, ondulação sem sentido na torrente dos acontecimentos. . .” p. 187, O Lobo da Estepe. HERMANN HESSE

anamnese de um suicida e em todas tuas palavras se expressa uma criança OPRIMIDA e um adolescente que joga as últimas cartas no cassino da vida. As águas correm revoltas, as borboletas ziguezagueiam sobre nossas cabeças vazias e o silêncio da natureza vai ampliando a ridícula confissão de um HOMEM ACABADO, sem fontes onde refazer-se do cansaço mortal que alguém, com ou sem direito, introjetou em suas veias. ÉS O PROTÓTIPO PERFEITO DO POPULACHO. . .

Sobre política, o máximo que fazes é expressar um nacionalismo e um patriotismo ridículo, que não conduzirá ninguém a nada, a não ser a um

(\*) “. . . os marxistas rigorosos, os marxistas fanáticos e os marxistas gramaticais, que perseguem a realização do marxismo ao pé da letra, obrigando a realidade social a comprovar literalmente e fielmente a teoria do Materialismo Histórico – mesmo que tenham que desvirtuar os fatos e violar o sentido dos acontecimentos –, pertencem a essa categoria de homens (. . .) Que lástima a orgia desses eunucos repetidores, e desses traidores do marxismo! Partindo da convicção de que Marx é o único filósofo da história passada, presente e futura, que explicou cientificamente o movimento social e que, em conseqüência, deu de uma vez por todas, no calo das Leis do Espírito Humano; sua primeira desgraça vital consiste em afastar-se da raiz de suas próprias possibilidades criadoras, relegando-se à condição de simples papagaios do CAPITAL. Segundo esses fanáticos, Marx será o último revolucionário de todos os tempos e, depois dele, nenhum outro homem futuro poderá criar nada. O espírito revolucionário acaba com ele e sua explicação da história contém a última e indiscutível palavra, contra a qual não cabe nem caberá jamais objeção alguma. Nada pode, nem poderá conceber-se nem produzir-se na vida que não caia dentro da fórmula marxista. Toda a realidade universal, não é mais que uma perene e cotidiana comprovação da doutrina materialista da história. Desde os fenômenos astrais até as funções secretoras do sexo do gafanhoto, tudo é um simples reflexo da vida econômica do homem. Para decidir-se a rir ou chorar diante de um transeunte que resvala na rua, tiram seu Capital do bolso e o consultam previamente. Quando lhe perguntamos se “o céu está azul ou nublado”, abrem seu Marx Elemental e, segundo o que lêem será a resposta. Vivem e atuam em função de Marx. Já não necessitam fazer nenhum esforço diante dos vastos e mutantes problemas da vida. Basta-lhes saber que antes deles existiu o “mestre” que agora lhes economiza a viril tarefa e a nobre responsabilidade de pensarem por si mesmos e de colocarem-se em contato direto com as coisas.” (CÉSAR VALLEJO)



Todas as vezes em que teus capangas te indicaram alguém que, segundo eles, cultivava a individualidade, imediatamente passaste a perseguí-lo, até a atormentá-lo sem trégua, culminando tua infâmia com o encarceramento, o exílio e o assassinato planejado. Nunca entendeste e teus capangas muito menos, que existem vidas que se “fazem” “desfazendo-se”, que nascem gritos no mais absoluto dos silêncios, e que o homem rebelde, lúcido e consciente é algo mais ou menos como a peste: JAMAIS DESAPARECE. Por mais que instruas teus exércitos, por mais que treines teus torturadores, por mais bárbaras que sejam tuas manobras sócio-políticas, jamais conseguirás te ver livre destes homens que, por casualidade ou por determinação histórica, seguirão reivindicando e morrendo pelo impossível. Por incrível que pareça, torturadorzinho impotente, os verdugos, os teólogos e os ideólogos de teu regime, depois de tantos anos, ainda não entenderam que uma existência íntegra de um só dia é preferível a uma longa caminhada de desgraças, covardias e vaidades cometidas.

Não, populacho, o mundo não esquece um só momento de tudo o que és capaz de fazer, de tudo o que fizeste e de tudo o que transferiste para teus netos e bisnetos. E, é exatamente por isso, por conhecer a magnitude de tuas taras, que quero materializar meu MANIFESTO, dizer o que penso de ti, o que és e quanto custa ao mundo e aos povos, para que no futuro, quando de ti não restar mais que uma lembrança desagradável, se saiba que nem todos os que te contemporanizaram foram coniventes com tuas enfermidades.

É por isso, companheiro, que quero ampliar tuas chacinhas, configurá-las de todas as formas e projetar nas paredes da história esse teu sorriso deslavado, esse teu pranto inconsolável e essa tua máscara de animal bárbaro. É por isso que pretendo “espiar-te” em todos os ambientes por onde rastejas, como senhor ou como escravo, como mandatário ou como simples cafetão de adolescentes indefesas. Estarei em teus parlamentos, em teus cabarés, em tuas escolas, em tuas famílias, em teus sindicatos, quartéis e templos religiosos, levantando ato por ato desta ridícula peça humana. Quero ouvir tua filha e teu filho outra vez, indagar tua esposa, teu auxiliar, teu editor. . . e tua agitada alma de populacho como um todo.

E não pense que sou um sonhador, que tenho compromisso com os pelegos idealistas que querem mudar-te a todo custo. Longe de mim essa delirante tarefa!

Não desejo que um novo HITLER te atormente ou que a peste bubônica volte a florescer sobre teus ossos. Não! Apenas pretendo salvar a mim mesmo de tua estúpida companhia, porque sei onde nasceste, como cresceste, como vegetaste e como te entregarás inútil e passivo no mesmo lugar. Porque sei que nunca levantaste âncoras, que nunca mergulhaste fundo pelas estradas do mundo e que não possues o mínimo interesse por nada, muito menos pelas terras que estão além, do outro lado, onde habitam os nossos “antípodas”.

Vejo-te todas as manhãs e todas as noites no mesmo bar e bebes a mesma cachaça e fumas o mesmo BELMONT e dizes as mesmas coisas àqueles que te escutam irônicos. . . Depois, saís cambaleando em direção à tua casa, e presenteias tua mulher com um sorriso alcoólico, agrides teu filho adolescente, engoles dois ou três pedaços de carne como se fosses um vira-latas faminto e

desmaias no lençol negro de tua tragédia. E isso vem de longe, desde que te conheço, desde que tu mesmo te conheces como gente. . . um porre depois do outro, uma tragédia depois da outra, superando de longe a dramaturgia do velho e admirável Eurípedes.

Ah, se soubesses do sol marroquino! Aquele feixe de luz, misterioso e quente explodindo sobre o Saara! Um mundo novo, inédito, futurista. . . Anciãos centenários, roupas trituradas pelo tempo, barbas impecáveis, bastões totemizados. . . Um hotel miserável, onde o HAXIXE perfuma as noites mais longas e as tardes mais ensolaradas. Uma bailarina espanhola e mil outras bailarinas com a boca “vedada”. . . a eterna semelhança entre a boca e a vagina, um harém de bruxas irrecuperáveis. . . o SEXO em louvor a Maomé. . . uma carícia que não deveria ser engendrada por mãos maometanas. Labirintos onde tudo é possível! Um crime abjeto, marmelada enviada a um luxuoso hotel de Montreal, um livro de Bakunin pela metade e as árvores milenárias pelas ruas de Marrakesh. Um vendedor de água, muitas moscas navegando sobre um porco morto, enquanto uma família dramatiza de improviso um fragmento da história moura. Marrocos é uma escola completa, um delírio deliciosos que nunca chega à náusea. Becos, o balbuciar de idiomas; a espinha dorsal de um asno que carrega, heroicamente, meia tonelada de suprimentos e aa curiosa via da INFIDELIDADE; tudo misturado ao show dos encantadores de serpentes; aos vendedores de livros ou de comidas exóticas e ao quarto de um hotel sem estrelas, onde a morte ronda. Por que não te interessas por nada disso, populacho? Tente responder-me sem desviar o olhar e sem cair naquela velha lenga-lenga de que “se pode conhecer o mundo sem dar um passo fora de casa”, ou que a causa de tua vida monástica está vinculada a uma pressão endógena, etc., etc. Responde-me, apenas se quiseres, mas sem valer-te destas artimanhas ridículas que, em pleno século XX, não servem mais nem para enganar crianças. Responde-me: por que não tens vontade de conhecer o Senegal, a Polinésia ou os gatos pretos de Ibiza? Por que nunca tiveste desejo de viver em Formentera, em Mykonos ou em Calcutá, com uma delicada espanhola que conhece tudo sobre a botânica? Por que nunca te interessaste pela origem e pela vida dos ciganos, pelo princípio e pelo fim da pirataria, pelos pilares sólidos e instintivos do anarquismo, pelas raízes do niilismo, pela simplicidade dos homens do campo e pela consciência de ser o único e principal responsável por todo o PRESENTE e por todo o FUTURO de teu mundo? Ah, populacho! temo que já estejas morto, porque só um morto não alucina ouvindo um negro executando um jazz noturno. Só um morto não deseja galgar a mais perigosa cordilheira dos Andes, conhecer os indígenas ferozes do Xingu e os legendários mistérios de um Dalai-Lama entrincheirado no Tibet. Só um morto não deseja cheirar as pedras do Phanteon grego, navegar de Madagascar ao Rio Amazonas, treinar um leopardo e ter ao alcance uma obra de Nietzsche. Responde-me, populacho. Responde-me por que perdeste a tesão de viver e o que é que te mantém nesta marcha vazia; porque um dia, terás irremediavelmente que te arrepender de tudo isto. Aliás, tua vida é um eterno arrepender-se.

Pela manhã saís correndo de tua casa cheio de esperanças na LOTO ou no jogo do BICHO, mas, pela tarde, é comum encontrar-te desanimado e quase apto a pôr fim à vida. Buscas obsessivamente tua “essência” sob os escombros da

sociedade, enquanto ela dorme esquecida em tua inconsciência de narcoléptico. Tua ignorância e tua servidão perante o mundo não permitem que ela se manifeste, e morres diariamente para o mundo, apesar de tua permanente convicção de ser um “salvador” de povos, um “altruísta” e até mesmo um “MESSIAS”.

Busca compensar tuas debilidades no ouro, na fama, na eloquência e na “nobreza” mais ridícula: a nobreza do populacho, mas ninguém é mais insuportável que tu, que ontem não possuías o suficiente para comer e hoje estás cercado por servos e por banqueiros. Só que ainda não descobriste uma coisa elementar: nem o dinheiro te salva, pelo contrário, torna-te ainda mais pedante, incoerente e desprezível. . .

Em tua casa de NOVO-RICO, vejo cerâmicas e mármore, REMBRANDT e BEETHOVEN, cortinas feitas em Bombaim, flores vindas do Himalaia, tapetes persas e, para o cúmulo do ridículo, até um busto de GOETHE. Vejo teu diploma, ampliado e pendurado na parede, muitos livros ainda lacrados, cristais e plantas e, no meio de tudo isto, TU, com essa coreografia de palhaço, a carteira estufada no bolso traseiro e com as pernas cruzadas para esconder o CU e os GENITAIS. Cinco minutos depois que chego em tua casa, mandas teus servos prepararem a mesa e serves, para duas pessoas, comida suficiente para alimentar vinte ou trinta famintos. Dez minutos depois, exhibes-me teus vinhos, quase todos recebidos de empresários, banqueiros ou políticos, por ações de conivência em corrupção NACIONAL e me mostras teus Picassos e teus Rembrandts; como se a arte, em algum momento de tua vida, tivesse tido o mínimo significado. Logo depois, retiras o veludo cinza que cobre um piano italiano e ORDENAS que tua filha adolescente te execute uma peça de Liszt. A ordem é semelhante à que emitiste a teus servos; e tua saudável e delicada filha toca o teclado com gestos de desconforto, o ventre retraído por tua repressão e um sinal de asco no olhar. Liszt invade os salões de tua casa, fazendo ironia e desaparecendo por detrás das grossas cortinas do ambiente. Falas duas ou três vezes sobre a “técnica”, deixando claro que para ti, ela é tudo, e que és daqueles para quem os símbolos são mais interessantes do que aquilo que simbolizam. Acompanho-te pelas suítes de tua mansão como quem desfila turisticamente por um anfiteatro, sabendo que tudo aquilo que me apresentas é montado e artificial, com exceção daquela que me apresentas como “esposa”, que oculta entre os seios um bilhete do amante( \* ) e que deve ser quem conhece a fundo tua fragilidade e tua farsa.

(\*) “Outra vez vi que te afastavas, quase dançando por entre os raios incandescentes do sol e, seguramente, também em ti nascia uma sensação de desconforto e uma dor sem remédio. Tu e eu, naufragos ingênuos, atirados no meio da borrasca! Um ou dois momentos de paixão e o resto gasto inevitavelmente para suportar o desastre. Como loucos passeamos em vão pelos fugazes prazeres de nossos corpos e de nossos delírios. . . e ambos nos prometem o impossível, enquanto a paixão nos acorrenta ao engano, como os deuses acorrentaram PROMETEU numa rocha. Os seres desfilam ao nosso lado como fantoches, escutam confusos nossos sonhos de amor e se vão, levando segredadas suas verdades e suas mentiras que, talvez, sejam idênticas às nossas. Arrisco outro olhar e tu caminhas como um sol dentro do sol, os cabelos tristemente caídos pelo rosto e como quem cravou os olhos para sempre no solo em que pisa. Uma estranha emoção me oprime o peito, não sei por que nos entristecemos por tão pouco, nem por que nossas angústias se parecem tanto! Ah, angústias prenhes de coisas que não são daqui,

nem dali, nem de nenhum lado. Desapareço sem rumo. A vida cotidiana me enche de asco, vou deslizando pelas plataformas, como um assassino sem lei, quero-te mas não te quero, me enlouqueces e me normalizas; e o sol, essa bola infame de energia, debocha de nossos desencantos. Não sei o que fazer com essa inquietude e com essa PAIXÃO que me faz ver-te mesmo onde não estás e que me ilude de, em ti, poder amenizar essa agonia que vem de longe, de tão longe que nem imaginar se pode. Como dois lobos inquietos, circulamos pelos mesmos labirintos, buscando um no outro aquilo que nem um milagre pode dar. . . e o espaço é pouco, o tempo se esfuma, nossos dedos se acariciam como os de duas grandes vaidades e, pouco a pouco, o espetáculo se acaba e nos encontramos nos elevadores com a mesma “indiferença” com que se entrecruzam esses fantoches da burocracia e os membros dessa manada de imbecis que, tu e eu, contemporanizamos. Ah, se eu pudesse correr por teus passos! Se eu pudesse levantar-te o rosto suave e descobrir nele a maneira de roubar-te em definitivo, ou pelo menos, de despertar desse gostoso e diabólico sonho! E como me vem, neste momento, as imagens finais do filme CARMEM, de Carlos Saura. . .”

Ah, populacho! Tu, depois que te separas de tua mulher, passas o resto de tua vida atacando-a de frígida, de esquizofrênica, de prostituta ou de mãe perversa, como se com isso pudesses reconquistar tua AUTO-ESTIMA perdida e tua segurança. E tu, mulherzinha abandonada, passas a descarregar teu ódio contra os filhos daquele que não te suportou, abrir inquéritos contra sua vida, minar todos os seus caminhos e ainda, a exigir dele o dinheiro que nem teus pais, nem o ESTADO, nem ninguém tem o dever de te dar, numa manifestação parasitária infame que nunca te permitirá emancipar-se. . . E tudo isso porque nenhum dos dois entendeu que as causas e as razões do DESASTRE MATRIMONIAL não estão no comportamento das “vítimas” mas, sim, na origem mesma desse costume troglodita de COABITAR com estranhos e, ainda pior, de tentar impor sobre eles nosso ponto de vista sobre as coisas e sobre o mundo.

E não adianta seguir simulando que teu casamento é uma “coisa sagrada”, que “estás realizado”, que “é tudo o que esperavas da vida”, etc., porque te conheci profundamente convivendo com teus filhos e filhas em vários lugares do mundo, porque dormir com tuas esposas, porque interroguei mendigos e reis sobre a questão, além de viver no mesmo quarto que tu e ter tido oportunidade de presenciar teus pesadelos. Não adianta tentar dar tréguas à tua mentira, porque conheço uma por uma de tuas expressões e porque conheço o conteúdo de tuas vinte e quatro horas de tormentos. Estive contigo, e tu debes lembrar-te disso, durante os mais diversos momentos e nas mais variadas “gestalts” de décadas; e fui busca na história tuas partes perdidas, com as quais montei um quadro completo de tuas chagas. Confesso que poucas vezes me interessei por tuas palavras ( \* ), sempre quis guiar-me por teus gestos, teu cinismo, teu olhar que treme, tua definição do prazer e pela maneira como tu simulas diante dos ingênuos mortais que te cercam.

(\*) “. . . os homens falam uns aos outros mas não se entendem. Suas palavras se chocam contra as palavras dos demais e não existe ilusão maior do que pensar que a linguagem é uma forma de comunicação entre eles. Falamos com alguém, mas de maneira que ele não nos entenda. Seguimos falando e o outro entende ainda menos. Gritamos e ele nos devolve o grito. Os gritos ricocheteiam de um lado a outro, como balas, debatem-se, esperneiam e por fim caem sem vida ao solo. Raras vezes chega a penetrar algo no outro e, quando isso acontece, é quase sempre algo distorcido e falso.” (ELIAS CANETTI)

Por incrível que pareça, enquanto juras ser MONISTA, teu corpo deixa explícito um DUALISMO fanático e, enquanto lutas para captar a essência do YING-YANG, dás provas de que jamais chegarás a harmonizá-los em ti. A astrologia te fascina, só que pelo que tudo indica, os astros que regeram teu nascimento e que regem tua vida não te quiseram mais que populacho. Sempre fico adivinhando qual será teu astro e concluo que deve ser uma abóbora chinesa que tem como ascendente um belo e alongado pepino nacional. Torna-te um prato cheio aos psiquiatras, quando procuras te fazer passar por um mago, feiticeiro ou iluminado e inventas um deus para cada estação do ano, um mestre para cada momento e uma mentira para cada vez que me encontras.

Tu, vil parasita, tu que não te suicidas, foste a causa do suicídio de homens interessantes como José Ingenieros, Lucrécio, Cesare Pavese, Stefan Zweig, Raul Popéia, Pedroa Nava e muitos outros. Não é fácil entender a origem de tua mágoa e de teu ressentimento contra os homens lúcidos e corajosos e, muito mais difícil ainda, é entender como, desde teu covil, consegues forçá-los a abandonar a vida(10).

Pobre irmão de mundo! É triste e desesperador concluir que de nada adiantaram os milhares de livros escritos nestes últimos séculos; as novas concepções da vida; os trovões da ciência; as religiões que proliferaram de maneira caótica no planeta; as couraças mecânicas do corpo e da arte. . . sim, tudo parece ter sido em vão, uma vez que não te trouxeram nada, nada especial que te auxiliasse no salto para fora da armadilha.

Em uma rua de San Salvador de Jujui, arbitrate contra a liberdade de um estrangeiro, separaste-o de sua companheira peruana e de seus amigos brasileiros, interrogaste-o com tua voz reprimida de policial e com tua falsa segurança, fundamentada sempre em metralhadoras. Com o dedo no gatilho quiseste saber seu nome, a origem de sua bagagem, o motivo de sua barba, qual sua religião, sua ideologia e seu destino. És tão imbecil, este sistema te imbecilizou tanto, que o interrogaste sobre tudo, menos sobre sua própria vida. Conduziste-o, depois, para tuas salas de tortura, fotografaste-o de todos os ângulos, arquivaste suas impressões digitais, seu peso, a cor de seus olhos. . . e, tudo isso feito de maneira suja, burocratizada e abjeta. E ele não te devia nada, nem a ti, nem aos grupos paramilitares de teu país, nem ao mundo. Esta chegando da Bolívia, escutando a voz suave da Elena, observando os indígenas sorridentes, comendo pão preto e tomando o vinho puro e natural que os camponeses fabricam para teus porres. Nunca havia tido interesse pelos teus crimes, pelas matanças que vens executando há séculos, porque conhecia suas origens e, se alguma vez idealizou apontar-te uma Parabellum ou dinamitar teu refúgio, foi sempre porque tudo, absolutamente tudo que te cerca, evidencia teu mau caratismo. . . De tanto que havia vivido entre a escória populesca, aquele que te parecia tão perigoso, tinha por ti e por teus capangas, apenas nojo e interesse científico, nada mais.

(10) "De todas as coisas que movem os homens, uma das principais é o terror da morte. Depois de DARWIN, o problema da morte como problema evolutivo chegou a ser muito importante, e muitos pensadores logo advertiram que este era um dos principais problemas psicológicos do homem(. . .) Para se ter consciência da morte é necessário refletir a manipular conceitos, e os animais não possuem esta qualidade. vivem e desaparecem com a mesma indiferença: uns poucos minutos de temor, uns quantos segundos de angústia e tudo termina. Mas viver toda uma vida com a idéia da morte obsessionando nossos sonhos, mesmo nos dias mais felizes, isso é diferente". ERNEST BECKER

Outra vez, quando um negro viajava pelo mundo, fechaste para ele as portas de teus hotéis e mentiste, com cara de porco chauvinista, que não havia quarto disponível, que estava lotado, que a negritude era uma sub-espécie. Se os negros fossem realmente uma sub-espécie como apregoas, já teriam desmantelado radicalmente essa sociedade racista e covarde; com barras de ferro teriam invadido teu Parlamento, tuas fábricas, igrejas, latifúndios e não teriam deixado nada no lugar. . . sinceramente, não sei até hoje o que é que impede aos negros de tomar essa medida! Pobre branco! Pobre bastardo! Pobre filho de uma rameira! No aeroporto de Londres, criaste uma prisão para negros, latinoamericanos, espanhóis, asiáticos. . . e para todos aqueles que não identificavas como teus ex-colonizados e que não levavam os bolsos abarrotados de dólares e, numa tarde de agosto, acusaste uma africana de traficar cocaína, apenas para justificar tuas arbitrariedades racistas contra ela. Mas és tão doente, que nem entendeste o quanto ela era superior a ti e a todos os que te protegiam com cassetetes e cachorros. . . Um dia tomarás consciência que esses povos que sugaste durante décadas (hindus, chineses, africanos, latinoamericanos, etc.) esperarão o tempo que for necessário para pisarem tua caveira e jogá-la ao lado das estradas. Um dia, descobrirás que o próprio Shakespeare já escreveu teu perfil em [Timom de Atenas], onde estás representado na figura de Vintídio, sendo hipócrita e fingido, amigo na aparência, mas, na realidade, falso e traiçoeiro. Ouça as palavras de Timom dirigidas às prostitutas e amantes de Alcebíades, para que vejas como esse talento já conhecia teu íntimo por inteiro:

“SEMEAI A CONSUMAÇÃO DOS OSSOS ESBURACADOS DOS HOMENS; FERÍ AS FINAS TÍBIAS E DESTRUÍ TODA ENERGIA. ELIMINAI A VOZ DO ADVOGADO PAR QUE ELE DEIXE DE FAZER DEFESA DE CAUSAS FALSAS. QUE SEJA ROÍDO O NARIZ DO HOMEM, PARA QUE NÃO POSSA SEGUIR CHEIRANDO A NECESSIDADE PRÓPRIA A CUSTAS DO TRABALHO PÚBLICO. LEVAI VOSSO VENENO A TODOS E QUE DE VOSSA ATIVIDADE (a prostituição) RESULTE O ANIQUILAMENTO E A MORTE DA ORIGEM DA EREÇÃO. EXTERMINAI A TODOS, E QUE ISSO AS LEVE TAMBÉM AO EXTERMÍNIO. QUE SEJAM FOSSAS VOSSAS SEPULTURAS”.

Mais adiante, com a mesma fúria incontida, Timom dirigindo-se a Apemanto, brada a última maldição:

“ÉS UM ESCRAVO QUE A FORTUNA NUNCA APERTOOU EM SEUS BRAÇOS. JÁ NASCESTE COMO OS CÃES E, SE PELO NASCIMENTO NÃO FOSSES O ÚLTIMO DOS HOMENS, SERIAS UM TRAPACEIRO E UM ADULADOR. . .”

## QUINTA PARTE

*“ . . . Proclamo a oposição de todas as faculdades cósmicas contra esta blenorragia de um sol putrefato surgido das fábricas do pensamento filosófico; luta encarniçada por todos os meios da repugnância dadaísta. Qualquer produto da repugnância susceptível de converter-se em negação da família, é Dadá. Protesto aberto contra todo ser em ação destrutiva, é Dadá. Conhecimento de todos os meios até agora repudiados pelo sexo pudico da transa cômoda e da cortesia, é Dadá. Abolição de toda hierarquia e equação social instalada para os valores de nossos criados, é Dadá. Abolição da arqueologia, abolição dos profetas, abolição do futuro, é Dadá. Fé absoluta e inquestionável em qualquer ser que seja produto imediato da espontaneidade, é Dadá. Salto elegante e sem preconceitos desde uma harmonia até outra esfera, é Dadá. Trajetória de uma palavra lançada como um disco, grito sonoro e respeito por todas as individualidades e pela loucura do movimento. . . isto é Dadá. . . ”*

Tristan Tzara

Pelo que dizes em teus discursos, pelo que escreves em tuas manchetes e pelo que ordenas que incluam na Nova Constituição de teu país, me convences de que ainda não tomaste consciência de que és o maior responsável pela “ORDEM” doentia da sociedade e por grande parte das patologias da humanidade. Me convences de que ainda não te deste conta de que é através de ti que os “poderosos” levantam fortalezas, criam axiomas contra a vida, doutrinas e fórmulas que escravizarão nossos netos e bisnetos, sem remédio. Estás cego, e não podes ver que, até agora, a vida te escapou por entre os dedos, que até agora só tiveste acesso à matéria perecível, a retratos cósmicos e a tumbas de barro. . . Mas segues

acreditando que “este é teu destino” e chegas a afirmar como um macaco: “este é meu karma”, “os humildes serão exaltados”, “muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos”, etc. Em pouco tempo te foste alienando em filosofias diversas, sem ter o mínimo discernimento e sem perceber que elas, no fundo, também foram fundamentadas na lógica dos peixes, a lógica do SALVE-SE QUEM PUDE.

Tua timidez e teu medo impedem-te de duvidar. Duvida de tudo, populacho! Deixa que teu SER diga “sim” ou “não” e não tenhas medo de ferir ou de desmascarar os filisteus que te cercam. Lembra-te que é chegado o momento de dinamitar a LEI da farsa, que acabou-se a necessidade de ser conivente, de perpetuar a fraude intelectual e social deste cassino ambulante que é a sociedade. Já que tudo passa e que tudo sempre passará, dispara o gatilho da audácia e REinventa a vida, descobre a fórmula para que tudo se faça com soberba harmonia. Seja TU MESMO (se é que existes)! Revira os disfarces do caminho e te tornarás superior às armadilhas que se esperam. . . e, assim, tu próprio te amarás um dia, e poderás marchar com o passo de quem sabe para onde quer ir, apagando de tua couraça muscular o condicionado “passo de ganso” dos nazis. Mas, por favor, não penses que poderás descobrir em ti alguma “chama divina”, ou algum vestígio do “homem cósmico”, porque esses delírios não caberão, em hipótese nenhuma, na mente do homem emancipado. Só assim, populacho, é que poderás reconquistar o prazer de viver, reconquistar a sabedoria para guiar as crianças, a delicadeza para amar, a esperteza para vencer os obstáculos naturais da existência e a lucidez para ver o Universo como algo que está além, muito além, de uma tabelazinha de valores. Assim, e só assim, conhecerás o verdadeiro ciclo das fores, entenderás o vôo rápido das corujas, o pranto de uma mendiga e o ribombar das ondas numa noite de inverno. Só assim, querido contemporâneo, é que poderás instituir um trabalho prazeroso, reconquistar a capacidade moral e psíquica para o ócio e conviver tranqüilamente com a certeza da efemeridade e da banalidade do mundo.

Existe uma trilha pela qual se pode readquirir outra vez a saúde, a voz confortável, os gestos livres e o batimento vital uniforme. . . quando então os “deuses” e os mestres, que até hoje infernizaram a mente humana, evaporarão do mundo como o éter, para deixar-te voltar, outra vez, ao nomadismo daqueles que, por muito tempo, cuspiram sobre as PÁTRIAS, renegaram toda e qualquer filosofia e que sem medo, e sem uma pedra onde repousar a cabeça, viajaram de um extremo a outro das estradas.

Agora conquistaste a liberdade-possível. O tributo é, nada mais nada menos que uma incurável solidão. . . Um incurável sentimento de ESTAR-PERDIDO, naufrago num mar de tubarões famintos. . . o estágio mais elevado de um homem. “– . . . e não te levantas na ponta dos pés, porque não suportarás por muito tempo! E não dês grandes passadas,

porque não conseguirás ir muito longe! E não te exhibas, porque não brilharás! E não te afirmes, porque não conseguirás te impor! E não te glorifiques, porque não conseguirás fazer reconhecer teu mérito! E não te exaltes, porque não conseguirás jamais, ser um chefe!” (Lao Tsé).

Não tenho dúvidas de que estou perdendo meu tempo sobre esta mesa e sobre estes velhos papéis, porque tenho certeza de que não é teu hábito entrar em livrarias e, muito menos, ler “obras panfletárias” que te retratam. Conheço muito bem tua literatura predileta e também tua capacidade interpretativa.

Parece incrível, mas apesar da vida estar carregada de surpresas, de deboches e de encantos; onde tu habitas tudo se transforma em tragédias mórbidas e em palcos de desastres. Claro que não tens culpa, populacho! Não tens culpa nenhuma por teres nascido de uma mãe luxuosa do século XX, nem de teres explodido por uma cesareana ou de teres sido privado da amamentação. Tua grande culpa é não ter vontade, não dar teu grito de guerra e não desejar ir além dessa palhaçada.

Segues escrevendo para jornais mentirosos e corruptos que, durante mais ou menos uma década, censuraram teu trabalho. Segues rezando para fantasmas que, durante mais de vinte séculos, não alteraram uma vírgula de tua desgraça. Segues venerando cadáveres políticos e oprimindo a política atual dos jovens, cobrando uma fábula por uma consulta, levando teus filhinhos para escolas convencionais, trabalhando para um PROGRESSO que não existe, brigando por uma partida de futebol ou por uma chefia no Estado e espalhando o medo político de um extremo a outro de tuas fronteiras. Segues usando medicamentos para “acalmar” teus nervos, transmitindo angústia e culpa para tuas filhas, explorando o próximo, mentindo e exibindo-te diante de pseudos-magnatas e, por fim, repetindo um paradoxo vergonhoso: GASTAR A VIDA PARA GANHAR A VIDA.

Nunca leste uma frase de Kierkegaard, tens um medo paranóico dos chamados “comunistas”, dos “fascistas”, dos “anarquistas” e, até, dos teus intestinos que roncam. Ainda alimentas um ciúme gigantesco, uma inveja mortal, um machismo primário e um feminismo caótico dentro de ti. Ainda não aceitas a liberdade dos outros e proíbes tua companheira de olhar ou de entregar-se a alguém, porque sabes o quanto és inferior e inseguro e que, se não engaiolas teu “pássaro”, ele te abandonará. Tens um medo irracional de ficar só, abandonado como um touro, ironizado pelas mulheres, calvo e com a barriga cobrindo-te o cinturão. Tens medo de chegar a ser um brocha, um impotente e um afeminado. . . e é por isso que lutas incansavelmente para sustentar uma imagem viril diante da vida, a qual, por fatalidade, te conduz exatamente ao lugar de onde desejavas fugir.



Passaste teus dias longe da volúpia, da sensualidade e da sexualidade e, portanto, não sabes o que é o amor. Teu corpo não conheceu os estremecimentos do gozo, as artimanhas da paixão, nem os golpes revolucionários que teu corpo é capaz de inventar. Quando muito, foste um “coelho-em-coito” ou uma madame na horizontal que, longe de fazer do ato um fim, fazia dele um meio, quase sempre vergonhoso, frustrante e de “pecado”. É por essa razão que reclamas e que te lamentas, dizendo que a vida é pura ilusão, um mar de lágrimas e uma tragédia.

Não podes entender que a tragédia está em teu arquivo de valores, em tua irracional negação do corpo, do prazer e da vida. E cada dia tua espinha se curva mais, tua pélvis se esfria, tuas mãos vão ficando embrutecidas, teus olhos desconfiados, tuas nádegas imóveis e teu pênis ou tua vagina, retraídos e adoentados. Só um mundo de suicidas e de paranóicos poderá desprezar o corpo em função do “espírito”, da “alma” ou dos “fluídos místicos” que inventaste. Só uma civilização seduzida pela guilhotina poderá pactuar com doutrinas e com filosofias que prometem a “glória” e o “paraíso-futuro” em troca da renúncia e do inferno presente. Só um bando de loucos e de medíocres poderá seguir dando rédeas a essa hedionda e imbecilizadora comédia, diante da qual, segues, como o arauto triste e desfalcado de nosso tempo.

Muitas foram as vezes em que te vi estampado na figura do cão descrito por Spitteler, aquele cão que lambias as mãos de seu dono enquanto este estrangulava seus filhotes. A submissão é a moral dos asnos e por causa dela o mundo se afunda num pântano.

Está claro que já nasceste submisso. Cresceste submisso. Estudaste submisso. Trabalhas submisso. Foste ao exército, ao matrimônio e ao batismo de teus filhos, submisso. Carregas em tua coreografia uma marca caricatural de subserviência e não estás completamente errado nisso, uma vez que a vida não se caracteriza pela facilidade; mas também, vamos e venhamos, não é tão difícil como tua debilidade a pretende pintar.

Ontem te vi caminhando rápido pelas ruas. Depois, misteriosamente, diminuíste a marcha, como se uma apatia crônica te tivesse assaltado, e te foste deixando arrastar pelo vento, as pernas puxadas à força, os olhos aglutinados pela insegurança, as mãos apertadas sobre um pacote e as artérias do pescoço latejando pela esclerose. Ao passar por um mendigo, recuperaste tua postura de político profissional, buscaste uma moeda no fundo de teu paletó e, com um gesto quase “nobre”, cuidando para não tocar na mão suja que se estendia para ti, realizaste o ato esmolar e inflamaste o peito, olhaste para os lados e seguiste confiante, quase certo de que chegarás a eleger-te como Senador e a perpetuar pelos séculos afora teu STATUS QUO.

É provável que nestes momentos de tua vida cotidiana não tenhas a menor consciência de que és escravo da terra, porque a quiseste registrar

em teu nome. Que passas fome, porque jamais te negaste a trabalhar para aqueles que comem cinco vezes ao dia. Que as doenças te infernizam a vida, porque não respeitas teu corpo. Que os “deuses” te abandonaram, porque sempre te apresentaste diante deles com uma expressão de pária, de frágil e de impotente, e porque jamais te atreveste a assumir um pouco de teu ORGULHO PESSOAL. Onde camuflas teu orgulho, populacho? Sem orgulho a vida não se sustenta e logo te transformas num vendedor de títulos, num advogado ou, quando muito, num comerciantezinho obcecado por NEG-ÓCIOS. Sem orgulho, te aviltas pessoalmente e acabas rastejando sob as botas de homens desprezíveis, oligofrênicos e perigosos psicopatas. . . E não faças essa cara de *beneditino*, pois sabes muito bem a que orgulho me refiro, porque existem homens e mulheres que se orgulham por causas e por fatos que envergonham até o mais primitivo dos répteis. Que teu orgulho seja por AMAR-TE A TI MESMO! Por poder caminhar entre os homens como se eles fossem pirâmides e, fundamentalmente, por saber que és o único senhor de teus atos.

Que te orgulhes por não pertencer a ninguém ou a nada: a nenhuma escola, religião, partido, filosofia ou patrulha deste mundo. Por estar sempre de passagem, sorridente ao sol dos trópicos e indiferente aos sórdidos monumentos dos homens.

Então aprenderás a tocar tua mulher, a escutar e a entender a voz de teus filhos, a pensar e atuar no ritmo certo do mundo e a não chicotear aqueles que manobram a nave elevada da loucura. Então estarás perto daquilo para que foste engendrado. Agora, cuidado. Cuidado para que as massas não te vejam como um NOVO MESSIAS e te sigam fanáticas, como ovelhas. Mas se por acaso isto vier a acontecer, lembra-te das palavras do velho ZARATUSTRA: “. . . *vos ordeno que me deixais e que vos encontreis a vós mesmos; e só quando todos me houveres renegado, desprezado e pisoteado, só então regressarei a vosso encontro e vos amarei com um amor diferente!!!*”.

Não acredites em mestres; escala sozinho a tua jornada. Não te deixe levar pela sede de poder que sempre hiberna nas veias dos covardes. Salva-te a ti mesmo, tu representas todas as culturas e salvando-te, tu as respeitas. Salvando-te, entenderás que somos UM FIM e não UM MEIO. Que somos deste mundo e que nele viveremos e desapareceremos. Que nosso futuro é hoje e que o amanhã só interessa aos paranóicos. AVANTE, COMPANHEIRO! Que é por ti que as aves nascem sem penas, as tartarugas se perdem no deserto e que os corvos mergulham soberbamente pelos esquives dos cadáveres. . . AVANTE! que, por ironia, és tu quem dirige o mundo. De ti dependem os filósofos, os investigadores, os solitários e até os gênios. Em tuas arcas repousam os alimentos, as leis e as armas que sustentam todos os impérios. Em teu coração dormita o “êxito” e o “fracasso” de toda a humanidade e em teus atos momentâneos se solidifica toda a dor abismal dos povos. És o único culpado de tuas esperanças e o arquiteto de todas as farsas. Enquanto a vida está aí, fácil e

simples, adoeces inesperadamente e te desequilibras na trama de teus sonhos. Acredita, populacho: tudo aquilo pelo qual lutas desesperadamente, pelo qual te sacrificas e desesperas, tudo isso vem automaticamente ao homem LIBERTO. Ao homem livre nada lhe falta, porque o mundo foi feito para ele. Dele são os palácios mais exóticos, os trigais pardacentos e até as raízes de lótus que dormem no fundo dos brejos. Do libertário são os rios cristalinos, as paixões maiores, os amigos mais lúcidos e as primeiras horas da manhã (11).

Em poucas palavras, o mundo pertence aos homens livres ou, se preferes, aos vagabundos, aos ciganos errantes, aos filhos do vento que, com seus bisturis, chegaram à origem do TODO.

FILHO DO MUNDO! Eis aí o que podes voltar a ser, populacho!!!

Separa-te dos teus, como faz o filhote das águias e inventa teu próprio Everest. Porque se um dia tiveres que perguntar quem é teu pai, quem é tua mãe, quem é teu amigo ou inimigo, terás a surpresa de ver-te mergulhado num silêncio mortal e terás que assumir, em um minuto, uma solidão de séculos.

(11) “. . . minha propriedade é o que pertence somente a mim, aquilo do qual posso fazer o que quero, aquilo que ninguém me pode roubar, que seguirá sendo meu até o fim de meus dias e o que devo usar, acrescentar e melhorar. Essa propriedade de cada homem, é ele mesmo”.

## SEXTA PARTE

*“ . . . Não podem exigir que tragamos com gosto o desagradável pastel de carne humana que nos obsequiam. Não podem exigir que nossas narinas aspirem com prazer as emanções cadavéricas. Não se pode esperar que seja heroísmo a apatia e a frieza de coração que fatalmente se manifestam cada dia mais. Um dia teremos que admitir que reagimos de maneira muito cortês e até comovedora. Os panfletos mais estridentes não foram suficientes para cobrir decentemente com asco e desprezo a hipocrisia geral”.*

Hubo Ball

Um dia observei que invadias uma universidade em nome de uma política fascista e corrupta, e ias com tua fisionomia de ódio, o capacete enfiado até as orelhas, um uniforme impecável e a pistola na mão direita, que brando tudo o que encontravas pela frente. Por onde passavas ias deixando um rastro de sangue e de desordem e o eco de teu grito frio de bastardo.

Havias desfalcado economicamente o país, torturado adolescentes, jogado ao mar milhares e milhares de combatentes, violado as leis internacionais, os princípios elementares da ética e assumido claramente o papel de ASSASSINO. A classe média, os latifundiários, os religiosos, os reitores e o exército te apoiavam. A sociedade inteira, covarde e analfabeta, levantou a CRUZ e o FUZIL contra a legalidade, a paixão de VIVER, a VERDADE e a SAÚDE de um povo inteiro.

Nomeaste tua mulher, teus filhos, teus parentes e teus pistoleiros para assumir os postos chaves da nação, desta nação que acreditaste ser tua, e incentivaste a mais vil das corrupções, provocando um antro de miséria, a decadência intelectual e o sacrifício de uma geração inteira: E, mesmo assim, não tiveste vergonha nesta cara inchada de bêbado e seguiste lutando para perpetuar teu mandato. . .

Lembra-te populacho, cabozinho ridículo, daqueles jovens que perfuraste o corpo com baionetas nos porões de teus quartéis? Daquela adolescente que violaste e em quem enfiaste cabos elétricos na vagina? Daquela editor que amarraste dentro de uma caixa de madeira e simulaste atirá-lo de um helicóptero? Daquela mãe que, amarrada, assistiu-te torturando seu filhinho de oito meses? Lembra-te dos rins que envenenaste, dos pulmões e dos olhos que vazaste, do famoso PAU DE ARARA que havias instalado no fundo de uma garagem abandonada? Claro que te lembras! E não adianta vir agora, com essa cara de porco apestado, dizer que apenas cumpria ordens, que trabalhavas fielmente para o GOVERNO, que não sabias o que estavas fazendo, que tuas vítimas eram todos delinqüentes, anarquistas, comunistas e comedores de crianças. Não adianta tentar ocultar teu passado, nem lavar-te essas mãos ensangüentadas, com querosene. Toda tua expressão corporal, principalmente essa cara petrificada, deixam ver o ASSASSINO que foste. . . e que és.

Ah, confesso que tenho náuseas neste sábado de sol, por ter que suportar-te! Por saber que és imutável e que tens direito de reproduzir-te como uma hiena. Tenho náuseas por saber que infestaste todos os setores da vida, dos hospitais às academias de letras e que, por muitas décadas ainda, tuas bombas de efeito retardado seguirão dilacerando as vidas e os sonhos. . . E tudo fundamentado na enfermidade, nesse teu desejo de PODER e na fera faminta que se agita dentro de teu peito.

Bandeiras se levantam e são derrubadas. Governos sobem e governos descem pela rampa da infâmia. Exércitos, ideologias, ministros e reis cedem e dançam sob a força incontrolada da natureza e do tempo. Tudo explode e tudo implode em vão e o CICLO-DO-SACRIFÍCIO se repete infinitamente, sem te fazer lembrar que acabarás numa pequena cova e barro, alguns palmos por debaixo da terra, como um rinoceronte. Como dizia Prometeu a seu irmão: “. . . *es para nosotros el cielo y la tierra? Que*

*nos importa el juicio de DIOS y de los hombres? Son extraños que nada pueden hacer para la bienaventuranza o danación del nuestro mundo interior!”.*

Talvez este seja o momento de entender que teus crimes foram em vão e que ninguém poderá fazer algo por ti e muito menos para que atinjas teus sonhos megalômanos. Esqueça-te da cibernética, da psicologia, da sociologia e dessa tua medicinazinha sintomática. Estás só, companheiro, desde o momento em que saíste do útero e, só, estarás para sempre. Para sempre, mesmo quando procuras enganar-te com fantasias de comunidades, de famílias ou de uma irmandade universal. Mesmo com teus delírios de estar cercado por admiradores ou por escravos, estarás a uma distância abismal dos outros. A maior ironia é que não consegues escapar nem de ti mesmo! Por isso, constrói tua morada dentro de teu próprio peito. . . acorda Populacho ou, então, atira-te hoje mesmo ao mar para desobstruir o caminho aos demais.

Enquanto sepires vivendo como um parasita ou como um verdugo, anularás uma por uma das supostas ‘boas ações’ que praticas, invalidarás tuas descobertas e não desfrutarás de tuas fortunas depositadas nos bancos estrangeiros. Nada disso te servirá se, nos momentos de desespero, voltas à heroína, às religiões ou te vales outra vez de tua Parabellum. Tudo será inútil se na primeira de tuas depressões voltares a cair de joelhos e, cheio de covardia, perguntares: SENHOR, POR QUE ME ABANDONASTE?

Olha para trás, e verás claramente que até hoje tudo foi fundamentado no NADA ou, quando muito, na fraude. Ali estão tuas mulheres: rígidas, reprimidas, assexuadas, enfermas e escravas de todas as futilidades da vida. Vê o olhar que fuzilam sobre seus filhos e a intriga que tecem para seus amantes. Ah, e vê como lutam para te seduzir e para te prender, moço de família, trabalhador e honesto palhaço; a ti que te esqueces do mundo quando estás diante de um espelho, delirando ser tão belo como Apolo. Sim, é a ti que elas devem caçar, não porque necessitam de ti afetivamente ou sexualmente, mas porque precisam ter acesso ao CAPITAL, ao TRABALHO e à própria vida, já que de outra maneira, tu não o permites. E é interessante ver como te dominam! Como te fazem rastejar sob o peso da depressão! Basta uma abrida de pernas, uma amostra dos seios, para que te interesses por elas e as convertas em tuas esposas. Por mais que te aches erudito, por mais que penses ser um Don Juan ou um Casanova, diante de uma simples prostituta, não passas de um asno. E elas sabem onde está teu ponto débil, teu temor e tua ferida sangrenta. . . e a tocam com uma precisão invejável.

Estou convicto de que serei absolutamente descrente enquanto tu vivas. De que nunca terei um galo, um guarda-chuva e nem um centímetro de terra registrado em meu nome e que a idade me encontrará sem novidades. Que serei para ti o mesmo vagabundo de sempre, marchando

meu passo ao vento e espiando tua velocidade infame em direção ao mais cruel dos patíbulo.

Dormirei na umidade noturna e me aquecerei ao sol das alamedas com um surrado poema de Hansun decorado. . . Só, só como sempre, mas com meu MANIFESTO sob o braço. Não morrerei sem antes mostrar-te a ti mesmo, sem denunciar-te ao mundo, sem antes fazer com que cores essa face que tanto tempo permaneceu como um bloco de gelo. Quero enfiar-te na cara uma retrospectiva de teus crimes e terás que olhar para as árvores destruídas, para os rios envenenados, para os campos infecundos, para a juventude imbecilizada e para a servidão popular. . . e terás que bater no peito e assumir tua culpa. Terás que assumir teus crimes, advogadozinho extorquidor de bens e defensor de canalhas. Terás que bater nesse peito fatigado e assumir a responsabilidade perante milhares e milhares de crianças que usaste para criar “armadilhas-judiciais” contra ou a favor dos cônjugues e por ter, juntamente com as mães paranóicas e covardes, proibido o contato paterno com seus filhos.

E o mais louco de tudo isso é que contra ti nada pode ser feito, absolutamente nada, uma vez que tens a igreja, a justiça, a ralé e a burguesia inteira a teu favor e que tuas máscaras dominicais são: a TEOSOFIA, o CRISTIANISMO, o JUDAÍSMO, o BUDISMO, a POLÍTICA, o FUTEBOL e os CABARÉS. . .

Te olho curiosamente nos olhos e meus pensamentos se perdem ao longe por uns instantes e quando retornam, trazem na língua uma maldição de Platão: *“Se a vingança não te alcançar na terra ela te alcançará no inferno ou em outro lugar ainda mais terrível”*. Pagarás por todos teus caminhos duvidosos e terás que perambular pelos barrancos das estradas e só repousar na solidão do deserto, o rosto apoiado entre as mãos e um cáctus atravessado na garganta. Terás que despertar e perceber o tempo infame que investiste no processo sádico e mórbido imposto sobre a vida e sobre toda manifestação VITAL.

O aniquilamento de teu caráter começou há muito tempo, no momento em que nascias num hospital clerical, cercado por robôs de branco, ansiosos e preocupados acima de tudo, com o preço do parto. Foste aprendendo a mentir desde cedo, aprendeste a simular e a servir sob pena de castigo. Depois de adulto, acreditas piamente em tuas próprias dissimulações e mentiras e não há quem te possa arrancar desse atoleiro. . . nem através da lógica nem através do chicote.

Como intelectual, sempre oscilaste de um extremo a outro como o velho Mussolini. MARXISMO ou FASCISMO; IDEALISMO ou MATERIALISMO; DETERMINISMO ou DIALÉTICA; SENSUALISMO ou INTELLECTUALISMO; ATEÍSMO ou MISTICISMO; DEUS ou DIABO; PROMISCUIDADE ou ASCETISMO; VIDA ou MORTE! Sem nunca entender que todo esse maniqueísmo não passa de uma visão idiota da vida. Sofismas, mentiras e covardias escritas em uma mesa de hotel ou em uma sala de castelo. Retórica melancólica para confundir os espíritos decadentes e para injetar o VÍRUS do medo nas veias das civilizações.

Passaste toda tua adolescência “optando” por uma profissão, lutando para descobrir em qual bando te saírias melhor: um veterinário, um professor, um padre, um arquiteto, um rabino, um proxeneta. . . mesmo quando em teu íntimo cantava solenemente a voz de um cigano nômade e vagabundo. Preferiste ouvir a voz FUTURISTA da sociedade e hoje tens uma rede de hotéis, uma rede de escolas ou de supermercados, engordaste como um porco e suas na bunda como um macaco australiano. Oras todas as manhãs para teu DEUS que, longe de ser o DEUS dos primitivos, está simbolizado pelas AÇÕES DA BOLSA DE VALORES. Caíste na armadilha social e disseminas essa bactéria sobre teus filhos, sem o mínimo remorso. Lembras das palavras do Duce: CREDERE, OBBEDIRE, COMBATTERE? O fascismo parece ter deixado de ser um movimento social e ter-se transformado num fato celular-biológico que está em teu sêmen e em tua saliva.

Que comédia ridícula tua existência! Todos teus gestos são fecundos em dores! Todas tuas reivindicações levam a marca de tua escravidão e, enquanto trabalhas obsessivamente para acumular riquezas, permites abertamente o aniquilamento de tua sexualidade, e a subserviência a padrões enfurecidos e ávidos pela mais-valia. . .

És obrigado a mentir, a usar roupas de palhaço e a dar o rabo em nome da comunidade. Enquanto isso, um vagabundo se deleita ao sol grego, longe de tuas garras vampirescas. Enquanto isso, alguém caminha sem rumo pelas estradas de Marrocos, brincando e cantando com os mendigos sob o olhar melancólico das cabras, essas ruminadoras de cascalho que tanto lembram tua coreografia e tua “gestalt”. Enquanto pagas a oitava prestação de teu túmulo no cemitério mais luxuoso do Estado, centenas de combatentes palestinos apodrecem na superfície da areia. Enquanto contratas detetives para vigiar e controlar a intimidade de tua mulher, alguém que não pensa como tu a enlouquece de amor e desperta com o cantar dos pássaros ou com o apito de um barco pirata que invade as águas do caribe.

Flores, cogumelos, carneiros, casas brancas como a neve, uma mulher do mundo, o púbis em caracol de uma adolescente e alguns dólares amarrados numa bolsinha de couro. Talvez aí, e unicamente aí, esteja a vida. . . a razão primeira de nossa existência. Mas antes disso, terás que lutar e romper a barreira do tempo, essa muralha exqu coastrofênica que te separou de ti mesmo.

Um dia, enquanto a neve caía silenciosamente, alguém bateu à tua porta para pedir-te um prato de comida ou um trago de café e tu apareceste por detrás dos vidros da janela para gesticular negativamente, com essa cara de “cidadão respeitável” e com esse teu gesto de cristão eunuco. Depois, em outra oportunidade, estavas no Porto de Alcântara matando gaiotas por prazer e tentando me impedir de embarcar no Giulio Cesare. No Alentejo, dormi com tuas mulheres enquanto tu estavas em São Francisco rastejando aos pés de quatro ou cinco sionistas e sonhando que um dia voltarias para teu “querido Portugal”, curado da impotência e com os bolsos recheados de dólares. Trocaste tua mulher e teus filhos por uma

promessa sustentada no vil metal, sem saber quando conseguirás levantar-te deste abismo. E tua mulher também quer saber quando deixarás de pensar como o psicótico Jó, que gritava de mãos postas: MESMO QUE ME MATES, EM TI ESPERAREI! Quando, enfim, saltarás pela janela dessa prisão onde vives e entenderás que és imortal e eterno desde o momento em que te decidires a obedecer a lei da razão? ( \* )

(\*) “. . . descobri por mim que a velha humanidade, a antiga animalidade, a noite dos tempos em sua totalidade e o passado de qualquer ser sensível continuam a escrever em mim, a amar, odiar e concluir. . . desperto subitamente em meio a este sonho, mas acordo somente com a consciência de ter sonhado e de dever continuar a sonhar para não perecer: como deves fazer o sonâmbulo para não cair. O que é a aparência, agora, para mim? Certamente não será o contrário de um ser. . . que saberia eu dizer de qualquer que não fosse, que não seja os atributos de sua aparência? Aparência para mim é a própria vida e ação, a vida que troça suficientemente de si para mostrar-me que nela há apenas aparência, fogo-fátuo, dança dos elfos e nada mais; que em meio a tantos sonhadores também eu que “conheço” danço no mesmo passo que os demais; que o “conhecedor” é um meio do qual se serve para prolongar a dança terrestre, que ele faz parte, ao mesmo tempo dos córregos da existência e que o sublime espírito da seqüência, sublime coordenação de todos os conhecimentos, é talvez o meio supremo que lhe permitirá manter a generalidade do devaneio, o entendimento de todos esses sonhadores e destarte a duração do sonho”. (NIETZSCHE)

Te calas, não por sabedoria, mas por pânico e sei que esquecerás tudo o que leste neste MANIFESTO, cinco minutos depois de havê-lo lido. Basta um trago de cachaça, uma oração ou um miligrama de heroína para que tudo seja relegado ao “esquecimento”, ou não é verdade? E isso não significaria nada, se o silêncio e a timidez não fossem duas armas potentes da contrarrevolução. A vergonha, a modéstia, a humildade, etc., todas estas enfermidades do caráter, são e promovem sutilmente os espíritos contrarrevolucionários. Talvez seja pela certeza de tua amnésia que pretendo dedicar grande parte de minha vida à tarefa de conhecer-te, confundir-me com tuas castas, comer teus manjares totêmicos, escutar-te nas comemorações e nos funerais, sentir tua respiração, teus desejos e tua megalomania.

Escreves ficção e passas de uma primavera a outra inventando contos, anedotas ou novelas policiais que serão consumidas por uma burguesia estúpida que dispõe de tempo, dinheiro e que não sabe dormir sem essa espécie de VALLIUN. Mesmo pensando ser um intelectual, um erudito ou uma antena cultural, não passas de um assalariado que escreve para fazer rir ou chorar àqueles que não possuem nada dentro de si. Não sei se na essência, populacho, te diferencias das putas noturnas, apesar de ter certeza de que o mal que causas ao mundo é, às vezes, muito maior. “. . . O que é uma prostituta? A mesma coisa que uma operária, que uma caixa do banco, que uma funcionária do correio, apenas com a seguinte nuance: ela ganha a vida muito mais facilmente e seu cinismo radical a impede de acreditar na divindade do genital. O psiquiatra gostaria que ela fosse ninfômana ou psicopata; o Tartufo gostaria que ela tivesse isso na pele; a irmã caridosa desejaria preencher a carência afetiva que a jogou na degradação; o maoísta, afim de curá-la, a mandaria trabalhar no campo; e o trotskista a mandaria para a fábrica; quando na verdade sua única doença é o ATEÍSMO: ela perdeu a fé no GENITAL”. (B. F)

Em teus escritos, procuras, sutilmente, fazer-te passar por gênio e, por incrível que pareça, a multidão adormecida cai em tua armadilha. A multidão neurótica segue chorando diante do holocausto, gargalhando diante do Chaplin e mijando nas calças diante do Inferno de Dante. Ah, essa classe média é algo tão surrealista que não consegue dar nem mesmo um peido com naturalidade! Comerciantes, advogados, médicos, empresários, religiosos, ladrões, burocratas, contrabandistas. . . eis aí a classe mais crivada de tormentos, de farsas e de bobagens. Robespierre, Hitler, Mussolini, Franco, Salazar, Trujillo, Pilatos, Heródes, Somoza, Fulgêncio, a Inquisição. . . todos eram no íntimo, filhos e articuladores desta classe de víboras sem identidade, todos estavam furiosos pela certeza de que NÃO ERAM NADA, absolutamente nada!

É interessante seguir teus passos, intelectualzinho de meia tigela, que nem sequer foi molestado pela ditadura. Talvez um dia se descubra que todo intelectual que é tolerado por um regime autoritário é, indiscutivelmente reacionário, demagogo e hipócrita.

Te vejo saindo de casa pela manhã. Vestes uma jaqueta francesa, deixaste crescer a barba, levas um livro de Rosa Luxemburgo sob o braço e te observas nos espelhos das vitrines como uma profissional do Moulin Rouge. Estás convicto que a verdade te pertence, que ocuparás uma vaga na Academia de Letras e que a grande maioria desta sociedade analfabeta tirará o chapéu diante de tua sapiência. Teu delírio não é assim tão “delirante” e só quem conhece as raízes de tua história, da história do populacho, é que poderá entender a etiologia desse processo.

Quando convivo contigo além de quatro ou cinco dias não posso deixar de entender e acreditar no Breviário de Cioran que diz: “. . . existe mais suavidade no vício que na virtude, mais humanidade na depravação que no rigor. Um homem que reina e que não crê em nada, eis aqui o modelo de um paraíso de decadência, de uma soberana solução da história. Os oportunistas, até hoje, foram quem salvaram os povos; os heróis os arruinaram. É necessário sentir-se contemporâneo, não da revolução de Bonaparte, mas, sim, de FOUCHÉ e de TALLEYRAND (. . .)”.

E são poucas as esperanças de que venhas a afastar-te, um dia, dessa cloaca de SOCIEDADES herméticas, de EMPRESAS ANÔNIMAS, de RELIGIÕES ESQUIZÓIDES e de SERVIÇOS SECRETOS a que, com total dedicação, pelos anos afora, vens servindo. São poucas as esperanças de que, no futuro, venhas a transcender o papel ridículo de macho doméstico ou de EJACULADOR PRECOCE e, muito menos, que te afastes de todos os tabus, sob os quais, até hoje, como os canibais australianos, agonizas e esperneias de horror. Nunca saberás viver sem a sombra de teu chefe, sem o punho de teu agiota, sem uma ou duas relações sadomasoquistas por semana. . .

Quando, quando levantarás e apagarás de teu rosto a marca da bota de teus verdugos? Quando ensinarás teus filhos a questionar a vida, os dogmas, as mentiras e as farsas que os estados e a educação contemporânea lhes introjetam nas veias às forças? Quando preferirás uma criança rebelde, crítica, criativa e autônoma em lugar dessas pobres criaturas domesticadas, massificadas e servis que povoam tuas escolas? Quando entenderás que o que te diferencia dos NOBRES e dos RICOS é apenas a quantia de dinheiro que NÃO POSSUES, e que o que te diferencia dos miseráveis, mendigos e marginalizados é apenas a farsa que sustentas? Ah, teu silêncio e teu sorriso estóico são uma afronta à vida. . . simbolizas a mais abjeta das vergonhas que o mundo já conheceu!

Como dizia, às vezes chego a pensar que teu caso é orgânico, mas logo depois, percebo que o que te falta é discernimento, vontade, sabedoria e vergonha e que, indiscutivelmente, representas o HOMEM ACABADO deste mundo. Uma sombra inútil e petrificada num mundo cheio de encantamentos! De paixões irreverentes! De altos picos para escalar! És exatamente como aquele Conde que, trancado em sua mansão de inverno, só não se pendura numa corda, porque espera ansioso pelo seu contador. Tua gaveta está cheia de barbitúricos, estupefacientes, soníferos e narcóticos e teu intestino não funciona desde tua última noitada. Se me permites, sem que os abutres da medicina saibam, vou revelar-te um

segredo. TODOS OS GRANDES ASSASSINOS DA HISTÓRIA SOFRIAM DE PRISÃO DE VENTRE. Pobre ratazana! Pobre barrigudo que tens uma rede de apartamentos alugados e que sugas o sangue de trabalhadores vigorosos. . . és como dizia minha companheira, podre por dentro.

E de nada adianta levantar tua voz no SENADO ou no PARLAMENTO, no SINDICATO ou na SINAGOGA, na ACADEMIA DE LETRAS ou no ENCONTRO INTERNACIONAL DOS JOVENS ESPÍRITAS, para acusar-me de generalizar, de exagerar, descarregar minhas “frustrações” sobre o mundo, ser niilista, não ter nenhuma utilidade para o progresso humano, mijar sobre os tabus e dogmas morais, proclamar a libertinagem e o nomadismo, ser apolítico, ateu, individualista, egoísta, rebelde, comunista, anarquista ou, até, para espanto nacional, um *psicanalista*.

De nada adiantará essa tua atitude, pois já te vi diversas vezes no mesmo palco, com esse teu discurso mórbido, fanático e demagogo, e não convences ninguém, além de alguns velhotes ridículos como tu e de uma massa de beatas histéricas que, sempre e sempre, fortaleceram as DITADURAS e os IMPÉRIOS. . .

Agora, uma coisa é certa: com todo esse arsenal de imbecilidades e de “normalismos”, chegaste a dominar o mundo. Parabéns, populacho! O mundo te pertence, com tudo que nele nasce e se desenvolve, desde uma bactéria invisível no fundo de uma ferida, até a mais sensual das índias do norte. Soubeste semear enquanto o tempo estava a teu favor e agora colhes o fruto de tuas sementes e tens o direito de distorcer a vida e os rumos dos povos. PARABÉNS, líder carismático ou acionista de bens que foram engendrados com o braço e com a escravidão de milhares e milhares de anônimos! PARABÉNS, por sustentar-te intocável neste teatro de quarta categoria e por dar continuidade ao último ato dessa mentira miserável que é A SOCIEDADE MERCANTILISTA. . .

Ora, populacho, o ser humano está completamente alienado, frágil e estupidificado, ninguém tem dúvida disso; mas não a ponto de ignorar tuas trapaças por detrás dos bastidores.

Em teus atos e em teus discursos está claro que a grande catástrofe de tua vida refere-se a teu relacionamento afetivo com as mulheres, por teres proscrito a paixão de tuas vivências e deixado em seu lugar uma chama neurótica de sexualismo, de histerismo e de competição sem fim. Consciente ou não, fizeste da mulher tua maior inimiga, aquela que hoje te ironiza, te repudia, te explora e te induz a uma espécie de demência precoce. Sejamos íntegros: *bem que tu o mereces*. Agora, elas, as “oprimidas” durante séculos, roubam-te o sono, o dinheiro e a paz. Em troca, permitem que tu as penetres, vaginalmente, que ejacules em tuas entranhas e que as transforme em esposas, para cumprir com o mais ridículo dos mandamentos sociais, próprio para tua alma de tartufo. Que ironia! Isto acontece exatamente contigo, que tanto necessitas gozar e “descarregar” essa tensão muscular e emocional que te sufoca. . .

Já te ouvi dezenas de vezes “filosofar” sobre as mulheres, e teus conceitos sobre elas são tão concretos como o foram os da IGREJA sobre a constituição do UNIVERSO. Outras vezes te ouvi falando da mulher que idealizas: saudável, adoradora de jazz, com uma sexualidade assumida, atéia, simples e culta. . . Ora, populacho, é evidente que esta mulher não te suportaria. . .

## SÉTIMO E ÚLTIMO CAPÍTULO

*“ . . . la mejor manera de no sucumbir a una sola pasión, es tener varias pasiones. . . ”*

Vou à janela para assistir a teu trote nas ruas e para confirmar que realmente és como te descrevo, e as nuvens correm atônitas no espaço. Existem ruídos dispersos em uma construção e paisagens desoladas a teu redor. Um martelo vigoroso cumpre sua função na muralha da frente, um ou dois automóveis rodopiam no final de uma ruela e, de uma escola, escapam gritos e canções de crianças apátridas. CRIANÇAS! Aí se encontra a energia mais saudável deste mundo e só dela deveríamos esperar uma real transmutação de valores. Corro os olhos em direção ao norte, por sobre os galhos secos da vegetação longínqua, e os meus pensamentos brincam por entre os andaimes da história. Em meio a esta vegetação desértica, tu constróis teus campos de tortura e enterras tuas vítimas no silêncio da noite. . . como um abutre.

Ah, companheiro, sei o que vais dizer-me quando te encontro, quando aperto tuas mãos duras de escravo, teus dedos calejados de assassino ou tuas extremidades frias de depressivo. Conheço teu programa diário, semanal, anual e de toda sua vida: PASSAR O TEMPO. O tempo, esse monstro que insiste em tornar-te suportável. Tua essência foi perdida ainda antes dos cinco anos e, em seu lugar, instalaram-se as “sabedorias” dos professores, as obsessões religiosas, a repressão sexual, a compulsão pelo dinheiro e o repúdio à ti mesmo. Claro que não tens consciência de nada disso, pois teu servilismo, tuas origens e tuas crenças foram-te cegando e fechando tuas portas perceptivas. Fazes plástica no rosto, reformas teu guarda roupa e te submetes a situações vexatórias; mas sempre certo de que jamais lutarás para deixar de ser populacho. A vida para ti resume-se em EXISTIR, mas já te deste conta de que as pedras e os cavalos também existem? E que existe uma monumental diferença entre EXISTIR e VIVER?

Te percebo de longe e mudas de calçada quando me enxergas, porque sabes o que penso de ti e de teus cupinchas. Um dia te falaram de

Erasmus, de Cioran e de Nietzsche. Participaram-te grande parte dos segredos que as fronteiras escondem, do mecanismo psíquico que movimenta e dirige as massas, da importância da autonomia e da sexualidade criadora. . . E tu olhavas em pânico para quem te falava, os olhos injetados de sangue e os dedos trêmulos. Um dia te relataram sobre os desertos marroquinos, da praça DJEMA EF FNA onde dezenas de crianças dormem amontoadas e famintas. . . e tu te mantiveste indiferente, porque teus filhinhos dormem em berços seguros e confortáveis. Porque nunca foste enfrentar uma metralhadora no SAARA – nada disso te interessa. Ah, populacho! Neste dia as lágrimas brotaram em meus olhos e tu acotovelaste teus amigos com ironia, porque para ti, rir, chorar e gozar são símbolos de debilidade. Para ti, que não te diferencias de um iceberg, o homem deve ser frio, duro e inflexível para poder, sempre que possível, gritar, maltratar e explodir granadas no pátio das escolas ou nos pés de CULTURAS indefesas.

Patife assassino! Talvez eu ainda venha a amar-te um dia, mesmo depois de ter assistido tua violência nas ruas de Barcelona, na fronteira da Argélia e em vários outros cantos do mundo. Mesmo depois de viver vinte anos sob teu terror sistemático e ter presenciado a barbárie de teus massacres. Vestido com casemira inglesa ou esfarrapado na porta de um mercado, arrogante ou servil, príncipe ou pária. . . impossível confundir-te. Levas a marca da enfermidade neste olhar rápido e esquivo!

Entras como Homero pelas portas abertas da sociedade e não descobres nunca que és um ZERO à esquerda e que não saberias responder a alguém que te perguntasse: que significas TU, teu ESTADO, teu PAÍS, tua PÁTRIA e teu CONTINENTE? DE que serve teu patriotismo ridículo, teu nacionalismo e teu chauvinismo fanático? Vamos, levanta esse perfil de cachorro treinado e contempla esta noite de outono! Olha o movimento lento das estrelas e revoluciona esse teu coração desgastado que, até agora, só vivenciou o desencanto da vida.

Vais caminhando assim pela existência, inventando paixões, aventuras, façanhas e mentiras, para, de alguma maneira, sobreviver. E a velhice te encontra paranóico, doente e insuportável, porém cheio de riquezas, fortuna e escravos. Teus filhos ocupam posições “políticas” no ESTADO, tua filha é, enfim, uma pianista, o primogênito escolheu o celibato e o mais novo graduou-se na escola de medicina. . . tudo como havias previsto!

Chega por fim o dia de tua agonia e estás em coma numa cama de prata, cercado por teus familiares e por teus credores; uma cruz na mão direita e um testamento na esquerda. Em tua cabeceira são inaugurados candelabros orientais e expostas algumas fotos de tua juventude. Os abutres são, nada mais nada menos, que teus filhos, teus escravos, confessores e tuas amantes que te repartem aos grunhidos.

Em uma igreja cheia de pompas, um padre discursa veementemente, usando uma terminologia mórbida e apocalíptica que tenta arrancar lágrimas e convulsões dos presentes. Uma beata senta-se ao

piano e executa a TANHAUSER de Wagner, aquela mesma Tanhauser que em vida nunca tiveste o desejo de ouvir. . . Teu cadáver vai tético, sobre uma carruagem, em direção ao cemitério e o mesmo sacristão que te cobrava mensalmente o dízimo ordena que te cubram de terra.

Os dois ou três alcoólatras que cavaram tua sepultura manipulam teu ataúde com a mesma indiferença de ontem, quando enterraram um mendigo encontrado podre e sujo perto do porto. Não és nada! Nada mais que um cadáver de populacho rico! Nada mais que um corpo ressecado pela ausência da vida, um corpo que viveu como um pária e que morreu como um pária. . .

A terra cobre tua máscara rígida, todos te viram as costas e se vão, livres de tuas arbitrariedades e de tuas exigências. Alguém discute sobre a bolsa de valores, sobre a importância dos barbitúricos, do matrimônio e da SAGRADA COMUNHÃO. Com certeza, amanhã engendrarão mais um filho, comprarão outra casa de campo, outro automóvel, farão viagens aos CHAMPS ELISÉES, terão outro médico na família e continuarão pagando o dízimo em dia para que não lhes seja negado este último ritual. Pobre populacho! Morres todos os dias, mas consegues fazer com que teus herdeiros te perpetuem. És como a peste: te manténs intocável por debaixo das unhas dos homens e na parte interna da fechadura dos castelos, sem sequer imaginar que somos LUTA, ÊXITO, FIM e CONTRADIÇÃO DESSE FIM. . .

Sem muitas esperanças, e na eminência de pôr um ponto final neste MANIFESTO, deixo-te um “teste”, para que tu mesmo, nos teus momentos de júbilo ou de desastre, possas verificar a quantas andam teus humores ideológicos ( \* ).

## **I. JÁ SENTISTE, PELO MENOS UMA VEZ, O DESEJO DE CHEGAR TARDE A TEU TRABALHO E DELE SAIR O MAIS CEDO POSSÍVEL?**

Neste caso compreendeste que:

a). O tempo de trabalho tem peso duplo, porque é tempo perdido duas vezes: como tempo que seria mais agradável se empregado no amor, no sonho, nos prazeres e nas paixões, por um lado, e como tempo de desgaste físico e mental, por outro.

b). O tempo de trabalho absorve a maior parte de nossa vida, uma vez que determina também o tempo chamado “livre”, o tempo de ócio, de transporte, de almoço, de distração. Desta maneira, atinge o conjunto da vida cotidiana de cada pessoa e tende a reduzi-la a uma sucessão de instantes e de lugares que possuem em comum a mesma repetição vazia e a mesma e crescente ausência de vida.

(\*) “teste baseado no conteúdo do livro De la huelga salvaje a le autogestión generalizada. Ediciones Acción Directa, RATGEB

c). O tempo de trabalho “forçado” é uma mercadoria. Em qualquer parte onde exista mercadoria, existe trabalho forçado e quase todas as atividades, pouco a pouco, vão se aliando a ele: produzimos, consumimos, comemos e dormimos para um patrão, para um chefe, para o ESTADO, para o sistema da mercadoria generalizada.

d). Trabalhar mais é viver menos, etc., e já lutas, conscientemente ou não, por uma sociedade que assegure a cada um o direito de dispor por si mesmo do tempo e do espaço, de construir sua própria vida, como a desejar.

## **II. JÁ SENTISTE, PELO MENOS UMA VEZ, O DIREITO DE NÃO TRABALHAR MAIS, SEM QUER FAZER COM QUE OUTROS TRABALHEM PARA TI?**

Neste caso compreendeste que:

a). Se o trabalho forçado produzisse apenas bens úteis, tais como vestidos, alimentos, técnica, etc., nem por isso seria menos opressor e menos desumano, porque o trabalhador seguiria sendo alienado de seu produto e submetido às mesmas leis trabalhistas em proveito do poder. O trabalhador continuaria passando no trabalho dez vezes mais do que o tempo necessário para uma organização atrativa e criativa, capaz de colocar à disposição de todos, um número de bens cem vezes maior.

b). O objetivo do sistema mercantilista que domina em todas as partes, não é, como pretendem nos fazer crer, produzir bens úteis e agradáveis para todos. . . Sua finalidade é produzir mercadorias, independente do que estas possam ter de útil, inútil ou contaminante. As mercadorias não têm outra função além da de manter o lucro e o poder da classe dominante. Em um sistema como esse, todos trabalham para nada e cada vez possuem mais consciência disso.

c). Acumulando e renovando as mercadorias, o trabalho aumenta o poder dos patrões, dos burocratas, dos chefes, dos ideólogos. Converte-se dessa forma, em desgosto dos trabalhadores. Toda interrupção do trabalho é uma maneira de voltarmos a ser nós mesmos e um desafio àqueles que nos escravizam.

d). O trabalho alienado produz apenas mercadorias e toda mercadoria é inseparável da mentira que representa. O trabalho alienado produz mentiras, produz um mundo de falsas representações, um mundo ao avesso, no qual a imagem ocupa o lugar da realidade. Neste sistema espetacular e mercantilista, o trabalho alienado produz duas mentiras importantes, relacionadas com ele: a primeira é que o trabalho é útil e necessário e que trabalhar é de interesse de todos; a segunda é pensar que os trabalhadores são incapazes de emancipar-se do trabalho e do salário, como se não pudessem edificar uma sociedade radicalmente nova, fundada na criação coletiva e atraente, e sobre a autogestão generalizada.

E já lutas, conscientemente ou não, por uma sociedade onde o trabalho alienado deve dar lugar a uma criatividade coletiva, regulada pelos

desejos de cada um e pela distribuição gratuita dos bens necessários para a construção da vida cotidiana. O fim do trabalho alienado significa o fim do sistema onde dominam o proveito pessoal, o poder hierarquizado e a mentira geral. Significa o fim do sistema mercantilista e o começo de uma mudança global de todas as preocupações e da harmonia das paixões, que, por fim liberadas e reconhecidas, vão substituir a corrida neurótica pelo dinheiro e pelas migalhas do PODER.

### **III. JÁ TE ACONTECEU SENTIR FORA DO LUGAR DO TRABALHO O MESMO DESGOSTO E A MESMA APATIA QUE SENTES NA FÁBRICA?**

Neste caso já compreendeste que:

a). A fábrica está em todas as partes. É o amanhã, o trem, o carro, a paisagem destruída, a máquina, os chefes, a casa, os jornais, a família, o sindicato, a rua, as compras, as imagens, o pagamento, a televisão, a linguagem, a escola, o matrimônio, a depressão, o hospital, a noite. É o tempo e os espaços da sobrevivência cotidiana. É o condicionamento aos gestos repetidos, às paixões reprimidas e vividas por procuração através de imagens.

b). Toda atividade reduzida à sobrevivência é um trabalho forçado. Todo trabalho forçado transforma o produto e o produtor em um objeto de sobrevivência, em mercadoria.

E já lutas, conscientemente ou não, por uma sociedade onde as paixões sejam TUDO, o aborrecimento e o trabalho NADA. Até hoje, a luta pela sobrevivência nos impediu de viver. Agora, a partir de agora, queremos inverter as coisas e desfrutar de uma felicidade real, do prazer sem reservas e das paixões.

### **IV. JÁ SENTISTE VONTADE DE NÃO LER MAIS JORNAIS E DE QUEBRAR EM MIL PEDAÇOS O TEU TELEVISOR?**

Neste caso compreendeste que:

a). Os jornais, o rádio e a televisão são os veículos mais ridículos da mentira. Não apenas nos afastam dos verdadeiros problemas como empurram todos os indivíduos a identificarem-se com imagens feitas, a colocarem-se abstratamente no lugar de um chefe de ESTADO, de uma vedete, de um assassino, de uma vítima, enfim, a reagir como se fosse outro. As imagens que nos dominam são o triunfo do que nós não somos e daquilo que nos aliena de nós mesmos, daquilo que nos transforma em objetos a classificar, a etiquetar e a hierarquizar segundo o sistema de mercadorias universalizadas.

b). Existe uma linguagem a serviço do PODER. Não está apenas na informação, na publicidade, nas idéias feitas, nos hábitos e nos gestos condicionados. Está também em toda linguagem que não prepara a

revolução da vida cotidiana e em toda a linguagem que não está posta a serviço de nossos prazeres.

c). O sistema mercantilista impõe suas representações, suas imagens, e seus sentidos, cada vez que alguém trabalha para ele. Isto é dizer que se impõe a maior parte do tempo. Este conjunto de idéias, imagens, identificações e condutas determinadas pela necessidade de acumulação e de renovação de mercadorias forma o ESPETÁCULO onde cada um representa aquilo que não vive e vive falsamente aquilo que não é. É por isso que o papel e a função de cada um é uma mentira evidente e a sobrevivência é um mal estar sem fim.

d). O espetáculo (ideologias, cultura, arte, papéis, imagens, representações, palavras-mercadoria, etc.) é o conjunto das condutas sociais pelas quais os homens no sistema mercantilista, participam dele contra ELES mesmos, convertendo-se em objetos de sobrevivência, renunciando ao prazer de viver realmente para si e de construir livremente a sua vida.

e). Sobrevivemos em um conjunto de imagens com as quais somos empurrados a identificar-nos. Atuamos cada vez menos por nós mesmos e cada vez mais em função de abstrações que nos dirigem segundo as leis de CÃO do comércio.

f). Os papéis ou as ideologias podem ser favoráveis ou hostis ao sistema dominante. Isso não importa muito, uma vez que permanecem no espetáculo. Só é revolucionário o que destrói a mercadoria e seu sistema.

E já estás farto da mentira organizada, da realidade invertida, das máscaras que imitam a vida verdadeira e que acabam por empobrecê-la. Já lutas, conscientemente ou não, por uma sociedade onde o direito à comunicação real pertence a todos, onde cada um pode dar a conhecer o que quer, onde a construção de uma vida apaixonante líquida, de uma vez por todas, a necessidade de representar um papel e de dar mais importância às aparências do que ao vivido autenticamente.

## **V. JÁ EXPERIMENTASTE A SENSÇÃO DESAGRADÁVEL DE NÃO TE PERTENCER OU DE SER UM ESTRANHO A TI MESMO?**

Neste caso compreendeste que:

a). Através de cada um de nossos gestos mecanizados, repetidos, separados uns dos outros, o tempo se dismantela e, pedaço a pedaço, nos arranca de nós mesmos. E estes tempos mortos se reproduzem e se acumulam trabalhando e fazendo-nos trabalhar para a reprodução e para a acumulação de mercadorias.

b). O envelhecimento não é outra coisa, hoje em dia, que o acréscimo dos tempos mortos, do tempo onde a vida se perde. É por isso que já não existem jovens nem velhos, apenas indivíduos mais ou menos vivos. Nossos inimigos são aqueles que acreditam e que fazem acreditar que uma mudança global é impossível. São os mortos que nos governam, e mortos os que nos deixam governar.

c). Trabalhamos, comemos, lemos, dormimos, consumimos cultura, tiramos férias, recebemos cuidados e assim sobrevivemos para um sistema totalitário e desumano, para uma religião de coisas e de imagens que nos recupera quase em todas as partes e quase sempre para aumentar o lucro e para consumir as migalhas do PODER e da classe burocrática-burguesa.

d). Criando apaixonadamente as condições favoráveis ao desenvolvimento das paixões, queremos destruir o que nos destrói. A revolução é a paixão que nos permite todas as demais. Paixão sem revolução não é mais que a ruína do prazer.

De fato, estás farto de arrastar tempos mortos em obrigações. E já lutas, conscientemente ou não, por uma sociedade cuja base não será, NUNCA MAIS, a profissão para o proveito do poder, mas sim a busca de harmonia das paixões de viver.

## **VI. SEMPRE QUE TE APRESENTA A SITUAÇÃO, TENS VONTADE DE QUEBRAR A CARA DE TEU CHEFE OU DE QUEM TE TRATE COMO SE FOSSES UM SUBORDINADO?**

Neste caso compreendeste que:

a). Converter-se em chefe é deixar de ser humano. O chefe é o embalador e a embalagem da mercadoria. Fora do sistema mercantilista, não possuem nenhuma utilidade. Como a mercadoria, se reproduzem e se acumulam e se medem pela quantidade de PODER que detenham na hierarquia.

b). Quanto mais se descentraliza e se estende o PODER por todos os lados, mais o PODER se reforça e mais se debilita. Quanto mais chefes existirem, mais impotentes serão, mais a máquina burocrática girará no vazio, sendo imposta sobre todos, a aparência de seu poder total, fazendo com que as pessoas aprendam a repudiar a servidão.

c). Em qualquer lugar onde existe autoridade, existe sacrifício e vice-versa. O chefe e o militante são o mesmo obstáculo à revolução, o ponto onde esta regride e se converte no contrário da emancipação.

De fato, já lutas por uma sociedade sem obrigações nem sacrifícios, onde cada um seja seu próprio dono e viva em tais condições que nunca venha a tratar outro homem como se este fosse um escravo; uma sociedade sem classe, onde o poder delegado aos conselhos, sejam exercitados sob o controle permanente e pela vontade de cada indivíduo em particular.

## **VII. JÁ TIVESTE O DESEJO DE CUSPIR SOBRE O PADRE QUE PASSA? SENTIDO DESEJO DE QUEIMAR UMA IGREJA, UM TEMPLO, UMA MESQUITA OU UMA SINAGOGA?**

Neste caso compreendeste que:

a). A religião é o ópio da criatura oprimida.

b) Toda religião chama ao sacrifício, tudo o que chama ao sacrifício é religioso.

c). A religião é o modelo universal da mentira, a inversão do real em proveito de um mundo místico, que se converterá, quando for desacralizado, no espetáculo mais grosseiro da vida cotidiana.

d). O sistema mercantilista desacraliza, destrói o espírito religioso e ridiculariza seus testas de ferro (papa, alcorão, bíblia, crucifixo. . .) mas ao mesmo tempo os conserva como uma incitação permanente a transferir a aparência ao real, o sofrimento ao prazer, o espetáculo à participação, a submissão à liberdade, o sistema dominante às paixões. O espetáculo é a nova religião; a cultura é seu espírito crítico.

e). Os símbolos religiosos testemunham a permanência do desprezo que os regimes hierárquicos de todos os tempos tiveram pelos homens. Tomando apenas um exemplo, o CRISTO. . . Na primeira fila das sucursais de produtos divinos, as igrejas cristãs adotaram, sob a pressão do processo mercantilista, uma exibição gigantesca que não acabará a não ser com a desapareção completa de seu Slogan publicitário, o camaleão Jesus. Filho de Deus, filho de virgem, fazedor de milagres e pãezinhos, militante e membro do serviço da ordem, acusador e acusado, trabalhador voluntário e astronauta, não existe papel que não esteja ao alcance desse surpreendente autor. O vimos como vendedor de sofrimentos, como comissionado de graças, como socialista, como anti-fascista, como stalinista, como barbudo, como reichniano, como anarquista, etc. Tem sido o guru de todos os ensinamentos, esteve sob todas as bandeiras, em todos os desprezos de si, em ambos os lados do garrote, na maioria das execuções capitais, onde ocupou seu lugar tanto na mão do verdugo como na do condenado. Tem seu lugar reservado nas comissarias de polícia, nas prisões, nas escolas, nos bordéis, nos quartéis, nos grandes armazéns e até nas áreas de guerrilha. Serviu de pendente e de espantalho para manter os mortos em paz e os vivos de joelho, de tortura e de regime para emagrecer; servirá de símbolo sexual quando os vendedores de santos prepúcios tenham reabilitado comercialmente o pecado. Pobre Maomé! Pobre Buda! Pobre Confúcio! Tristes representantes de firmas competidoras e sem imaginação nem dinamismo. . . Jesus ganha em todas as frentes. Jesus Cristo super droga e super Star: as porcarias sagradas e montadas como amuletos são o símbolo mais cabal do homem como mercadoria UNIVERSAL. . .

E já lutas, conscientemente ou não, por uma sociedade onde tenha desaparecido a organização do sofrimento e de suas compensações, onde, sendo cada um seu próprio dono, a idéia de Deus não tenha mais sentido e onde, sobretudo, os problemas do viver autêntico e das paixões a satisfazer, triunfarão definitivamente sobre os problemas da vida e das paixões reprimidas.

## **VIII. SENTES DESEJO DE FAZER AMOR DIARIAMENTE, NÃO POR HÁBITO, MAS SIM POR PAIXÃO, TANTO COM TUA COMPANHEIRA, COMO COM QUALQUER OUTRA QUE TOQUE O EIXO DE TEUS SENTIMENTOS?**

Neste caso, compreendeste que:

a). É necessário acabar com as reservas impostas ao AMOR; trate-se de tabus, conveniências, apropriação, ciúmes, libertinagem, violação ou de qualquer outra forma de mudança que, desde o escandinavismo até à prostituição, transforma a arte de AMAR em relações entre coisas.

b). Já estás farto do prazer misturado com angústia; do amor vivido de forma incompleta, deformado ou inautêntico; do gozo por procuração e das imagens higiênicas; das paixões entorpecidas e reprimidas que empregam para destruir-se a energia que usariam para realizar-se em uma sociedade que favorecesse sua harmonização.

c). Todo mundo busca, confessando-o ou não, o AMOR-PAIXÃO múltiplo e unitário. Queremos criar socialmente condições históricas de uma passional permanente, de um gozo sem outro limite que o esgotamento das possibilidades, de um jogo onde o prazer e o desprazer redescubram sua positividade.

d). O AMOR é inseparável da realização individual, da comunicação entre os indivíduos, da participação autêntica e passional em um projeto comum. É inseparável da luta por uma AUTOGESTÃO GENERALIZADA.

e). Não existe prazer que não descubra sentido na luta REVOLUCIONÁRIA e, igualmente, a revolução não tem objetivo mais elevado do que realizar, além de criar as condições para que os indivíduos realizem, todos os seus prazeres em seu desenvolvimento.

De fato já lutas, conscientemente ou não, por uma sociedade onde o máximo de possibilidades será arrumado de modo que se multipliquem os reagrupamentos livres e mutantes entre pessoas atraídas pelas mesmas atividades ou, pelos prazeres e paixões.

## **IX. ESTÁS ENOJADO PELA DESTRUIÇÃO SISTEMÁTICA DO CAMPO E DA PAISAGEM URBANA?**

Neste caso entendeste que:

a). O urbanismo é a apropriação do território pelo sistema mercantilista e seus policiais.

b). A miséria do decorado espetacular é o decorado da miséria generalizada.

c). Urbanista: sociólogo: : ideólogo: polícia.

d). Para o sistema dominante, não existe a paisagem, nem a natureza, em a rua para passar. Existe apenas a rentabilidade do metro quadrado, a mais-valia do prestígio para manutenção de um quadro de verdura, de árvores ou de rochas; as expulsões e os reagrupamentos

hierarquizados da população; os terrenos de SEGURANÇA NACIONAL e um habitat estudado para condicionar o aborrecimento e passividade.

e). O PODER já nem trata de dissimular o fato de que as ações territoriais estão concebidas, principalmente e diretamente, em função de uma nova guerra civil: as estradas são reforçadas para garantir a passagem de tanques; as casas e os conjuntos recentemente construídos ocultam câmaras que transmitem às autoridades, noite e dia, uma vista panorâmica das ruas; nos edifícios modernos estão previstas “cabines de tiro” para uso dos atiradores de ELITE da polícia.

f). O olhar que o SISTEMA dominante projeta sobre todas as coisas as transforma em mercadoria. A ideologia é o olho artificial do PODER, o que permite ver vivo o que já está morto, o que já está transformado em mercadoria.

De fato, já lutas, conscientemente ou não, por uma sociedade onde tua vontade de escapar do urbanismo e das ideologias se traduza na liberdade de organizar segundo tuas paixões o espaço e o tempo de tua vida cotidiana, de construir teus próprios lugares de moradia, de praticar o nomadismo, de converter as cidades em apaixonantes e lúdicas.

## **X. SENTES UMA DESCONFIANÇA INSTINTIVA POR TUDO O QUE É INTELLECTUAL E QUE IMPURRA PARA A INTELLECTUALIZAÇÃO?**

Neste caso compreendeste que:

a). A função intelectual é, com a função manual, o resultado da divisão social do trabalho. A função intelectual é uma função e AMO; a função manual, uma função de ESCRAVO. Uma e outra são igualmente desprezíveis e as aboliremos abolindo a divisão do trabalho e a sociedade de classes.

b). Na luta de burguesia revolucionária contra a classe feudal e o espírito religioso, a cultura foi uma arma de libertação parcial, uma arma de desmistificação. Quando a burguesia se converteu, por sua vez, em classe dominante, a cultura conservou por um certo tempo sua forma revolucionária. Intelectuais como Fourier, Marx e Bakunin extraíram das reivindicações uma teoria radical que, pensada e praticada pelos trabalhadores, poderia ter liquidado rapidamente os opressores.

c). Pelo contrário, os pensadores especializados dos trabalhadores, representando os homens políticos, os guias da classe trabalhadora, transformaram a TEORIA RADICAL em ideologia, isto é, numa mentira, idéias a serviço dos AMOS.

d). Os intelectuais são o exército de reserva da burocracia, trate-se de intelectuais trabalhistas ou de trabalhadores intelectuais.

e). Hoje, a cultura é uma forma de integração intelectual ao espetáculo, a etiqueta de qualidade que faz vender toda as mercadorias, a iniciação invertida ao mundo mercantil. Sob o pretexto da necessidade de instruir-se, a cultura recupera a necessidade de conhecimento prático e o

transforma em saber separado; impõe uma mais-valia de saber abstrato, uma compensação ao vazio da vida cotidiana, uma promoção na burocracia dos especialistas. Porque um saber que se crê independente, acaba sempre por servir ao sistema mercantilista.

f). Em particular, o pretendido SABER ECONÔMICO é uma mistificação burocrático-burguesa. Não tem sentido a não ser na organização capitalista da economia e, assim mesmo, quando for abolida, cada operário estará melhor preparado para organizar a nova produção que o mais sábio dos economistas.

g). O repúdio à intelectualização não tem sentido fora da luta pela liquidação da DIVISÃO DO TRABALHO, da hierarquia e do ESTADO.

h). Os intelectuais operários são uns imbecis e uns traidores. Como intelectuais aceitam, vergonhosamente ou não, conservar uma missão dirigente. Sob o papel e a função de operário, perpetuam o engano do papel e uma função de escravo da qual nenhum operário quer saber mais nada. Ao escolher o trabalho em fábricas, enquanto que os operários são obrigados a fazê-lo e esperam avidamente pelo momento de livrar-se definitivamente dele, são ridículos e contrarrevolucionários, porque a busca de sacrifícios é sempre contrarrevolucionária.

i). Os operários que se orgulham de ser intelectuais são tão covardes como qualquer candidato dirigente, apostando sobre o servilismo dos “bons operários”.

De fato, já lutas conscientemente ou não, por uma sociedade que se organize de tal forma que as separações desapareçam, que o SABER esteja em todas as partes (como “deus”); que a razão e a paixão sejam inseparáveis e que a superação da divisão do trabalho, levada até suas últimas conseqüências, crie verdadeiramente as condições para a harmonização social.

## **XI. SENTES O MESMO DESPREZO POR AQUELES QUE FAZEM POLÍTICA QUE POR AQUELES QUE NÃO FAZEM, MAS QUE DEIXAM OS DEMAIS FAZÊ-LA POR ELES?**

Neste caso, compreendeste que:

a). É tradicional considerar aos homens políticos como os CLOWNS do espetáculo ideológico. Isso permite desprezá-los enquanto se continua votando neles.

b). A política é sempre a razão do ESTADO. Para terminar com ela, é necessário acabar com o sistema mercantilista e sua organização de proteção: o ESTADO.

c). Não existe parlamentarismo revolucionário, como não existe e não existirá jamais ESTADO revolucionário. Entre os regimes parlamentares e os regimes ditatoriais não existe mais que a diferença: diferença entre força da mentira e a verdade do TERROR.

d). Como toda ideologia, como toda atividade separada, a política recupera as reivindicações radicais para dividí-las e transformá-las em seu

contrário. Por exemplo: a vontade de mudar a vida se converte, entre as mãos dos partidos e dos sindicatos, em uma reivindicação do salário, de tempo livre e de outras melhorias da sobrevivência que não fazem mais que aumentar o mal-estar, fazendo-o mais ou menos confortável momentaneamente.

e). As grandes ideologias políticas (NACIONALISMO, SOCIALISMO, COMUNISMO, etc.) perderam o atrativo à medida que as condutas sociais impostas pelo imperialismo da mercadoria multiplicavam as IDEOLOGIAS DO BOLSO. Por sua vez, as migalhas ideológicas se politizam em agrupamentos grosseiros para a direita ou para a esquerda. Isto não é mais do que uma maneira de afastar as pessoas da única preocupação que realmente lhes importa: *MUDAR SUAS VIDAS*, no sentido do enriquecimento e das aventuras passionais.

f). Não existe ninguém que não lute por si e que não chegue, a maior parte do tempo, a lutar contra si mesmo. A ação política é uma das causas principais desta inversão do resultado buscado. Só a luta pela *autogestão* de todos, em tudo, responde ao desejo real de cada indivíduo.

De fato, já lutas, conscientemente ou não, por uma sociedade onde a decisão pertença a todos; onde as divergências entre os indivíduos e grupos sejam resolvidas de tal forma que não cheguem à destruição mútua, mas sim ao contrário: AO FORTALECIMENTO. É necessário que a parte lúdica aprisionada e afogada na política seja liberada em um jogo de relações entre os indivíduos e entre os grupos de afinidades, através de relações equilibradas e harmônicas de acordos e desacordos.

## **XII. SENTES QUE JÁ ESTÁS FARTO DE TUA ESPOSA OU DE TEU ESPOSO, DE TEUS FILHOS, TRABALHOS CASEIROS E DAS OBRIGAÇÕES FAMILIARES?**

Neste caso, compreendeste que:

a). A família é a menor unidade de agressão social, a escola da mentira, o condicionamento à submissão, o caminho da repressão, a destruição sistemática da criatividade da infância, o lugar comum da estupidez, do ressentimento e da rebelião tele-dirigida.

b). A autoridade familiar não cessa de crescer e de ser impugnada, à medida em que o sistema mercantilista diminui o poder dos homens em proveito de mecanismos opressivos, onde as pessoas de poder não são mais que engrenagens. O sistema mercantilista conserva, desta maneira, a família, esvaziando-a de seus significados antigos quase humanos, tornando-a ainda mais insuportável.

c). A família é o lugar onde todas as humilhações de ter sido tratado como objeto na sociedade de sobrevivência dão o direito de humilhar e de transformar em objeto, todos aqueles que formam parte da mesma.

d). A emancipação das mulheres é inseparável da emancipação das crianças e da emancipação dos homens. A abolição da família é

inseparável da abolição do sistema mercantilista. Toda reivindicação separada do conjunto não é mais que demagogia e reformismo.

e). O imperialismo mercantilista que destrói a família tradicional faz da família um lugar de passividade e submissão ao sistema.

De fato, já lutas, conscientemente ou não, por uma sociedade onde cada um disponha livremente de si mesmo sem depender de ninguém, sem estar submetido a um sistema opressivo, não formulando mais que os problemas de harmonização de seus DESEJOS. Uma sociedade que se preocupe, prioritariamente, com a supressão dos trabalhos domésticos e que deixe a educação das crianças aos voluntários, começando pelas próprias crianças.

**XIII. SENTES A NECESSIDADE DE FALAR COM ALGUÉM QUE TE COMPREENDA E QUE ATUE NO MESMO SENTIDO QUE TU (REPÚDIO AO TRABALHO ALIENADO, ÀS OBRIGAÇÕES ESQUIZOFRÊNICAS IMPOSTAS PELA SOCIEDADE, À MERCADORIA, E ÀS VERDADES DA MENTIRA QUE CONSTITUEM ESTE RIDÍCULO ESPETÁCULO)?**

Neste caso, compreendeste que:

a). O hábito de falar para não dizer nada, de perder-se em falsos problemas, de prestar ouvidos àqueles que falam de uma maneira e atuam de outra, de deixar-se ir ao desgaste das estupidezes cotidianas e do repetitivo, é também uma maneira de impedir que cada um reconheça suas paixões, seus desejos de vida autêntica e seus verdadeiros interesses.

b). Toda intervenção que não acaba em medidas práticas é “papo furado”, uma maneira de impedir a saída do veneno. Toda medida prática que não acabe em melhoria da vida de cada um, não faz senão reforçar sua opressão; e nada pode melhorar verdadeiramente a vida, sem a destruição do sistema opressor.

c). Toda reunião deve chegar rapidamente a uma decisão ou ser sabotada.

d). O que fica preso na linguagem, logo se converte em ideologia, isto é, *EM MENTIRA*, como tudo aquilo que contam os membros dos aparelhos burocráticos.

e). Contra a linguagem dominante e falsa, a melhor garantia das reuniões é deixar claro que não queremos nem belos discursantes, nem oradores que empreguem efeitos de estilo; mas sim, a linguagem dos atos, das proposições concretas e dos planos de ação bem elaborados por nós mesmos. Já é tempo de aplicar o aperfeiçoamento sobre os atos e não sobre as frases.

Se esta e todas as demais questões já foram levantadas por ti, companheiro, é hora de deixar de chamar-te de POPULACHO, porque já lutas, conscientemente ou não, por uma sociedade onde as palavras não sirvam para dissimular, mas sim para prolongar realmente nossos desejos; para que sejam as porta-vozes fiéis daquilo que queremos: A REVOLUÇÃO TOTAL DE TODOS OS VALORES.

Se já levantaste estas questões, então começa a entender que é chegado o momento de abandonar a posição covarde que assumiste até agora e de ter certeza de que *NÃO É POSSÍVEL* criar um mundo saudável, livre e prazeroso, educando os homens para que sejam *IDIOTAS, TÍMIDOS* e *SERVIS*, e que, pelo contrário, é necessário educá-los *ANARQUIISTAS, AVENTUREIROS, LIBERTINOS, VALENTES E DONOS DE SEUS PRÓPRIOS CORAÇÕES*. . . Levanta-te e luta! (fim de mais um panfleto).

ézio flavio bazzo  
Ciudad de México, 1979  
Brasília, 1987

**ESTE LIVRO PODERÁ SER PEDIDO ATRAVÉS DA  
Lilith Publicadora & Cia  
Caixa Postal 152977  
Brasília – DF.**

## SOBRE A DIGITALIZAÇÃO DESTA OBRA:

Eu, que assino como *Alberto Krishna*, digitei e revisei este livro. A versão original do livro, que foi publicado pela *Lilith Editora & Cia*, como se pode ler no Prefácio, não possuía direitos autorais: era grátis. Essa versão, é claro, é grátis também. Ou seja: você pode copiar a vontade o texto, extrair pedaços deles imprimir e levar para onde você quiser ou presentear alguém com esse texto... tanto faz. Mas... sendo grátis, a partir do momento em que você resolve vender esse livro ou, de alguma forma, usá-lo para ganhar dinheiro, poderei dizer com certeza de que você é um grande FILHO DA PUTA, a personificação do Populacho descrito nesta obra. Este livro é para todos, e não para os que podem pagar. Se você pagou para tê-lo, você foi ROUBADO, exija seus direitos, reclame com o babaca que te vendeu, dê-lhe umas boas pancadas para que ele aprenda, tanto faz. Só espero que muitos se beneficiem da sabedoria contida neste livro e que espalhem como puderem essa leitura, pois, como disse, é para todos. Este é um manifesto a todos, é um manifesto à humanidade. Então, boa leitura e boa reflexão.

Alberto Krishna